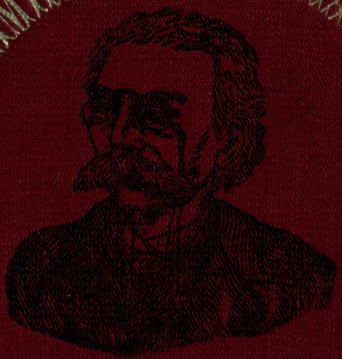
CAMILLO CASTELLO BRANCO



OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

RB169,889

OBRA BRANCO

Cada 220 e 320

I. C Irmans. —
III. A os Felizes.
— V. O al. — VII. O
Senhor nathema. —
IX, A M nas. — XI e
XII. Co J. C. Vieira
de Cast — XIII. Di-
vindad Candal. —
XV. Du ny. — XVII,
XVIII e

NOV REIRA

A ADO

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

N.º 1 ustre Tartarin) 1 vol. de
N.º 2 paginas.
N.º 3 — Madame Chrysanthème, de Pierre Loti, 1 vol. de 200 paginas.
N.º 4 — Sapho, de A. Daudet, 1 vol. de 200 paginas.
N.º 5 — Negro e côr de rosa, de Jorge Ohnet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 6 — O senador Ignacio, de Th. Cahu *(Théo-Crit)*, 1 vol. de 210 paginas.
N.º 7 — Jettatura, de Theophile Gauthier, 1 vol. de 170 paginas.
N.º 8 — Casa com escriptos, de Carlos Dickens.
N.º 9 — O canteiro de Saint-Point, de Lamartine.
N.º 10 — Rosa e Ninette, de A. Daudet.
N.º 11 — Primeiro amor, de Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.
N.º 12 — Peccado mortal, de André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.
N.º 13 — O Judeu, de Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.
N.º 14 — O tanoeiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol. de 170 pag.
N.º 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.
N.º 16 — Vida phantastica, por Mèry, 1 volume de 170 pag.
N.º 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
N.º 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert, 1 vol. de 170 paginas.
N.º 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet, 1 vol. de 200 paginas.
N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
N.º 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇAO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel. Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina. Para as provincias accresce o porte do correio

Volumes publicados

N.º 1 — *Tristezas á Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merimée, traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel, 1 vol. (2.ª edição).
N.º 5 — *O direito dos filhos*, George Ohnet, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance historico por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite*, romance phantastico, por P. Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, po Trindade Coelho, 1 vol.
N.ºs 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.ºs 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.ºs 20 e 21 — *A irmã da Caridade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.
N.º 24 — *Contos*, de Affonso Botelho, 1 vol.
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophilo Braga, 1 vol.
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, 1 vol.
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, rom. historico de P. Chagas 1 vol.
N.º 28 — *Vid'airada*, por Alfredo Mesquita, 1 vol.
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido Figueiredo, 1 vol.
N.ºs 30 e 31 — *Amor á antiga* romance de Caiel, 2 vol.
N.º 32 — *As Netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel.
N.º 33 — *Contos*, de Pedro Ivo, 1 vol.
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccone.
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — *Historias de Frades*, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — *Obras primas*, por Chateaubriand.
N.º 38 — *O Exilado*, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — *Poema da Mocidade*, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — *A Vida em Lisboa*, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — *Espelho de Portuguezes*, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — *A Fada d'Auteuil*, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — *A Volta do Chiado*, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — *Séca e Méca*, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — *Ninho de guincho*, por Alberto Pimentel.
N.º 48 — *Vasco*, por Arthur Lobo d'Avila.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

Rua Augusta, 50, 52, 54 — LISBOA

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

* N.º 1 — **Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon**, seguidas de *Tartarin nos Alpes;* por A. Daudet,.
* N.º 2 — **Pedro e João**, por Guy de Maupassant.
* N.º 3 — **Sergio Panine**, por Jorge Ohnet.
N.º 4 — **O Sonho**, por Emilio Zola.
N.º 5 — **Soror Philomena**, por Edmond e Jules Goncourt.
N.º 6 — **O medico assassino**, por Octavio Féré.
N.º 7 — **Os milhões vergonhosos**, por Heitor Malot.
* N.º 8 — **O amigo Fritz**, por Erckmman Chatrian.
N.º 9 — **Vogando**, por Guy de Maupassant.
* N.º 10— **Um romance de mulher**, por Pierre Mael.
* N.º 11 — **Vontade**, por Jorge Ohnet.
* N.º 12 — **O Nababo**, por A. Daudet.
* N.º 13 — **Um coração de mulher**, por Paul Bourget.
* N.º 14 — **Beatriz**, por Rider Haggard.
* N.º 15 — **O crime**, por Gabriel d'Annunzio.
* N.º 16 — **Lise Fleuron**, por Ohnet.
N.º 17 — **Os dois rivaes**, por Armand Lapointe.
N.º 18 — **O ultimo amor**, por Jorge Ohnet.
N.º 19 — **Um Bulgaro**, por Ivan Tourgueneff.
N.º 20 — **Memorias d'um suicida**, por Maxime du Camp.
N.º 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.º 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!... romance**, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!... rom.**, por Iveling Ramband.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins.
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendès.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46—**Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47—**João Shogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48—**Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49—**O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.
N.º 50—**A confissão de um rapaz do seculo**, por Musset.
N.º 51—**O romance de um principe**, por Pierre de Lano.
N.º 52—**O castello de Lourps**, por J. K. Huysmans.
N.º 53—**Amor de Miss**, por J. Blain.

Todos os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XIX

NOVELLAS DO MINHO

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura.
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1903

LISBOA
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1903

IX

O DEGREDADO

...Por se não perderem da memoria dos homens que escreverem depois de nós, tão gloriosos feitos.

João de Barros, *Decada I, Prologo.*

AOS SENHORES FIDALGOS DA CASA REAL

E

CAVALLEIROS PROFESSOS DA ORDEM DE CHRISTO

Offereço a Vossas Excellencias por dois tostões esta biographia de um seu confrade. Vão as suas pessoas, senhores fidalgos e cavalleiros professos, ufanar-se do irmão d'armas que tiveram na sua cavallaria.

Deus guarde a Vossas Excellencias para confusão de Bonança, de Latino Coelho, de Oliveira Marreca e das outras cabeças da hydra.

De S. Miguel de Seide, aos 20 de Novembro de 1876.

ADVERTENCIA PREAMBULAR

Este opusculo é um fragmento do meu Nobiliario. Quando a obra completa vier a lume, terei esboçado o perfil do meu paiz n'este quartel do seculo xix. No anno 3000, a historia das actuaes traças e mánhas portuguezas será estudada no meu *Nobiliario.* Se houver lacunas e imperfeições n'este livro, serão preenchidas e sanadas pelos annuncios erothicos e fescininos dos jornaes medianeiros nas coisas mais secretas e delicadas do peito humano: — completa madureza da civilisação pela imprensa. Se o *Jornal de Noticias* me consente a presumpção, affoito-me a vaticinar que na podridão do fidalgo de ruim casta hade tresandar mais a ethnographia do seculo xix do que no alcayotismo dos amoríos estampados e atirados nas azas dos quatro ventos a milhares de leitores (*Tiragem:* 25:500 exemplares.)

Estudiosos que patinhem no marnel dos meus commendadores hão de ser em maior numero, se não me engano, que os curiosos em descobrir quem fosse a senhora do annuncio — *chapeu verde*, *luneta de tartaruga* — a qual bem pode ser que fosse uma tartaruga de lunêta.

Seja como fôr, lá vamos todos para a posteridade.

O DEGREDADO

Tem Portugal uns povoados sertanejos que os politicos e os litteratos exploram, mettendo a riso as coisas e as pessoas de lá. Aqui ha trinta annos, os folhetinistas deitaram a garra a Figueiró dos Vinhos e Freixo de Espada á Cinta. Mal diriam elles que d'este velho burgo acastellado havia de sahir o fulminador de Jehovah e do diabo, o sr. Guerra Junqueiro, o mais bizarro pintor de uma sociedade morphetica, e o mais canoro secretario geral que ainda ouviram ministros do reino e governadores civis! Eis o ponto culminante onde pode trepar um *aédo* portuguez — fallando á grega como elles — se cavalga pegaso sem esparavões. Poeta que, hoje em dia, com os seus cantares, apanhe emprego de lotação de 400$000 rs. afóra emolumentos, corresponde ao grego Simonides que, em concursos poeticos, ganhou 56 bois. Bons tempos! Um hymno grego rendia uma manada de rezes pezando pouco mais ou menos 32:000 kilogrammas; hoje, e aqui

no paiz da madresilva e da larangeira, não ha quem abra concurso de sonetos a meio bife.

A omnipotencia do plectro, ainda assim! No periodo tenebroso dos Cabraes, quando o poeta era um ilota que queimava as azas do genio em meios-ponches fiados no Marrare das Sete-portas, o sr. Guerra Junqueiro, se florecesse então, vingaria enternecer ministerios em pezo, para demonstrar que na Thracia e em Portugal apparecem Orpheus, quando é necessario mover ursos ao som da lyra. (1)

Alli, em Freixo de Espada á cinta, nasceu tambem o primeiro jesuita portuguez, o padre Gonçalo de Medeiros. Dois filhos que não parecem da mesma mãe. Compensações. O mal que fez o jesuita anda o poeta a remedial-o.

Depois, chegou a vez á *aldeia de Paio Pires*, a *Maçãs de D. Maria*, a *Cucujães*, e *Ranhados*. A ironia fez d'estas povoações uns symbolos de morgados lôrpas, de morgadas nutridas, de deputados parranamente beldroegas e de trovistas ainda isca-

(1) Quem quizer saber o que eram os Cabraes e a Poesia, ha trinta annos, em Portugal, medite n'este trecho de um folhetim do *Braz Tisana*, «Periodico dos Pobres» de 14 de março de 1845:

A sr.ª D. Antonia Gertrudes Pusich acaba de enriquecer o Parnaso lusitano com uns lindos versos sobre o Judeu Errante... Esta senhora é tanto mais digna de elogios quanto por vergonha nossa vemos a Poesia dada em droga na patria de Camões, de Ferreira, de Bocage e de Filintho Elysio... Parece que a Politica é inimiga da Poesia.

Estas seis linhas pintam o cyclo negro das lettras patrias com tal precisão e relêvo que parecem de Cornelio Tacito.

dos do romantico soláo. Ninguem já ousava dizer que nasceu alli. Muita gente não se baptisava para não haver documento de haver nascido. As familias decentes emigraram, falsificando os passaportes. E' que a ironia dos noticiaristas passara por alli assoladora como as patas dos cavallos numidas e a cimitarra dos filhos do crescente.

Hade haver um seculo que a aldeia mais chasqueada era a *Samardan.* (1) Filintho Elysio valeu-se d'aquella aldeia todas as vezes que necessitou naturalisar um patola. Entre varios lanços das suas obras, escolho o seguinte:

Sahiu da Samardan certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca da fortuna;
Embarca, vai-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida, e fossa, e sua, arranca á Terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico a Samardan; vinhas, searas,
Casas, moveis, baixélla compra fôfo:
Brocados veste, vae-se nos domingos
Espanejar á Egreja, acompanhado
De lacaios esbeltos; vem o Cura,
Saúdal-o com agua benta; os mais graudos
Do logarejo a visital-o acorrem;
Para elle os rapapés, as barretadas

(1) *Samardan* é de raiz persa. O successor de Cambizes e predecessor de Dario chamava-se *Samardous.* Estes meus processos etymologicos são da eschola do *Amador Patricio* das «Antiguidades de Evora» que *Samardou* viesse e desse o nome á Samardan é hypothese melhor de aceitar que a outra de ter vindo o heroe de Homero fundar Lisboa; porque chamando-se o heroe *Odisseus* não é crivel que em Lisboa se crismasse em Ulysses.

Se apostavam de longe a qual mais prestes.
Fallavam-lhe os visinhos e a gazeta
No celebre Paris, cidade guapa
Onde todo o estrangeiro nobre ou rico
Vae fazer seu papel. Eil-o azoado
Que deixa a Samardan, que se apresenta
Na capital franceza; roda em côche,
Alardeia librés; passeia Louvres,
Versalhes, Trianões. Volta enfadado
A' sua Samardan.—«Gabam tal gente
«De polida! Oh! mal haja quem tal disse!
«Corri casas, palacios, corri ruas;
«Não vi um só, nem grande nem plebeu,
«Que, ao passar, me corteje c'o chapeu.»

O padre Francisco Manuel, se em vez da Samardan,—serrana e fragosa aldeia, que não tem egreja nem cura—escolhesse para terra natal do seu rico parvajola alguma das cidades notaveis do reino, teria escripto um conto verosimil.

Do Porto da minha mocidade, abalavam ás vezes *para a Europa*, diziam elles, uns moços dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a rua da Sovella ou da Reboleira, onde tinham nascido, estavam dentro da Europa. Cada um levava quatro malas inglezas, como quem ia para os confins da alta Azia. Mandava inscrever o seu itenerario no *Periodico dos Pobres*, e gastava quinze dias a despedir-se de parentes e amigos com o ar pensativo de quem ia fazer uma viagem de circumvalação.

Estes Franklins e Cooks de cabotagem deixavam as amadas com ataques hystericos, nervosas de ciumes das dançarinas de Paris, das grandes lorettes ou loureiras, portuguezmente fallando, da Cora

Pearl, de mad. Paiva, que tinha palacio com escadaria de onix, e era esposa d'aquelle galhardo moço portuguez macaense, que lá se matou ha seis annos, cerrando com o suicidio a mêda dos desatinos. As princezas da *Nova Babylonia* de Eugène Pelletan eram conhecidas até á Porta dos Carros. Vogava então o *chic* em Paris,—o *chic* nacionalisado em Portugal trinta annos depois, quando lá em França já diziam *Zing*. (1)

Da parte das damas zelosas, diga-se verdade, era isto um luxo de ciumes. Aquelles mancebos entravam em Paris, serios e sôrnas como o nosso padre Simão Rodrigues quando ia ao collegio de Santa Barbara conferenciar coisas do céo com o seu amigo Ignacio de Loyolla.

Escolhiam aposentos em bairro de celebrada gravidade, no *Saint-Germain: hôtel de Londres*, ou *hôtel des Ministres*. A barba britannica do viajante, a sua taciturnidade de inglez em jejum, o ar recolhi-

---

(1) On ne dit plus *chic*. C'est recoco. C'est bourgeois. Et quand une femme a du genre et de l'élégance, on dit qu'elle a du *Zing*. «Diccion. de l'argot» 1872. *Paris*. Ha 40 annos que Th. Guathier escrevia *chic*. A brilhante escriptora a Sr.ª D. Guiomar Torresão applica em vez do *chic* o moderno *du chien* (Almanak). Já não é bem moderno. CHIEN. — Flamme artistique, feu sacré. Abreviation de *sacré chien* (aguardente) pris dans une acception figurée—Elle á réellement du chien, cette femme-lá. (Droz) etc. Tambem se liga o *Zing* com o *chien*. Exemplo: Une toilette pourrier de Zing et persillée de chien. (*Vie parisienne*, 1866.) Isto era ha nove annos. Bem póde ser que hoje o vasconso dos *estaminets* e das *boulevardiers* não diga *chic*, nem *zing* nem *chien*.

do de quem está ruminando a *Guia de conversação*, requeriam casa pacata, vedada a estroinas mettediços com quem está calado, e a mulheres que viajam cheias de um cosmopolitismo palavroso e compromettedor para sujeitos que não aprenderam, de transfusão, as linguas como os apostolos. Pegavam logo de estar tristes, e a sentirem saudades da Porta-Moré, do Café-Guichard e da Assembléa da Trindade. Quando ouviam sinos em dia sanctificado, o coração voava lhes para a missa do meio dia nos Congregados — a egreja do tom onde a Fe, que manca, entra sempre encostada ao hombro do deus de Gnido.

Passeavam nostalgicos as suas indigestões de trufas pelos boulevards. A' noite, esporeados pelo tedio, entravam em Mabile, e respiravam um ar saturado de anisette, de patchouly, de marrasquino e almiscar — o bafio das carnes nuas besuntadas e sacudidas pelo regambolear do *cancan et demi.* (1) Sahiam d'ali, todavia, frios e impollutos como os sacerdotes de Cybele; e, ao outro dia, afivelavam as malas, e regressavam da Europa, cheios de cansaço e com mais alguns gallicismos, a restaurar-se no jardim S. de Lazaro e nas Fontainhas.

O padre Nascimento não iria á penhascosa Samardan procurar personagens, se houvesse florecido n'estes tempos modernos em que o dinheiro

(1) *Nous avons le cancan gracieux, la Saint-Vemonienne, le demi-cancan, le cancan, le cancan et demi, et le chant. Cette dernière danse est la seule prohibée.* Alph. Karr.

abriu caixas filiaes da Samardan nos centros das grandes cidades.

*

* *

Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia Transmontana, entre as serras do Mesío e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas de lobos descem á aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancellar as portas dos corraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubremente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com rapozas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi alli que eu me familiarisei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me irriçaram os cabellos.

Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fôjo — uma cêrca de muro tosco de calháos a êsmo onde se expunha á voraciade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da preza, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sobre o espinhaço; porém transpôr de salto o muro era-lhe impossivel,

porque a altura interior fazia o dobro da externa. A fera provavelmente comprehendia então que fôra lograda; mas em vez de largar a preza, e alliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estupida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Prezenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

De uma d'essas vezes, puz sobre uns sargaços a *Arte* do padre Antonio Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltara a fera, e, posto ás cavalleiras do muro, gastei a polvora e chumbo que levava granizando o lobo, que raivava dentro do fôjo atirando-se contra os angulos asperrimos do muro. Desci para deixar o lobo morrer socegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a junctura de duas pedras. Andava elle passeando na circumferencia do fôjo com uns ares burguezes e sadios de um sujeito que faz o chylo de meia ovelha. Depois, sentou-se á beira da restante metade da rez; e, quando eu cuidava que elle ia morrer ao pé da victima, acabou de a comer.

E' forçoso que eu não tenha algum amor propri para confessar que lhe não metti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo n'aquelle tempo eram inoffensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.

Este conto veio a proposito da Samardan, que

distava um quarto de legua da aldeia onde passei os primeiros e unicos felizes annos da minha mocidade.

*

* *

Conheci na Samardan um padre Francisco Vieira, bom sacerdote, amigo de ler, e que sabia de cór as *Viagens de Anacharsis;* e, como desejasse possuir uma erudição completa, pediu-me que lhe ensinasse a conta de repartir por quatro lettras, segundo o systema do sr. Emilio Achylles Monteverde. Elle estava munido do *Manual Encyclopedico;* mas não percebia nitidamente o que fosse *dividendo*, *divisor* e *quociente;* todavia, como era bastante subtil, padre Francisco, com assiduo estudo e trez mezes de exercicios, conseguiu repartir por quatro lettras, e tirar a prova pela regra dos noves. Este padre morreu novo; se continuasse a estudar, talvez viesse a responder com acerto a este *problema* do *Manual Encyclopedico*, pag. 178, ediç. de 1870: *Pergunta-se: quando é que uma pessoa nascida em 1864 terá completado 25 annos?*

Que recordações! e que saudades!

Nas tardes de estio, iamos nadar a uma levada de um corrego que se despenhava da serra. A agua era frigidissima, lodosa e impenetravel ao sol. A ramaria entrelaçada dos freixos e amieiros fazia d'aquelle poço um banho ageitado á castidade de Suzana e á nossa. Padre Francisco, a ultima vez que lá entrou commigo, sahiu gelado e sem sentidos como Frederico Barbarôcha de certo rio da

Armenia. Estou me a ver derreado com o padre ás costas, sem attentar, no auge da minha afflicção, que eu o levava como se fugisse do Paraiso com meu avô Adão chloroformisado. Acudiram-me os camponezes, depois de me contemplarem de longe e espavoridos como os saloios de Troia quando viram sahir Eneas da cidade com o pae ás cavalleiras. As mulheres não ultrapassaram as fronteiras de uma honesta curiosidade assim que viram aquella nudeza grega e antiga de mais para a Samardan; e os homens, com o meu exemplo, começaram a friccional-o com as suas mãos de cortiça tão efficazmente que o padre veio a si, dando os gritos agudos de um esfollado. Estava salvo. Fizeram resumar á pelle o sangue congestionado. Se morresse n'aquella occasião, ia sem saber o que era o quociente.

A's vezes, depois de jantar, sahiamos pela aldeia a esmoer a gallinha e o prezunto. A sr.ª Luiza, esbelta e farta irmã do clerigo, dava nos em cada jantar uma gallinha loura reclinada sobre um escabello de prezunto, com travesseiros de chouriço.

Havia um grande *dividendo* de aves na capoeira d'aquella casa; os *divisores* eramos nós; o *quociente* era metade das gallinhas para cada um. Fiz-lhe comprehender ao padre com este simile de cozinha os mysterios da arithmetica.

E eu saía impando por aquellas barrocas da Samardan, meditando e dizendo com o meu Horacio:

Ibam forte Via Sacra, sicut meus est mos, etc.

A's pessoas esquecidas do seu latim não se figu-

re que padre Francisco ia fazer *Via Sacra*. Não lhe faltaria vontade e devoção; mas Samardan não tem calvario nem egreja senão a que Filintho Elysio lhe phantasiou nas citadas trovas.

*

* *

Uma vez, em um d'esses passeios, ao cerrar da noite, fiz reparo n'um grande pardieiro descolmado com dois descancelados portaes que rossavam pelo beiral do tecto.

— Aqui vive gente, padre Francisco? — perguntei.

— Não. Este cazarão era a córte da arreata do João do Couto. Mal o conheci, mas ainda me lembro de o ver á frente de vinte machos d'este tamanho.

E, dizendo, levantava o braço tres palmos acima da propria cabeça.

Continuou:

— Os machos traziam chocalhos grandes como sinetas que se ouviam badalar a meia legua. Quando João do Couto entrava por aqui dentro com a sua récua, vinha toda a gente ás portas comprimental-o. O seu negocio era lá para o sul. Ia a Lisboa todos os mezes levar prezuntos de Lamego e salpicões de Chaves. Ganhava muito dinheiro, chegou a ter seis mil cruzados em peças; mas, afinal, gastou tudo, arruinou a cazinha dos pais, vendeu os machos, fugiu da terra, e taes proezas fez no Alemtejo que foi degredado para Africa por toda a vida — hade haver quinze ou vinte annos. Por aqui ha homens

da sua creação que podem contar-lhe as extravagancias do João do Couto. Era um rapaz mal encarado, e valente como as armas. Jogava o páo por tal feitio que, em romaria onde elle fosse, as bayonetas dos soldados voavam das espingardas; e, sendo preciso, saltava por cima de um homem, e ficava em guarda com o páo atravessado. A justiça perseguiu-o por pancadas que deu; gastou com isso dinheiro grosso; mas quem no arruinou foram as mulheres.

N'este ponto da narrativa, o padre fez um parenthesis, e revelou conhecimentos não vulgares, citando philosophos e santos padres mui apropositadamente. Disse que Platão duvidara se ajuntaria as mulheres com os homens, se com os brutos. Quantas conhece o leitor unidas aos ultimos para realisarem a hypothese do divino Platão! Accrescentou que lêra em certo auctor antigo que a cabeça do homem tem tres miolos e a mulher um.

Padre Francisco não me pareceu que tivesse os tres perfeitos, teimando em dar credito ao seu auctor, depois que eu lhe mostrei anathomicamente o cerebro de uma gallinha egual na estructura e na forma ao de um capão que se comeu por amor da sciencia. A instrucção d'este homem sahiu-lhe toda da capoeira.

Não obstante, desfazendo sempre nas mulheres, contou-me o caso tragico d'onde se motivou a ruina do frascario almocreve.

*

* *

Havia nos arrabaldes de Villa Real, em uma aldeia chamada Borbelinha, um cirurgião, casado com uma rapariga bonita. (1)

João do Couto, se varria uma feira, nem sempre sahia com a cabeça illesa. Quando lh'a quebravam, ia curar-se a Borbelinha, e prezenteava bizarramente o facultativo. Desde que lhe viu a consorte, deixou-se avassalar da tentação. Quando estava em caza descançando ou arranjando frete para Lisboa, ia aos domingos no seu mais nedio macho, com gualdrapa e cobrejão escarlate de borlas, e testeira de chapas amarellas, visitar o cirurgião e brindal-o com algum mimo da côrte. A esposa d'este sujeito, era algum tanto ligeira, e d'aquellas que auctorisaram o sabio antigo a assignar-lhes um só miôlo. O marido, não extranho á phrenologia, descobriu-lhe a bossa, e começou a espreital-a pé ante pé como quem traz pedra no sapato; e, além da pedra, trazia um par de pistolas reiunas nos coldres da egua. (2) O valen-

---

(1) A novella tem a liberdade de alargar as fronteiras das provincias quando lhe convem. Estou historiando factos occorridos na provincia transmontana; porém, como o remate d'esta biographia ha de passar-se no Minho, espero que os geographos se não aproveitem d'isto para me vedarem o accesso ao templo dos immortaes, onde ha logar para todos.

(2) Os diccionarios decerto desconhecem o adjectivo *reiunas*. Nas provincias do norte espingarda ou pistola *reiuna* são as dadas pelo rei á infanteria ou cavallaria. Agora, depois que por um milagre de esforço e contensão de espirito se

tão da Samardan não lhe mettia medo com a sua chibantice. Apprendera o cirurgião de Borbelinha a arte nas ambulancias do exercito anglo luzo. As amputações sanguinosas, o estertor dos agonisantes e o tráfego com a morte levaram-no a dar á vida humana importancia insignificante. Ganhára fama de bravo no exercito, porque nunca o viram nas bagagens. O seu posto voluntario era onde as fileiras metralhadas rareavam. A's vezes, tirava a espingarda da mão ainda quente de um cadaver, mordia o cartucho e punha o fito com tal olho e firmeza que não perdia uma bala. «Vou logo procural a, entre a quarta e quinta costella d'aquelle francez, dizia elle.»

Quando recolheu da guerra, casou com a filha de um lavrador sua parenta. Grangeou merecida fama, e em poucos annos adquiriu bastantes bens. A mulher, creada na liberdade do campo, nas romarias, nas fançanatas das esfolhadas, estranhou o resguardo que lhe impunha a sua qualidade de esposa de cirurgião. Verdade é que ella o tinha conversado d'amores n'outro tempo; mas então era elle simplesmente sangrador e dentista de boticão; foliava nas esturdias, nas mascaradas, e tocava requinta. A casaca de briche, o chapéo de felpo, os berloques, o tom sentencioso dos dizeres, a seccura de marido que dá á esposa a honra de lhe tratar

---

descobriu que não é o rei, mas sim o povo que paga as armas com que a linha vertical do mesmo povo se mantem entre a ponta da bayoneta e a parede, as armas não são reiunas, são do Estado.

das piugas, desconvinham ao genio trêfego da moça.

Ora João do Couto era a encarnação do ideal de Rosa de Borbelinha. Quando ella o viu, teve uns assomos de doidice franca e lorpa como só nas aldeias ainda se encontra. Vira a fórma palpavel do seu sonho. Depois, o juizo reagiu á explosão da sua inconsciente e selvagem alegria. Tornou-se por isso sombria e velhaca, olhando de esguêlha para o almocreve. Foi então que Manuel Baptista, o cirurgião, suspeitou e disse de si comsigo, olhando para João do Couto: «Estás bem aviado...»

O da Samardan temia-o; havia uma força grande que o acovardava: era o amor, ou talvez que fosse o involuntario acatamento que lhe impunha o direito irrefragavel dos maridos. O certo é que o almocreve não deu aos seus deshonestos propositos o desenvolvimento que habitualmente coroava as suas emprezas da mesma laia. Como o cirurgião o recebesse de má catadura, absteve se de ir a Borbelinha; mas, intermettendo uma alcôfa bem remunerada nos seus planos, Rosa estava a pique de perder-se, passando-se do esposo para o amante.

Entretanto, Manuel Baptista soube que D. João VI dava no Rio de Janeiro liberalmente habitos de Christo a quem lá ia felicital-o pelo triumpho alcançado sobre Napoleão. Justamente indignado, viu condecorados uns sujeitos sem serviço algum; e resolveu por isso atravessar os mares e ir á côrte apresentar os documentos da sua bravura nas batalhas, e pericia nos hospitaes de sangue. Queria o habito de Christo para inaugurar em Borbelinha a entrada d'aquella ordem na sua pessoa, e tambem

para humilhar em Villa Real uns bachareis em medicina que o não tractavam de collega nem admittiam a votar nas consultas.

Rosa viu com satisfação preparar-se o marido para a longa viagem; mas, chegado o tempo da partida, esmoreceu, quando Manuel Baptista lhe disse que ella ficaria no convento de Santa Clara em Villa Real em quanto elle andasse ausente. E, sem intermissão de dias, conduziu-a ao seu destino, dizendo-lhe que dava aquelle passo para amordaçar as más linguas, visto que, na ausencia dos maridos, as mais castas esposas se expunham a juizos temerarios.

Volvidos dias, na feira de Gravellos, João do Couto, que esbravejava em abafados rancores a sua paixão, passando rente pelo marido de Rosa, não o cortejou; e pouco depois encontrando um seu intimo de Adoufe, façanhudo marchante, que fôra dos dragões de Chaves, convidou-o a beber jeropiga, e tão copiosamente o fizeram, que alli se trocaram reciprocas e intimas confidencias.

— Por uma pouca de má vergonha — disse o almocreve — é que eu não atiro ao inferno a alma do Manuel Baptista.

— Eu cá — disse o Joaquim Roxo de Adoufe — se a historia fosse commigo, já o tinha posto a escutar a cavallaria.

— Homem — observou modestamente João do Couto — olha que elle é tezo.

— A quem tu o dizes! Vi-o eu no meio do fogo bater-se como um soldado razo, e cortava pelos francezes como um porco-espinho no matto; mas

um homem desfaz-se de outro, quando é preciso, sem lhe dizer que se ponha em guarda.

— Eu cá não; — redarguiu o da Samardan — á traição não sou capaz de bater n'um homem. Já bati em seis de cara a cara; tenho espalhado com a ponta do páo romarias em pezo; vou ahi para a bocca d'um bacamarte como quem bebe este copo; mas palavra de honra, cato respeito ao Manuel Baptista. Ai! — e arrancou dos seios da alma um convulso arranco — Eu tenho uma paixão de matar pela Rosa! Antes de a ver, era eu um rapaz alegre, affoito, que me não trocava por ninguem. Agora não durmo, não como, não trato de nada, os machos lá estão na estrebaria sem sahir, morreram me dois que me custaram trinta moedas d'oiro, e eu fiquei como se não fosse nada commigo. E então, depois que a Rosa está no convento, e eu não sei d'ella nada, dão-me guinas de metter uma navalha no coração! Foi o diabo que me appareceu aquella mulher! O que eu devia ter feito era vir a Borbelinha, atiral-a para cima d'um macho, e fugir com ella por esse mundo além... Sabes tu que mais? — bradou elle, esmurraçando o balcão da taverna — eu sou homem para atacar o convento com mais uma duzia de homens de pello na venta, e raios me partam se a não tirar de lá!

— Estás prompto, João do Couto! — atalhou o Roxo — mette-te n'isso que ficas estirado á porta do convento. Cada freira de Santa Clara tem um official de milicias a rondar-lhe o convento por fóra, quando lá não está dentro. Se tu deres o ataque, tens de te bater com o regimento inteiro. Olha,

João — proseguiu fallando-lhe ao ouvido — só te vejo um remedio; quando ella ficar viuva, casa com ella. Sabes como se faz viuva uma mulher casada? Não te digo mais nada. Lá vae o ultimo copo á saude da tua Rosa. Vá a virar!

— Abaixo! — exclamou João do Couto.

E despejaram o ultimo quartilho.

Depois, montaram nas suas possantes mulas, e sahiram da feira pela estrada de Villa Real.

A poucos passos, viram Manuel Baptista que levava a passo o seu cavallo adiante d'elles.

— Elle lá vae — disse o Roxo.

— Já o vi; deixal-o ir.

— Tens-lhe medo a valer, ó João!

— Tenho medo mas é d'uma pinga a maior que me vae cá por dentro a queimar o coração. Eu não quero matal-o, já t'o disse.

— Mas deixa andar o macho, não lhe puxes a redea. O homem se dá fé que vamos ficando, cuida que tens medo. Eu cá á minha beira não quero cobardes. Cahia-me a cara, se um dragão de Chaves ficava á rectaguarda do cirurgião de Borbelinha.

E, dizendo, metteu as rozetas das esporos nos ilhaes da mula, que rompeu a galope. João do Couto trotava rente d'elle, resmuneando:

— Qual medo nem qual diabo!

O cirurgião, ouvindo a tropeada das cavalgaduras, olhou para traz; e, como reconhecesse os cavalleiros, desacolchetou os coldres, soffreou com firmeza e resguardo a redea do potro alfário, e deu-lhe de esporas quando elle se descompunha corveteando e rinchando ao aproximarem se as mulas.

Joaquim Roxo, com o chapeu cahido sobre a nuca, páo de choupa debaixo da perna esquerda, e braço pendido segundo a estardiota dos de sua laia, ia do lado do cirurgião. A estrada era larga; mas quer fosse proposito, quer a embriaguez desgovernasse o freio da mula, o páo ferrado do marchante rossou rijamente na perna do facultativo.

— A estrada é larga, seu bebado! — disse Manuel Baptista.

O Roxo soffreou a mula; e, quasi deitado na anca, deu um piparote na aba do chapeu, e perguntou:

— A quem é que chama bebado?

— A vossê — respondeu lealmente Manuel Baptista.

— Anda d'ahi! — bradou o João do Couto puchando-o pelo braço.

— Larga-me, João — disse o Roxo, atravessando-se na estrada, e endireitando-se sobre o albardão com as difficuldades contingentes ao desequilibrio da cabeça com a cintura. — Larga-me, já te disse! — E, voltando-se para o cirurgião — Conhece-me, ó patrãosinho?

— Conheço; mas não quero relações com tal conhecido. Desempache-me o caminho, quanto antes, é o que tenho a dizer-lhe.

O marchante, arrancando o pao, desenroscou um canudo de cobre que escondia uma choupa de aço de mais de palmo. Manuel Baptista sacou dos coldres uma pistola, e esperou sem lhe erguer o cão; o destemido ebrio floreando o longo páo de lódão fez-lhe uma pontoada ao peito, da qual o salvou o

cavallo empinando-se. O cirurgião engatilhou e disparou á cabeça de Joaquim Roxo, que instantaneamente cahiu de borco sobre o pescoço da mula.

N'este conflicto, João do Couto apeou d'um salto, abriu uma navalha hespanhola, e cresceu sobre o cirurgião, exclamando:

— Vossê mata-me o meu amigo, ó su alma do diabo?

O aggredido respondeu com segundo tiro; mas as upas do pôtro não lhe permittiram aproveitar a bala com o seu costumado escrupulo. O almocreve cahiu sobre o joelho direito, por onde a bala superficialmente resvalára.

Havia já ao pé dos luctadores muito povo que vinha da feira, e entre a turba estavam alguns que conheciam o marchante, e por isso gritaram á d'elrei contra o cirurgião, agarrando-lhe as redeas do cavallo, e dando-lhe voz de prezo.

*

* *

Todas as testemunhas uniformemente deposeram que viram Manuel Baptista disparar dois tiros, matando Joaquim Roxo e ferindo João do Couto. O cirurgião allegava que em justa defeza matara e ferira; mas a lei, aguilhoada pela implacavel vingança do almocreve, e obrigada a ser severa, respondeu que só se dava morte em justa defeza quando o atacado não podia fugir. Ora as testemunhas deposeram que elle, se quizesse, podia fugir para traz. Foi Manuel Baptista sentenciado a degredo perpe-

tuo para a Africa Oriental. Dizia João do Couto, gabando a justiça, que lhe custara dois mil cruzados aquella sentença.

Quando o condemnado sahiu da cadeia de Villa Real para a Relação do Porto, sua mulher acompanhou-o voluntariamente, e contra a espectativa do perseguidor do marido. Não foi o amor que a moveu a seguir o condemnado: mas, na desgraça de Manoel Baptista, havia a coragem que é sympathica, se a não ennegrece a maldade. Rosa respeitava o marido, e accusava-se de ter sido causa do seu infortunio, posto que elle a não arguisse, nem ella se suppozesse suspeita de haver pensado em deshonral-o. Em 1820 sahiu Manuel Baptista com sua mulher para Moçambique.

*

* *

João do Couto nunca mais curou de restaurar com o trabalho os haveres desbaratados. Seu pae, Antonio Alves, que possuira uma pequena lavoira grangeada no fabrico do carvão de urze, morreu quando o filho vendeu os ultimos machos; e sua mãe, a tia Maria Florencia, perdeu o juizo, e andava a encommmendar as almas, por noite morta, trepando-se aos cabeços da serra. Entretanto, João do Couto, reduzido á pobreza pelo jogo e perseguido pelos crédores, fugiu da sua provincia e passou ao Alemtejo, onde, para amparar a vida, se fez jornaleiro em carvoarias de S. Thiago do Cacem, e com o vigor de alma de um penitente se entregou

a esse aspero trabalho, fazendo-se estimar de seus patrões. Para se distrahir de lembranças dolorosas da sua alegre e abastada mocidade, jogava a esquineta com os seus companheiros, logrando os, ou lhes ensinava o jogo do páo por um pequeno estipendio, moendo-os. Corridos dois annos de vida bem comportada, foi admittido em uma sociedade de carvoarias de sobro, por onde lhe seria possivel readquirir os bens esbanjados; mas, apenas a fortuna lhe sorriu, a sua indole brava, sopeada pela pobreza, partiu as algemas, e tornou ás antigas proezas e ribaldarias com o femeaço.

A biographia de certos personagens que floreceram antes da liberdade da imprensa está sumida nos cartorios dos antigos escrivães dos juizes de fóra e corregedores. De 1833 em diante as pessoas extraordinarias tem os seus annaes nas partes de policia, no noticiario do jornalismo e na Gazeta dos Tribunaes. A idade media portugueza, pelo que respeita á obscuridade da vida social, terminou ha quarenta annos, com a primeira local da gazeta em que se contou a historia de duas facadas na Madragoa. Antes d'isso, encontrava a gente na rua dos Capellistas um homem no meio da escolta que o levava ali á forca do caes do Sodré, perguntava-se que mal tinha feito o homem: ninguem sabia responder. Lá o esganavam depressa ou de vagar segundo a agilidade do carrasco, e assim acabava com o padecente o segredo de um romance, em que decerto se confundiria a preversidade ingenita do homem e a estupida razoira da lei com admiraveis lances de paixões nobres.

N'esta espessa treva se escondem os pormenores da vida de João do Couto no Alemtejo. Sabe-se positivamente que elle matara dois homens a páo e faca; disse-me alguem que os mortos foram trez; quatro parece-me exageração. A' justiça bastaram dois para o agarrar, não sem grandes perigos, e o metter no Limoeiro, onde esteve desde 1824 até 1827, suspenso entre o patibulo e degredo perpetuo com trabalhos forçados.

N'estes tres annos foi soccorrido pelos seus patricios. Conheci em Villarinho, aldeia da mesma freguezia de João do Couto, um velho de nome João Claro, almocreve, que todos os mezes sahia a mendigar para o seu camarada prezo, e lhe levava ao Limoeiro as esmolas. Tenho saudades d'este jovial ancião que nunca me chamou pelo meu nome; tratava-me sempre pelo sr. *Rei Telles:* não sei como elle descobriu em mim aquella dynastia dos Telles. Havia n'isto fundo mysterio que João Claro levou comsigo aos abysmos insondaveis da morte.

*

* *

Coube a João do Couto degredo perpetuo para Moçambique. Tinha predestinação auspiciosa. Todos lhe agouravam pena ultima. Ninguem se empenhara a favor do homicida; salvara-o talvez dizerem as testemunhas que elle prestára bom serviço á sociedade matando os dois facinorosos.

Esta nova alegrou-o duplicadamente. Ia para Moçambique onde estava Roza, a perturbadora da

sua vida, a unica mulher que elle amara deveras, a causa adorada das suas desgraças.

Alguns degredados, cumprida sentença, voltavam da Africa, e iam ao Limoeiro procurar os seus amigos: não os achavam n'outra parte; e procediam discretamente não exorbitando da sua roda, por que diz um proverbio inglez que não tem esphera nenhuma quem sahe da sua.

João do Couto perguntava pelo cirurgião Manuel Baptista aos repatriados que vinham da Africa Oriental. Todos lhe diziam que o cirurgião estava a enriquecer, que tinha a principal freguezia da cidade, que era o medico do capitão general e do bispo, e que já havia comprado uma quinta em Mossuril; accrescentavam os informadores que a mulher do cirurgião abrira uma grande padaria na rua de Bancanes, de que tirava muito dinheiro, com o qual mandara fazer muitos cazebres na Missanga, que alugava aos negros.

João do Couto de si para si reflexionava que Manuel Baptista, se lá o visse, o mandaria matar por um cafre ou por algum portuguez degredado — peor casta de inimigo.

Não obstante, como adquirira o habito de matar, dispunha-se a não perder esse costume em Moçambique, visto que é bom adoptar os usos de cada terra. Ia por tanto resolvido a vender cara a vida, se o não deixassem vivêl-a com socegada honra — outra excellente disposição que elle levava — viver honradamente em Moçambique, e implantar alli os costumes innocentes da Samardan.

Revirara-se a má cara da fortuna seis annos

adversa ao degredado. Quando chegou a Moçambique, e perguntou novas de Roza, disseram-lhe que o cirurgião era fallecido recentemente na Bahia de Lourenço Marques, onde havia ido por ordem do governador geral visitar o governador enfermo.

Alargou-se-lhe o vasto peito para abranger os borbotões de esperança que lhe golphavam do coração. Foi á rua de Bancanes, e parou defronte de uma grande padaria servida por mestiços. Não viu Roza. Perguntou por ella com a voz trémula de amor, de receio e de esperança. Apenas proferira as primeiras palavras, assomou, por entre duas cortinas de chita vermelha, a viuva com o semblante espavorido de quem se ouvisse chamar do fundo de um sepulchro. Reconhece-o, hesita, avança, recua, e faz aquelles tregeitos proprios e já tão nossos conhecidos do proscenio que hoje em dia todos estamos habilitados a receber artisticamente a apparição d'um pae que não conheciamos; e de muito vêrmos essas mimicas, já quando topamos um sujeito que não vimos desde a semana passada, abrimos a bocca e os braços como se se encontrassem Castor e Polux nascidos no mesmo ovo, depois de uma ausencia de quatro lustros!

Lá estava, pois, a imagem do galhardo almocreve, indelevel e aberta a fogo de saudade, no seio de Roza de Borbelinha. Levou-o comsigo a mostrar-lhe os seus aposentos, o seu dinheiro, tudo que valia menos que o seu amor. Offereceu lhe com honesta franqueza a sua casa, a sua meza e as suas roupas. Não lhe offerecia a sua mão, porque ainda não sabia e tremia de lhe perguntar se era solteiro.

O cadaver de Manuel Baptista ainda não estava delido na lama paludosa da Bahia de Lourenço Marques, e já a sua viuva conjugalmente reaquecia o thalamo, como quem quer dizer que casara com João do Couto.

Ninguem nos soube dizer porque motivo o segundo marido de Roza começou então a assignar-se *João Evangelista Villa Real*. O sobrenome adoptado do apostolo querido, *Evangelista*, seria para que a mulher, primeiro ligada a um *Baptista*, estivesse sempre em relações indirectas com S. João? Mais um enigma indecifravel n'esta biographia. Quanto ao appellido *Villa Real*, provavelmente adoptou-o da comarca onde nascera.

Prosperou a olhos visto o commercio de João Evangelista em todos os effeitos negociaveis na colonia. A felicidade intima correspondia á boa sorte das emprezas. Amavam-se doidamente. João abençoava os desastres que o arrojaram ao degredo, abençoava a memoria e resava talvez pela alma dos dois alemtejanos que elle matara á paulada; quatro que houvesse descadeirado, abençoal-os-hia tambem o ditoso João Evangelista. A felicidade tem generosidades quasi absurdas!

A importancia politica do marido de Rosa — que já não traficava em padarias — principiou em 1835 quando os cafres landins fizeram provocada carnagem nos colonos de Inhambane. A sublevação dos cafres comvisinhos d'aquella villa já a tinha previsto o governador Sebastião Xavier Botelho, quando assim descrevia Inhambane: «...Povoada de degredados facinorosos e aziaticos aventureiros que

ajuntam á desmezurada cobiça, aquelles a maldade em que tem jubilado, e estes uma refinada preguiça que os desvia do mais leve trabalho...» (1)

A guarnição da feitoria foi espostejada pela vingança dos negros; a tropa enviada em soccorro dos fugitivos pelo capitão general fugiu diante da nuvem negra dos cafres, que excedia em disciplina e ferocidade a horda de degredados enviados de Moçambique. Aquelles aguerridos selvagens, «se os accomettem, não voltam rosto, jogando adargas e azagaias com alaridos, coragem e ligeireza. Em quanto as armas são de arremeço, não ha dobral-os, nem vencel-os: pelejam como leões; mas como ouçam tiros de arcabuzes, cozem-se com o chão, embrenham se, e desapparecem na espessura dos bosques, que rompem e trilham melhor descalços que os seus inimigos calçados e armados.» (2)

Sabida na capital a derrota da tropa ás mãos dos negros, João Evangelista Villa Real, que era portuguez semelhante aos do seculo XV e XVI, que por ali andaram a erguer padrões de civilisadores, sentiu-se arder em patriotismo, como ha poucos annos, na Africa occidental, ardeu outro mais celebrado aventureiro, José Teixeira do Telhado. Em patriotismo não ha como portuguezes! Um grande patife lá fóra, nunca deixa de ser um grande patriota.

Dirigiu-se ao capitão general, pediu-lhe cincoenta homens escolhidos entre os degradados, e estipulou

---

(1) Memoria estatistica dos dominios portuguezes na Africa oriental, Lisboa, 1835, pag. 104.

(2) *Ibid*, pag. 102.

que os vestiria e alimentaria á sua custa, com tanto que se lhe desse patente de alferes. Não se consultaram Regimentos militares nem pundonores de dragonas. João Evangelista cingiu a banda, disciplinou e vestiu cincoenta homens, e, arrancando-se aos braços da esposa chorosa, foi para a feitoria de Inhambane, com um phrenesi de acutilar cafres como se fosse vingar os manes insepultos de Manuel de Sousa de Sepulveda. Rebentavam dentro do ricasso mercador umas excrescencias dos figados do carvoeiro alemtejano. Foi um raio que se espargiu em coriscos por sobre aquella cafraria. Arcabuzou nas brenhas os que não retalhou no campo, e recolheu a Moçambique com duas alcôfas cheias de cabeças de sovas. O capitão general abraçou-o, e disse-lhe que ainda havia portuguezes de lei. Os seus soldados, erguendo-o nos braços, conclamavam que iriam conquistar a Inglaterra, se elle os commandasse. E' que João Evangelista, esbrasiado e ebrio pelo cheiro do sangue, parecia o Lucifer de Milton despenhado no meio d'uns pretos que não soubessem fazer o signal da cruz, como de facto não sabiam aquelles.

Augmentava cada dia a consideração do alferes de milicias. A gente mais qualificada honrava-se com a sua estima, e deplorava que cidadão por tanta maneira egregio não podesse voltar á patria, nem com serviços tão relevantes conseguisse suavisar a desesperada sentença de degredo perpetuo.

Sete annos decorridos, em 1842, revoltou-se o presidio da Bahia de Lourenço Marques. O governador e os principaes proprietarios haviam sido as-

sassinados. A plebe opprimida e conjurada com os degredados que vestiam a farda de soldados portuguezes, vingara os vexames que soffrêra até perder a esperança dos recursos levados ao governo geral. «Não ha cousa que sirva de barreira — escrevia o energico par do reino Sebastião Xavier Botelho — a certos governadores e feitores para se contentarem com grosso cabedal grangeado boamente, deixando ao mesmo tempo viver os pobres, senão que alguns querem abarcar tudo para si com absoluta exclusão dos outros, atraiçoando, roubando e matando: que de tudo isto aqui ha exemplos: o ponto é enriquecerem-se no praso mais curto, e para este effeito empregam a perfidia e a força... Tem alli havido uma serie de governadores a qual d'elles mais avaro, ambicioso... Cifro-me em dizer que todas as torpezas e devassidões tem alli andado não só desenfreadas, mas auctorisadas...» (1)

Quem auctorisava as devassidões auctorisou João Evangelista Villa Real a organisar o seu terço de aventureiros, e já com a patente de capitão de milicias ir castigar os revoltosos á Bahia de Lourenço Marques.

A lucta foi carniceira e longa. O gentio dos reinos de Inhaca e de Manhiça, os vermes e os anzotes desceram das serranias, pensando que era chegada a hora de lavar com o sangue portuguez as affrontas de tres seculos. O bravo da Samardan entrara n'esta segunda campanha com a vida enta-

---

(1) Obr. cit., pag. 91 e 92 e seg.

lada no dilemma de morrer ou conquistar a liberdade pelo indulto. N'este proposito, os seus atrevimentos eram o espanto dos proprios soldados e o terror do inimigo. Eu, que conheci na paz a cara sinistra d'este capitão de milicias, imagino o que ella seria na guerra.

Ao cabo de dezoito mezes de carnificina, João Evangelista Villa Real recolheu a Moçambique, onde foi recebido em triumpho. Repicaram todos os sinos desde o bairro de S. Domingos até ao da Marangonha. A guarnição apresentou-lhe armas, e o capitão general brindou-o á sua meza, fazendo votos porque o governo de S. M. F. recompensasse os serviços de tão bravo portuguez, restituindo-o á patria, pela mesma rasão que um monarcha lusitano restituira á liberdade Geraldo Sem Pavor — o conquistador de Evora, ladrão de seu officio.

Estava presente n'este jantar um cirurgião-mór de appellido Miranda, o qual, brindando á saude do ministro do ultramar, disse que a estrella do digno e ditoso ministro lhe propiciara a vinda de João Evangelista Villa Real para Moçambique durante o seu governo. Historiando a defeza do territorio portuguez na Africa oriental, comparou João Evangelista a D. Estevão de Attaide que desarvorara as caravelas dos hollandezes. Depois, em vibrações de enthusiasmo aquecido pelos clamores dos convivas, disse que iria elle a Lisboa solictar o indulto de João Evangelista; e, quando os *bravos* e os *hurrahs* o deixaram concluir, exclamou:

— E, se eu não obtiver o indulto em Portugal,

E' inexprimivel o effeito d'esta feliz reminiscencia dos Lusiadas!

Eu tambem conheci este Miranda, cirurgião-mór de caçadores 3, em Villa Real, quando elle veio negociar o indulto do capitão de melicias. Em casa estava sempre meio vestido de turco, com turbante, cazacão de seda amarella, chinellas carmezins e refestelado sobre um coxim azul-ferrete, a fumar por cachimbo de porcelana. Era um pouco rachitico, pouquissimo mussulmano de sua figura; mas em verdade parecia um sátrapa em uso de caldos peitoraes ferruginosos da pharmacia Franco. Recitava-me as suas «Africanas», umas poesias que tinham da Africa sómente serem versejadas em Moçambique, e pelo seu contexto e lingua não desdiziam de moiras.

Foi este pois o encarregado de promover o indulto, munindo-se dos attestados do capitão general, de uma baixella de ouro enviada por João Evangelista á casa real portugueza, dizem uns, ao ministro competente, modificam outros, respeitando, como eu, os altos personagens. Miranda é que o sabia ao certo, e tambem o sabe o possuidor da baixella.

Como quer que fosse, o indulto foi obtido; abriram-se as portas da patria ao capitão de milicias do presidio de Moçambique, assim denominado no decreto e nos subsequentes alvarás nobiliarios que o esperavam na patria.

Devia ser immenso o jubilo do cirurgião-mór Miranda portador do indulto; mas, no mar alto, morreu abrazado no incendio do navio em que partira. Deu-se o desastre em 1851, se bem me recordo.

Quem tiver curiosidade ou memoria pode esclarecer a data e as miudezas do sinistro em que pereceu, na flôr dos annos, o vate Miranda, e, por boa sorte das lettras patrias, o manuscripto inedito das suas *Africanas*. Recordo-me que, estando eu hospedado em Lisboa n'um hotel = onde tambem se hospedara um velho cirurgião militor vindo de Africa, e inimigo de Miranda = aquelle, ao dar-me a noticia do naufragio com ares dolentes, accrescentou: «O mar e o fogo disputaram entre si a ver qual dos dois havia de matar aquelle desmedido bruto». Em Africa aprende-se esta caridade.

*

* *

João Evangelista, o bravo, que nunca mudara de côr quando as azagaias hervadas lhe ziniam nas orelhas, chorou e desmaiou ao receber a nova de que estava perdoado. A alegria poderia enlouquecel-o, se não se desse nos mesmos centros nervosos a repercussão de uma penetrante angustia. Rosa, quando tratava de enfardelar as suas riquezas, imaginando-se coberta de seda e recamada de ouro em Borbelinha, foi atacada de uma perniciosa, e morreu ao cabo de algumas horas de agonia.

O viuvo cahiu de cama e desejou acabar. Rodearam-no, porém, as geraes sympathias da gente da terra, insinuando-lhe apêgo á vida para poder na sua patria fazer brilhante figura. Quando elle ia cedendo aos rogos e á natureza, aggravou-se-lhe a enfermidade, bojando-lhe na espinha cervical um an-

traz da peor casta. Mandaram-no confessar, e elle teve medo a Deus n'aquella hora, primeira vez em sua vida em que sentiu a vaidade de se julgar tão duradoiro espiritualmente eterno como o proprio Criador. Antes, porém de se confessar, quiz ver se negociava a vida, compromettendo-se com a Divindade pelo mais estravagante voto de que tenho noticia: *Cazar com a primeira mulher perdida que encontrasse assim que pozesse o pé no chão da patria.* Ao cabo de quarenta e oito horas, a gangrena parou, a escara do carbunculo despegou-se, e João Evangelista Villa Real estava salvo.

Em 1852, liquidados os bens e os escravos que perfizeram centena e meia de contos, veio para Portugal. Desembarcou no caes das Columnas ás dez horas da manhã, e foi direito á Ribeira Velha, em busca de uma estalagem onde costumava pousar com a recova dos seus machos, quando era o famoso almocreve trasmontano. Lá estava ainda a estalagem. Os antigos donos eram já mortos. A' porta da taberna estava frigindo pescadinhas marmotas uma raparigaça arremangada, de braços vermelhos, roliços e brunidos das uncções do azeite que espirrava da frigideira. Era a primeira mulher com quem fallava o João Evangelista do voto.

— Ha quarto onde se durma? — perguntou elle.

A taverneira mediu-o da cabeça aos pés, e pauzou a sua observação no grosso grilhão e no alfinete de esmeraldas rutilantes que destacava na gravata escura de setim.

— O senhor quer cá ficar?! — perguntou ella maravilhada de hospede tão limpo.

— Quero, sim, menina.

— Olhe que isto aqui é estalagem de almocreves e lavradores do Ribatejo... Eu logo lh'o digo.

— Bem sei. Dê-me o quarto das duas janellas.

— Ah! o senhor já conhece a casa...

— Ha mais de trinta annos.

— Então suba, que lá está o patrão no primeiro andar.

— A menina não é a patroa?

— Nada, eu sou criada. Patroa! tó-carocha! quem dera d'isso...

E dizia estas coisas com tregeitos muito desnalgados e frandunos.

A mocetona não tinha visto a bagagem do hospede: eram oito bahus, afora malas e maletas, um cazal de pretos carregados de viuvinhas, papagaios, periquitos, um sagui, um terra-nova, tudo recordações vivas da sua defuncta.

Recolhido ao seu quarto, coversou com o estalajadeiro assombrado da bagagem.

V. s.ª — disse o homem — não sei como não quiz ir para as hospedarias dos brazileiros, para o Alexandrino ou...

— Estou aqui á minha vontade. Já dormi n'este quarto muitas noites... Deus me dê os regalados somnos que eu dormi n'esta cama... Ainda a conheço... estou mais acabado que ella...

— Então v. s.ª é cá de Ribatejo? No meu tempo não me lembro de o cá vêr; e mais já aqui estou ha vinte e dois annos.

— Eu tenho cincoenta e seis, e a ultima vez que aqui dormi tinha vinte e quatro...

O estalajadeiro fez a conta e disse:

— Isso então foi no tempo do Damião Cambado. Esse homem é que ganhou dinheirama! No tempo d'elle havia almocreves de rópia, que se acabava o mundo quando elles entravam com arreatas de vinte machos por essa Lisboa dentro. Eu ainda fui curador do Damião. Vinham aqui pouzar o Machado do Carção e o João do Couto, lá de Traz-os-Montes, e outros que jogavam ahi a ronda a moeda e mais. V. s.ª ha de querer almoçar, ou ja almoçou? A cozinheira não é de todo peste.

— E' a rapariga que estava a frigir?

— E', sim, senhor. Boa cosinheira é ella; mas doida de pedras. Está sempre com a taxa arreganhada a quem lhe diz graçolas, e deixa esturrar os tachos. Agora deu-lhe a telha de querer casar com um aspeçada de artilheria. Leva boa peça, não tem duvida...

— Mande-me o almoço — disse João Evangelista a pensar no voto.

Quem poz a toalha na meza foi a Clemencia. Chamava-se Clemencia. Vinha muito rosada do lume, e sorria com um esmalte de dentes irreprehensiveis. Fazia uns gestos de quadris e movimentos largos, enfunando a saia côr de roza, e apertando o balão de junco na estreiteza da porta por onde servia o almoço. Tinha que ver então.

Findo o almoço, disse João Evangelista:

— Ha muito que não comi com tanto appetite, palavra de honra!

— Que lhe preste, meu senhor.

Tirou elle do dedo um argolão de ouro, deu-lh'o e disse:

— Desde hoje em diante pense em mim, se quizer ser rica.

Clemencia, moderadamente espantada, pegou do annel, remirou-o, e balbuciou:

— V. s.ª dá m'o?... Está a mangar, acho eu!

— Dou. Ouvi dizer que a menina ia casar. Não case, sem que eu lhe faça uma pergunta.

— Está o amo a chamar-me — disse ella pressurosa para esquivar-se a suspeitas malevolas.

— Vá; que poucos dias ha de ser creada de servir.

*

* *

A mudança de clima adoentou-o e produziu-lhe sezões diarias. Clemencia abandonou a cozinha, tanto que João Evangelista avisou o estalajadeiro que desde aquella hora em diante considerasse a rapariga uma hospeda, porque precisava d'ella para sua enfermeira. E' inexcedivel o carinho e zêlo com que ella velava as noites adivinhando-lhe as vontades á cabeceira do leito. As caricias sahiam-lhe tão expontaneas que não pareciam interesseiras.

Ao cabo de trez mezes, João Evangelista Villa Real erguia-se restabelecido, e cumpria o voto repetido n'esta segunda enfermidade: cazava com D. Clemencia, que é hoje uma senhora a quem a minha penna não ousa adjudicar as condições estipuladas no voto. As reticencias são pontos sem fórma littêral porque só com ellas se consegue não dizer nada, ao passo que todas as indelicadezas se acham contidas no *A-b-c;* por mais que a gente se

cance em inverter a verdade com o artificio das syllabas, quando se evita a offensa, resalta sempre a ironia. Por tanto...

.....

*

* *

João Evangelista apresentou-se a dois ministros com as cartas de recommendação do capitão-general. O dos negocios do ultramar gostou de conhecer pessoalmente o heroe de Lourenço Marques. O sol da Africa bronzeara-lhe um sympathico semblante de beduino. Usava bigode espesso e grisalho. Os cabellos eram ainda bastos, negros e lustrosos. Espaduas largas, bem conformado, mas extremamente descarnado no rosto, em que mais por isso realçava o coriscar sinistro dos olhos. Na testa serpeavam-lhe veias pretas, e tinha um nariz movediço e adunco. Contou modestamente ao ministro as suas façanhas attribuindo as á valentia dos seus soldados. Deu conselhos, propoz alvitres e pintou com acerto o estado das colonias e o modo de as conservar com utilidade. Quanto ás suas liberalidades na sustentação de um troço de homens, nada disse; mas o ministro sabia que João Evangelista desembolçára vinte contos na guerra de 1842. Ao despedir-se, o secretario de estado perguntou-lhe se pretendia alguma cousa, alguma mercê. João Evangelista respondeu que se considerava que farte remunerado com o indulto. Não obstante, dias depois era agraciado com o habito de Christo.

Deliberou residir na capital da sua provincia, em Villa Real. Transferiu se para lá; e, sem dizer quem era, foi á Samardan. No caminho, perto de Gravellos, viu uma cruz de pau sob um docel pintado de vermelho, um vermelho que parecia sangue. Na peanha tosca da cruz lia-se o nome de Joaquim Roxo, o assassinado pelo cirurgião de Borbelinha. Descobriu-se e rezou-lhe um Padre Nosso por alma. D'ali em diante, pelo caminho fóra, apossou-se do cavalleiro professo da ordem de Christo grande melancolia. Via em si o alegre almocreve de trinta e cinco annos antes, e tinha saudades da sua vida de então. Parecia-lhe ver a seu lado a sombra de Manuel Baptista e olhava sobre a esquerda onde por entre os castanhaes alvejava a torre da egreja de Borbelinha. O pensamento ia d'ali a Moçambique, via o rosto cadaverico de Rosa, e demorava-se a imaginar-lhe os ossos ainda vestidos de carne sob a terra gretada pela chuva.

Chegou á Samardan ao lusco-fusco. Bateu á porta dos Vieiras, e pediu gasalhado por uma noite. Já não vivia o padre que me mostrára o pardieiro de João do Couto. Disse que ia para Traz da Serra, e receiava metter-se ao caminho. Com grande pasmo da familia hospedeira, sahiu noite alta, e andou percorrendo a aldeia. Sentou-se á porta da casa onde nascera, curvado, com a cabeça entre as mãos, e chorou! Chorou, senhores, aquelle nomem que só devia chorar quando não teve mais pretos que matar, assim á maneira de Alexandre quando viu que se lhe acabava mundo que avassalar! Ah! n'aquella hora, se os cafres tivessem alma, e as

creanças dos cafres tivessem o direito humano de se queixarem orfanados de paes e mães, que legiões de phantasmas não voltearíam em redor d'aquelle cavalleiro de Christo!

Ao outro dia, ao despedir-se da familia que lhe dera hospedagem, revelou quem era, e pediu que se avisassem os seus parentes pobres e os seus credores, ou os herdeiros d'elles.

Confluiram a Villa Real tantos primos que o homem antes se quizera ver a contas com os pretos da terra dos Fumos. Como elle era *Alves* e *Gonçalves* por paes e avós, todos os Alves e Gonçalves d'áquem e d'além Córrego entraram ás chusmas em Villa Real. A's cavalleiras dos paes iam as creanças, e escarranchados nas albardas dos jumentos cabeceavam os macrobios. A estalagem do Ferro-Velho onde pousára João Evangelista parecia a Kaaba. As caravanas disputavam-se gráos de parentesco no pateo da estalagem.

Distribuiu João Evangelista liberalmente os seus donativos pelos parentes; mas fugiu de Villa Real quando alguns vadios, que não eram seus primos, lhe enviaram cartas anonymas designando as quantias que necessitavam e indicando os logares em que elle, se queria viver, devia depositar-as. O capitão de milicias de Africa fez então o elogio da civilisação dos negros, e evadiu-se para o Porto, visto que não lhe era permittido chamar do presidio de Moçambique a sua ala, e implantar em Villa Real alguns exordios de justiça.

Estabeleceu-se no Porto em 1853, e começou a edificar uma corrente de elegantes casas na rua

Bella da Princeza. João Evangelista Villa Real montava sempre um cavallo preto de boa estampa; seguia-o um preto a pé, e precedia-o um cão da Terra Nova. Nos dias santificados, passeava sua esposa, uma senhora dotada de gorduras carminadas, e arquejante debaixo do pezo dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontorio dos seios. Adivinhava-se ali um passado de fressuras e mãosinhas de carneiro ricas de açafrão.

*
* *

Tinha este homem no seu fôro intimo as seguintes cousas:

Primeira. Pancadaria á mão tente na primeira mocidade; navalha hespanhola na bocca, e pau de choupa em riste, nas feiras e romarias.

Segunda. As raparigas da Samardan, e as circumjacentes perdidas de modo que nem o ceu lhes podia valer; porque diz Santo Agostinho que nem Deus póde restituir a virgindade perdida.

Terceira. O pomo da discordia atirado ao seio da familia de Manuel Baptista; o amigo assassinado por amor d'elle; o cirurgião sentenciado a perpetuo desterro, e morto das febres putridas do presidio de Lourenço Marques.

Quarta. O assassinio dos dois alemtejanos, que eram maus, mas tinham direito á vida que representava o pão de muitas creanças.

Quinta. A torpe ficção de patriotismo com que se investiu para indultar-se de matador de dois bran-

cos, espedaçando centenas de negros que haviam estrebuchado sob o pé de ferro que os esmagava no chão onde o missionario implantára a cruz.

Por sobre estas cousas do fôro de dentro, queria ter por fóra o fôro de fidalgo da casa real.

Isto seria absurdo, se uma fatalidade geographica não pozesse João do Couto entre o rio Minho e o Cabo da Roca. Se elle não visse duas commendas da Conceição apresilhadas nas lapellas de dois seus visinhos apanhados em flagrante assalto de quadrilha em Ponte Ferreira; se não visse a farda escarlate n'um réo convicto de testamenteiro falso — ousaria pedir brazão de armas a el-rei seu amo? Se então não coroassem de barão portuguez um corretor de meretrizes no Rio de Janeiro, João do Couto, o homicida lavado na sangoeira dos cafres, pediria a el-rei a faculdade de ir saborear um refresco nas salas da Ajuda? Elle não pensava n'isso. João Evangelista Villa Real, se acceitou o habito de Christo, foi porque soube que Vasco da Gama o tinha acceitado; e, quando pediu o fôro de fidalgo, attendeu a que Affonso de Albuquerque e Pedro Alvares Cabral o não tinham regeitado.

Requereu, pois, brazão d'armas para encimar o portal do palacete que tencionava construir. O real pulso rubricava o titulo de nobreza d'este homicida rehabilitado pela carniceria de Africa, ao mesmo passo que a indigencia ralava na obscuridade os voluntarios de D. Maria II nas pocilgas da cidade heroica, onde João Evangelista fabricava palacios.

O brazão é passado a 2 de junho de 1861, e registado no Cartorio da Nobreza d'estes reinos, no

Livro IX, folha 42 v. O sr. visconde de Sanches de Baena traslada-o assim no seu *Archivo heraldico-genealogico*, pag. 286:

João Evangelista Villa Real, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de milicias da provincia de Moçambique; filho de Antonio Alves, negociante, e de sua mulher D. Maria Florencia Alves; neto paterno de Manuel Alves, proprietario, e materno de José Caetano Gonçalves, proprietario, e de sua mulher D. Maria Gonçalves. Um escudo com as armas dos Gonçalves.

O escudo dos Gonçalves é em campo verde uma banda de prata carregada de dois leões vermelhos rompentes. Timbre um dos leões. (1) Este é o escudo de armas passado a Antão Gonçalves que devia de ser tronco d'aquellas vergonteas que florejaram na Samardan.

Darei succinta noticia de algumas familias Gonçalves, extinctas e redivivas na pessoa de João do Couto. No *Nobiliario* do conde D. Pedro, tit. 22, pag. 134, D. Egas Gomes de Souza, senhor da Honra de Novellas, casou com D. Gontinha *Gonçalves*, filha de Gonçalo Mendes da Maya, o *Lidador*; querem outros que D. Gontinha Gonçalves fosse terceira neta de D. Ramiro II, rei de Leão. Lá como quizerem: João do Couto não discutia is-

---

(1) *Thesouro da Nobreza de Portugal*, por fr. Manuel de Santo Antonio, reformador do Cartorio da Nobreza.

so, nem lhe importava que o genealogico Manuel de Souza Moreira pozesse aquelle D. Egas na linhagem da casa de Lafões. (1)

Temos outra vez n'esta familia dos Gonçalves da Samardan, D. Mor Gonçalves, casada com Affonso Lopes de Bayão. Por este ponto os leões de João do Couto encontram-se com as aguias da Honra de Azevedo, pela alliança de um neto de D. Alvaro de Bayão com a supradita Gonçalves. (2) Giravam outrosim nas arterias de João do Couto alguns globulos do sangue do rico-homem de Castella D. Gomes *Gonçalves* Girão, irmão do senhor da casa de Girões. Consulte-se *Gludiel*, «Compendio de los Girones», pag. 48.

Desastres, tranformações, mudanças de tempos, quedas e renovações de nobreza, em tempoos de Affonso III, de D. João I, de D. João II, dos Filippes, de D. João IV fizeram que os Gonçalves avós de João Evangelista vivessem de fazer carvão nas serras da Samardan; todavia, o lavrante do alvará, repondo os prenomes de *Dona* na tia Maria Florencia e na tia Maria Gonçalves, mãe e avó de João do Couto, endireitou esta linhagem que andava torta, e limpou-a do pó das carvoarias.

(1) *Theatro historico-genealogico y Panegirico de la excelentissima casa de Souza*, pag. 94. N'estas materias graves a exactidão das citações é cousa capitalissima.

(2) *Historia genealogica da Casa Real*, tom. XII, parte I, pag. 237.

*

* *

João Evangelista Villa Real, cavalleiro professo na Ordem de Christo e fidalgo com exercicio, viveu a longa vida dos anciãos que encaneceram com a serena consciencia dos patriarchas, e em provectos annos se mantiveram para exemplo da mocidade. Devia orçar pelos setenta e sete, quando ha quatro annos adormeceu no infinito somno dos cavalleiros professos, envolto no manto da ordem com o seu largo peito ornado da cruz vermelha. Ali, no jazigo do ultimo descendente bem aproveitado dos Gonçalves, apodrece o primeiro fidalgo, e porventura o derradeiro da Samardan.

Não deixou descendencia, porque tinha de menos na arte de fazer homens o que lhe sobrava no engenho de os desfazer. A sua viuva passou a segundas nupcias com um sobrinho remoto do defunto. Não sei se ha raça de Gonçalves n'esta enxertia: mas D. Clemencia entrou segunda vez na corrente de D. Gontinha.

*

* *

N'esta novella-biographia ou biographia innovellada, não a quiz fazer chorar, minha senhora. Vossa excellencia já sabe que eu — o derradeiro cultor do romance plangente n'este paiz onde a litteratura se está refazendo com fermentações de côres varias e

jogralidades vasconsas, — premindo com o dedo umas certas molas do mechanismo da sentimentalidade, faço tremeluzir no setim de suas pestanas umas camarinhas de preciosas lagrimas. Tambem não quiz que vossa excellencia se risse. Este livrinho tem intuitos graves, e encerra uma idéa encoberta, porque idéas descobertas já raramente apparece uma. Tenho o desvanecimento de conjecturar que a philosophia d'este opusculo hade dar de si. Pretendo anniquilar a fidalguia d'estes reinos movendo vossas excellencias a não consentirem que seus esposos, afidalgando-se como João do Couto, concorram juridicamente aos bailes do Paço com facinorosos de torna-viagem.

FIM

X

A VIUVA DO ENFORCADO

> Le roman se fausse, ètriqué ou perverti. Lequel vaut le mieux ? Au moins les romans moraux ne corrompent personne ; il est vrai d'ajouter qu'ils ne convertissent personne.
>
> PAUL BOURGET.

Á MEMORIA

DO

SENHOR REI D. AFFONSO HENRIQUES

Eu podia escrever uma novella urdida com factos de Guimarães, sem me lembrar do mais notavel filho d'aquella terra — o Senhor D. Affonso Henriques.

Procurei nas ruas e praças de Guimarães a estatua do fundador da monarchia. A cidade opulenta, que tem ouro em barda, e abriu dois Bancos como os plethoricos que se dão duas sangrias, não teve até hoje um pedaço de granito que pozesse com feitio de rei sobre um pedestal!

Se eu fosse rico, ou sequer pedreiro, quem fazia o monumento d'Affonso era eu. Assim, como ultimo dos escriptores e o primeiro em patriotismo, apenas posso aqui levantar um perpetuo padrão ao vencedor de Ourique, — ao real filho da mãe ingrata.

A VIUVA DO ENFORCADO

PRIMEIRA PARTE

A arte da ourivezaria foi cultivada primorosamente em Guimarães no seculo XV. D'aqui sahiu Gil Vicente, o lavrante da rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Fez aquella galantaria da custodia de Belem, que o leitor não trocaria decerto pelas delicias de reler os Autos e Comedias que elle fez tambem, o nosso Shakspeare. Eu trocava; e ousaria até propor a troca, se a custodia não estivesse na baixela de el-rei. Quanto ao poeta Gil Vicente e a Shakspeare, os dois parecem-se tanto um com o outro como o *Hamlet* com o *Pranto de Maria Parda*.

Pelo que pertence á terra natal de Mestre Gil, não impugno a hypothese que confere tamanha honra a Guimarães. Lisboa e Barcellos disputaram essa gloria ao berço da monarchia; mas um notavel genealogico, o desembargador Christovam Alão de Moraes, escreveu ha dois seculos que o Plauto portuguez era filho de Martim Vicente, ourives de

prata, natural de Guimarães. Se eu podesse desconfiar da infallibilidade dos linhagistas, justifical-os-hia um documento que possuo de 1455, vinte annos talvez mais novo que Gil Vicente. Com toda a certeza vivia então na Caldeirôa, arrabalde da villa, o sapateiro Fernão Vicente, pae de Martinho Vicente. Este, que era ourives, morava então no Casal da Lage, freguezia de Santo Estevão de Urgezes. Aqui, provavelmente, nasceu Gil Vicente. (1)

Isto veio a proposito de ter sido Guimarães a patria de alguns ourives lavrantes que formaram eschola de esculptura. A historia das artes plasticas celebra mais alguns nomes; nós, porém, diremos de um ourives d'este seculo, ali nascido n'aquellas formosas ruinas abraçadas pelas frondes dos arvoredos. Não se fez celebre pela arte. O coração queimou-lhe os gomos do engenho quando iam desbotoar-se em flôres.

Chamava-se Guilherme Nogueira, e nascera em 1802. Por 1818, estudára pintura no Porto; mas por morte de seu mestre João André Chiape, voltara para Guimarães, dera se á esculptura, e trabalhava com ardor na officina de seu pae, ensaiando

(1) O documento a que me reporto intitula-se: *Os casaes privilegiados das hortas e mais propriedades que se acham insertas na carta de privilegio d'el-rei D. Affonso V, concedidos á egreja de Santa Maria de Guimarães, chamados os das Taboas vermelhas são os seguintes*... De prompto se deprehende que este titulo foi posteriormente dado á relação das pessoas que em 1455 habitavam os casaes foreiros a Santa Maria.

a imitação do antigo. Não dava ferias ao lavor ou ao estudo. Ia para o thesouro da collegiada, com a protecção de um parente conego, contemplar os calices de prata dourada, os sceptros e a gargantilha da Senhora da Oliveira com os seus dezeseis botões de ouro esmaltado e guarnições de aljofar; maravilhava-o a cruz lavrada, que dera o conego Mendes, e a custodia cinzelada com imagens, dadiva de outro conego do seculo XVI.

Uma vez, encontrou lá um abastado surrador de pellames que mostrava o thesouro da Senhora da Oliveira a uns parentes do Alto Minho, e explicava imaginariamente as coisas. Dizia que o gomil das carrancas douradas era o jarro que servira no baptismo de D. Affonso Henriques, e que o bordão que a Virgem leva nas procissões fôra enviado por Santa Helena a S. Torquato bispo de Citania. Guilherme Nogueira, sem desfazer na illustração archeologica do curtidor, explicou tambem a proveniencia dos seis castiçaes lavrados feitos com a prata de onze anjos encontrados no espolio dos castelhanos em Aljubarrota.

Uma pessoa do grupo ouvia a explicação do ourives com a maior attenção. Era Thereza de Jesus, a filha do surrador Joaquim Pereira.

Esta menina era filha unica, bonita, muito recolhida, e confessada de um franciscano tão bem intencionado que promettia fazer d'ella uma santa com ajuda de Deus.

E era de esperar. Thereza ia nos vinte annos, e tinha o coração innocente dos dez. Via passarem na rua dos Fornos, á tardinha, ora um ora outro rapaz

de familias illustres ou abastadas, com os olhos fitos nos rotulos das suas janellas. Via-os, atravez das gradinhas de páo, e assim mesmo o pudor purpurejava-lhe as faces, e uma especie de mêdo dos homens a obrigava a recuar o esteirão da soleira da janella. A timorata creatura tinha escrupulos, e perguntava á mãe se os homens a veriam da rua. Isto, na verdade, era bonito em uma menina de vinte annos; mas, se a critica póde superintender no fôro intimo de tão candida alma, a mim parece-me que o escrupulo é a chave que abre a porta por onde a innocencia hade escapar-se, tarde ou cedo. Se houvesse virtudes perfeitas, essas desconheceriam os escrupulos que são de per si os preludios das imperfeições. O franciscano era menos cazuista que eu, e talvez menos intendido na fragilidade humana. Das inquietações de Thereza tirava elle conclusões de extremada innocencia: se ella tinha mêdo aos homens, era signal de graça infusa, era o instincto que farejava n'elles as tentações do amor, as enormes diabruras que distrahem o espirito da contemplação divina, abatendo-o ás materialidades da vida transitoria.

O surrador era um christão regular como todos os surradores de boas contas e consciencia sã que tratam dos seus cortumes com o devido esmero; mas a ideia de ter uma filha predestinada, como dizia o frade, não o enthusiasmava. Como era rico, e não tinha outra prole, queria que a sua Thereza, em vez de vestir santos e acaricial-os com uma idolatria meigamente idiota, vestisse e ameigasse filhos. Em summa, João Pereira queria ter netos,

queria sobreviver n'elles, e continuar a surrar perpetuamente pelles de boi mediante a sua posteridade. O homem já presentia uma das immortalidades que Pelletan idealisou quarenta annos depois, — a perpetuidade da raça.

Por tanto, quando Thereza de Jesus andava a jejuar um jubileu, disse-lhe elle que era necessario tratar de outro modo de vida; accrescentou que as beatices eram boas para quem não tinha que fazer; e concluiu que aprendesse com sua mãe a governar a casa, porque era necessario saber tratar do marido e dos filhos, se Deus lh'os desse; e que, em fim, jubileus, vias-sacras e jejuns não serviam para o arranjo da familia. Apezar de não ser extremamente lyrico este estylo de Joaquim Pereira, a filha, de pasmada que ficou, parecia não o perceber; porém, alguma coisa intendeu, porque d'ahi a pouco perguntava ella á mãe:

— Com quem quererá cazar-me o pai?

A pergunta foi feita com bastante rubor e sobresalto.

Respondeu-lhe a mãe que o não sabia com certeza; mas que tinha ouvido fallar no tio Manuel do Porto.

— Credo! — exclamou Thereza — Vossemecê está a mangar commigo?

*

* *

O tio Manuel era irmão de Joaquim. Tinha officina de curtidor na rua dos Pelames, no Porto, e

era muito rico, e viuvo sem filhos, com cincoenta annos, sujos sim, mas bem conservados. Tinha passado a festa do Natal de 1822 em Guimarães, e levara á sobrinha um grilhão de ouro da sua viuva dentro de uma rosca de pão de ló. Gostou muito de a ver entretida com o presepio do Menino Jesus, cheia de devotos carinhos, ora beijando-lhe os pés, ora incensando o recinto do religioso espectaculo, guardando em todos estes actos umas attitudes mysteriosas e uns silencios respeitosos e dignos das primitivas christandades nos subterraneos da Roma pagã. Acompanhou o tio Manuel a sobrinha á missa do gallo, e embirrou com o fidalgo do Toural que lhe atirou confeitos a ella, e a elle dois rebuçados velhos á cara que pareciam de chumbo. Todavia, notou a austera gravidade de Thereza que nunca voltou o rosto para ver d'onde lhe atiravam os confeitos. Ao sahir da egreja do mosteiro de Santa Clara, um rancho de fidalgos com os seus lacaios armados de lanternas, formaram alas para alumiarem e acompanharem as damas que sahiam. Thereza, para não ser vista, sahiu pela porta travessa, dizendo ao tio:

— Vamos por aqui por causa d'esses homens.

— São bons bregeiros! — concordou elle, e accrescentou de si para comsigo: — Juizo até ali!

Em casa disse ao irmão que Thereza era uma joia, e contou o caso dos confeitos com a vehemencia de quem repete o caso de Lucrecia. O mano Joaquim, abrindo e fechando a bôcca com tres cruzes, resmuneou:

— A rapariga tem pancada na mola.

— Pancada? a que chamas tu, salvo seja, pancada na molla?!

— Está beata, entendes, Manuel? O frade tolheu m'a. E' tudo santos de pau e de papel e de barro por essa casa. Novenas, confissões, lausperennes, tres missas por dia, jejuns, e não faz mais nada, nem falla n'outra cousa. Ver homens é como quem vê o diabo.

— E então isso não é bom? — atalhou o mano Manuel — Querias que ella gostasse de ver homens?

— Pois então? quero que ella caze, entendes? quero que ella tenha filhos. A quem hei de eu deixar o que tenho...

— E eu?

— E' verdade, e tu que não tens outros parentes? Se ella assim continuar e ficar solteira, sabes onde vae bater o meu dinheiro e mais o teu? aos frades e ás freiras. Apanham-lhe tudo. Que o ganhem! Vão pr'o inferno. Custou-me muito a amanhal-o; não quero engordar vadios e vadias. Quando penso n'isto, olha que se me atravessa aqui nos gorgomilos um nó!

— Trata de a casar, Joaquim.

— Com quem?

— Falta elle!...

— Já m'a pediram; mas tu que queres? A rapariga não quer apparecer a homem que venha aqui; não conhece nenhum; passa por elles na rua, como... sabes tu? até me diz a mãe que fecha os olhos. São os frades, percebes? Ora agora, eu, se queres que te diga a verdade, tenho pena d'ella. Não hei de leval-a de rastos pela orelha á egreja.

Queria que ella gostasse d'um homem, quero dizer, do marido que eu lhe escolhesse. Está ahi o João da viuva Peixota que é serio, trabalha ainda como um burro, e tem quinze mil cruzados só da parte do pai.

— Já lhe fallaste n'elle? — acudiu o irmão com certo alvoroço.

— Fallei, quero dizer, perguntei-lhe que tal o achava.

— E ella...

— Respondeu-me que não sabia como o achava. Olha tu que resposta tão asna!

— O que eu te digo, Joaquim, é que o homem que a levar, leva a mulher mais virtuosa que ha no mundo. Eu, se topasse uma assim, não sei, mas... parece-me que me casava outra vez; e mais, desde que a outra defunta se foi, é a primeira vez que isto me passa pela cabeça. Ainda que ella fosse pobre, mas honradinha como é Thereza, juro-te por esta luz que nos alumia, que a fazia rica... Mas, emfim, isto é por fallar; que eu ainda que ande com uma candeia não acho outra como ella.

— Olha se a Thereza te quer... — interrompeu Joaquim entre grave e risonho — eu cá por mim dout'a, e fico satisfeito. Quanto tens tu de teu? Pr'ahi quarenta mil cruzados...

— Põe-lhe por cima metade.

— Sessenta?

— Seguros.

— Pois ella não tem tanto... mas...

— Isso é que eu não quero saber, Joaquim. Dám'a tu, que eu não te quero uma de seis.

— Isso lá, homem, quer queiras quer não, o que eu tenho d'ella é. Não digas nada pelo emquanto. Eu cá fico a pensar no negocio. A coisa de sopapo não se póde fazer. Primeiramente, é mister cortar-lhe pelo beaterio, e metter a mãe no arranjo. Depois, eu te escreverei a dizer o que se vai passando.

*
* *

Quando Thereza de Jesus exclamou: «credo!» a mãe logo anteviu desgostos, e talvez infortunios na familia por causa do casamento. Esquivou se a esclarecer a filha, receiando que ella lhe fugisse para o convento das Claras que a solicitavam a professar por intermedio do confessor. Como era rica e virtuosa, o convento, moral e materialmente ganharia grangeando para os esponsaes divinos uma noiva tão dotada das graças do ceo e do producto liquido dos cortumes. Communicou ella ao marido os seus receios. Concordaram na inconveniencia de lhe fallarem outra vez no tio, posto que Joaquim Pereira, compassando os algarismos com umas suaves palmadas na espadua roliça da esposa, dizia lugubremente:

— Sessenta mil cruzados, Feliciana!

— Deixa lá o dinheiro com a breca! — redarguiu ella. — Amanha-lhe marido de que ella goste, ainda que seja pobre.

— Pobre! Boa vai ella! Olha! — e mostrava-lhe o rebordo purulento da palpebra do olho direito, arregaçando-a feiamente. — Pobre!... Não que elle

custou-me a ganhar! Quem n'apanhar hade ter pelo menos tanto como ella. Ora essa!... São tantos a quererem-na como isto — e agrupava os dedos em fórma de pinha, mostrando as unhas escalavradas com petreficações de lixo e gordura.— Até fidalgos, percebes? Ha-os por ahi que se eu lhe desempenhasse as quintas... Tu então estás a ler, Feliciana! Cazal-a com homem pobre!

*

* *

Alguns dias depois, deu-se aquelle encontro de Thereza de Jesus com o ourives Guilherme Nogueira, na casa da collegiada. Ella, do mesmo passo que ouvia as explicações do artista respectivas ás peças do thesouro, maravilhava-se em si mesma da condescendencia com que o escutava, e, mais ainda, do prazer com que o via.

Guilherme Nogueira tinha um aspecto sympathicamente doentio. Formara-se no ar impuro da officina. O habito do trabalho cerceava-lhe o deleite das horas de repouso. Passeava só e pezado de tedio porque se acostumára á soledade do seu quarto. Recolhia-se em si, com as suas meditações, para sentir-se viver nas chimeras do ideal na arte. Ninguem o comprehenderia na sua esphera. Os seus pares no officio eram apenas operarios. Se soubessem que elle tinha ido a pé ver a epopea petrificada do mosteiro da Batalha, e se o ouvissem devanear cousas abstruzas a respeito de pedras rendilhadas por engenhosos pedreiros, a não o capitularem de

tolo, cuidariam tratal-o indulgentemente chamando-lhe magico. O pae não o entendia; mas inclinava-se-lhe sobre o hombro, com os olhos embaciados da alegria que chora, quando elle nos bordos de uma salva de prata lavrava os relevos dos paços de Affonso Henriques, e a jornada de Egas Moniz, com a esposa e os filhos, offerecidos á vingança do monarcha leonez. Tinha as tristezas do talento que se acha excluido das condições materiaes do interesse. O pae via um equivalente a dinheiro nos lavores do filho; o artista, sonhando as vagas ovações da gloria, via em redor de si o riso desdenhoso da inveja e o estipendio regateado do trabalho. Escondia-se para não ver passar ás mãos de um frio possuidor de baixella a sua obra que levava mais amor do seu coração que primores do escopro. Pungiam-lhe então o espirito violentas ambições de riqueza. Queria sagrar a sua arte esquivando-se á prostituição do dinheiro; fechar-se com as suas creações, fazel-as symbolos da sua vida obscura em um mundo cheio de luz, espelhar na lamina de ouro e prata a sua alma, rever-se nas suas obras quando baixasse ao poente da vida, e legal-as a um alto espirito que uma vez encontrasse procurando em vão no vasio das alegrias humanas o trabalho como refugio, e as lagrimas ignoradas como consolação.

Este era o homem triste que historiava em termos chãos a batalha de Aljubarrota ao surrador, a proposito dos anjos de D. João I de Castella refundidos em castiçaes pelo mestre de Aviz.

Joaquim Pereira escutava com espanto a narrativa, e perguntava ao moço se elle não era filho do Luiz

Nogueira da rua de Val de Donas. Ao mesmo tempo examinava-lhe a limpeza do trajar, como notando a demasiada decencia de um official de ourives, filho de outro que pouco tinha de seu. As oito tocheiras de prata com brasões deram margem a que o ourives explicasse que as armas eram dos Tavoras, e contasse o funesto destino d'estes fidalgos. O curtidor sinceramente admirado e agradecido, disse-lhe que um homem com tantas memorias devia ser mestre-eschola.

— Vossemecê porque não arranja a metter-se frade? — perguntou-lhe o parente do surrador.

A isto respondeu logo Joaquim Pereira:

— Não que elle é preciso ter patrimonio.

E o outro redarguiu:

— Eu dizia que se fizesse frade d'uns que chamam bôrras; não dizem missa, mas tem que trincar no refeitorio.

Guilherme olhava com amargura para estes homens, e não respondia. Thereza de Jesus, fitando-o com a fixidez com que costumava contemplar os santos, parecia supplicar-lhe que desculpasse as bestialidades do auctor de seus dias.

Os olhos d'elles encontraram se, n'este lance, pela terceira vez. O artista não sentiu umas estranhas commoções que todo o romancista costuma e deve mencionar quando o amor salta de repente ao peito de duas pessoas. Por via de regra, os olhos baixam-se e as faces tingem-se. Ha sempre congestões n'estas coisas. As excepções não são muitas; mas uma de que eu tenho noticia é este caso de Guimarães. Guilherme olhou para Thereza com a

suave e serena contemplação do idealismo que transforma os seres palpaveis em uma figuração abstracta. Os olhos negros e o rosto alvo e fino de Thereza inquadrou-os elle em umas linhas que bosquejara a lapis, quando acabara de ler a *Cantata de Dido*, de Garção. Era a malograda amante do ingrato troiano que elle queria esboçar, quando a miserrima

Pelos paços reaes vaga ullulando,

e

C'os olhos turvos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Os visitantes do thesouro de Nossa Senhora da Oliveira retiraram-se, e Guilherme, d'ahi a pouco, tinha copiado da alma para o papel duas feições fieis do rosto de Thereza: os olhos, e o mais incorporeo d'elles — a doce melancolia com que o fitara no momento em que seu pai lhe concedia habilitações para mestre-eschola. Depois, guardou o dezenho, e andou pelas egrejas observando os tons das tintas, o colorido, a luz e a sombra das santas pintadas a oleo. Sentia-se menos só. Aquella imagem acompanhava-o como a estrella que vai comnosco pela solidão da noite alta. Sahia mais a miudo por essas muralhas de verdura gigante que rodeiam a destemida aviltadora do condestavel Duguesclin. Não ouvira ate então as lyras que rumorejam nas florestas; nem a franja d'ouro do arrebol se erguia entre-mostrando-lhe o enygma da felicidade esclarecida por uma pouca de luz difusa dos olhos de uma mulher.

E ella?

*

* *

Ella disse á mãe que, se o pai lhe fallasse em casar com o tio Manuel do Porto, estava resolvida a ser freira.

— Não casas, não, Thereza — assegurou-lhe a mãe — Não te hão de faltar maridos á tua escolha; ponto é que escolhas com acerto e juizo. Teu pai o que não quer é que te cases com rapaz pobre. Olha lá, menina, que te parece o filho da viuva Peixota?

— Eu o arrenego! Eu só gosto de um homem n'este mundo...

— Bem sei.

— Sabe? então quem é?

— E' o frei João de Santa Tecla — é o fradinho.

— O meu confessor?

— Pois então!

— Credo! A mãe está doida! Pois eu havia de amar o frade? Aquelle velhinho! Jesus, que ideia tão disparatada!

— Queria eu dizer que gostas d'elle por que é o teu director espiritual, tu não me entendes? Qual amor nem qual diabo?

— Ah! isso sim; mas vossemecê fallava-me em casar...

— Então quem é o homem com quem tu casarias, se te deixassem?

— E' um segredo que ha de ir commigo á cova Assim como assim, tanto faz amal-o como não,

porque é pobre; e então escuso de dizer quem é. Com outro é que eu não caso.

Estas palavras expeditas e sem refolhos inculcam amor forte; e o desempeno com que as proferiu revela e promette um animo energico e disposto a luctar. A ar.ª Feliciana intendeu que o predilecto de Thereza devia ser algum dos mancebos que passava, á tardinha, na rua, com os olhos pregados na gelosia. Conhecia-os de nome e de familia. Um era filho segundo da illustre casa de Simaens, outro era a rica vergontea d'um cutileiro, dois eram negociantes de coiros, o quinto era o filho da viuva Peixota, e o sexto finalmente era um tenente de milicias. A seu ver, havia de ser um dos dois — o primeiro ou o ultimo; porque o filho segundo, de antiquissima raça, com quanto fosse *Pinto* duas vezes, raras vezes tinha um pinto, celebrado trocadilho do famoso poeta João Evangelista de Moraes Sarmento. O ultimo, o tenente de milicias, possuia de seu apenas uma cintura tão subtil e fina que parecia sustentar-se sobre os quadrís por um prodigio de equilibrista, porque o homem parecia não ter centro de gravidade. O poeta Sarmento chamava-lhe cintura á prova de fogo, porque não havia bala que lhe acertasse. Não obstante, as damas de Guimarães não eram insensiveis ao feitio delicado d'este tenente, que eu conheci pagando acerbamente os delictos da cinta de vespa, arredondando-se tão enxundiosamente que parecia todo elle a barriga do gigante Typheu fulminado por Jupiter.

A esposa de Joaquim Pereira não podia lembrar-se de Guilherme porque não o conhecia; nem The-

reza, quando voltou da Collegiada, lhe fallou no explicador das peças do thesouro. Esteve indecisa entre communicar e occultar ao marido o desproposito da pequena; temendo, porém, o genio desabrido do seu Joaquim, e a fuga de Thereza para o convento, calou-se, e tratou de a espreitar.

Um domingo, quando sahiam da missa da Senhora da Oliveira, para onde Thereza, oito dias a fio, encaminhava a mãe, entrava na egreja Guilherme Nogueira. O ourives, colhido de sobresalto, cumprimentou-a com tal preturbação que se denunciou á mãe precatada. Thereza de Jesus escondia o rosto na mantilha de sarja, quando Feliciana apertava o passo para lhe perguntar quem era o rapaz que as cumprimentara tão atrapalhadamente. A resposta não confirmou a suspeita: Thereza disse que o conhecia de o ver no dia em que o pai a levara ao thesouro da Senhora da Oliveira; e foi contando á mãe as batalhas de Aljobarrota e a morte dos Tavoras consoante as ouvira ao tal rapaz.

— A mãe nunca viu aquellas riquezas? — perguntou ella.

— Eu nunca.

— Pois se quer, vamos lá um dia, que eu explico-lhe tudo.

*

* *

Feliciana disse ao marido que queria ver o thesouro da Senhora.

— Pois vae,— disse Joaquim Pereira—e, se lá es-

tiver um rapazola que lá topámos quando eu fui, vaes-te regalar de o ouvir contar coisas e loisas que aconteceram no tempo dos moiros; estão lá uns castiçaes, que eram, pelos modos, de uns anjos de prata que ficaram na batalha do campo de Ourique. Elle é que sabe, o tal sujeito, que é filho do Nogueira ourives, e a fallar parece outra casta de homem. Depois que sahi, o teu primo de Monsão ainda quiz voltar atraz, e dar-lhe uma de doze; mas a Thereza disse que parecia mal. Eu entendo que elle vai alli explicar aquellas historias a vêr se amanha alguns patacões; mas cá esta menina disse que o rapaz talvez se offendesse, e fez com que elle ficasse sem os doze vintens. Se lá o encontrares, dá-lh'os tu...

— Então já não vou! — acudiu Thereza — Elle não estava á nossa espera. Parece mal dar-lhe uma esmola. Um sr. conego que lá chegou disse que elle ia alli muitas vezes examinar as custodias porque era ourives a as achava muito bem lavradas. O pae não ouviu tambem isto?

— Parece-me que sim; mas sempre lhe dá a de doze, porque o rapaz é pobre, e trabalha por conta de outros ourives. Outra cousa — proseguiu o surrador — em vez de lhe dar dinheiro, o melhor é mandar-lhe fazer dois castiçaes d'aquella prata velha das tijellas que já estão furadas; mas será bom primeiramente pesar a prata, que eu não conheço o homem nem me fio em ninguem. Está o mundo cheio de ladrões.

— O' pae! — atalhou Thereza — olhe que isso é peccado! Nem todos são máos. Elle foi tão delica-

do comnosco! Até o pae se admirou das coisas que elle contou...

— Sim, elle palavriado tinha, e vê-se que tem memorias para arranjar aquellas historias dos tempos antigos; mas lá se elle é ourives honrado isso é que eu não sei, nem tu. Pesar a prata não é máo. Feliciana, justa com elle; porque isto de ourives só não enterram a unha quando não pódem. Está o mundo cheio de ladrões, é o que eu vos digo.

*

* *

Perguntou a mãe de Thereza ao sachristão da Senhora da Oliveira se lá estava o homem que explicava as cousas. Respondeu o sachristão que o não vira desde que lá estivera o sr. Joaquim Pereira; mas que um parente do Guilherme, o conego Araujo, lhe dissera que o rapaz estava a pintar uma imagem, e que só sahira dois domingos para ir á missa.

— Eu queria ver — disse a sr.ª Feliciana, — se elle me arranjava dois castiçaes de uma prata velha que trago aqui.

— Se a senhora quer fallar-lhe, elle mora na rua de Val de Donas, n.º 2. Não tem que atinar: é a segunda casa á sua mão esquerda. A senhora entra no patim e trupa em uma portinha que lhe fica á direita. E' ahi que elle está sempre a trabalhar. Vá lá que ninguem lh'o faz melhor e mais em conta. Pessoa mais desinteresseira não na ha em Guimarães. Acceita o que lhe dão e nunca pede conta que

lhe devam. O beneficiado bebe os ventos pelo rapaz, e a fallar-lhe a verdade já por ahi se rosnou que elle mais por aqui mais por ali era pae d'elle. O caso é que o conego quer ás vezes dar-lhe quatro ou cinco cruzados novos. O rapaz não acceita e diz que o seu trabalho rende mais que o bastante. E a respeito de religião? E' a perola da terra! Não consta que elle faça pé de alferes a mulher de casta nenhuma. Traz lá no miôlo a veneta de fazer custodias como as antigas, e não pensa n'outra cousa. As senhoras conhecem o Paschoal ourives, aquelle que metteu a mulher no Recolhimento da Tamanca por coisas e tal *et cætera?*

— Conheço — disse Feliciana.

— A filha andou commigo na mestra — accrescentou Thereza — Chamava-se Emilia.

— Pois essa Emilia tem de seu só de legitima, ou deixa, ou que diabo é, d'uma avó tres mil cruzados, e hade ter o *trasbórdo* do pae, que, aqui entre nós, lá no seu officio é ladrão como rato. Pois, senhoras, bem quiz o Paschoal que o Guilherme lhe casasse com a filha; metteu-se n'isso o beneficiado; casaram as senhoras? nem elle. Ouvi-lhe eu dizer com estas — e dizendo, sacudia as rubras orêlhas o sachristão — que não casava com ella nem com outra: e que, se apertassem muito com o fiado, sahia de Guimarães e ia para o Porto, onde elle, pelos modos, se quizesse podia ganhar muito bem a sua vida a pintar alminhas. «Case, sr. Guilherme, — lhe disse eu — não seja palerma; olhe que hoje em dia quanto tens quanto vales.» E elle punha-se a assobiar o hymno d'esses hereges que fizeram a

revolução no Porto ha dois annos. E' o defeito que lhe acho: gosta d'este partido que está agora a desgraçar-nos, e tem incasquetada na cabeça a ideia de que os homens todos são uns, e que os fidalgos se fazem da massa dos mechanicos. Liberdade, igualdade, liberal constituição, *et cætera*. Olhe as senhoras, com licença, que asno! E é pena que tenha esta falha, porque no mais aquillo é um gosto vêl-o discorrer! Elle sabe de contas como ninguem; sabe todos os casos que succederam desde que o mundo é mundo; sabe o nome de todos os reinos, sabe lêr nos missaes, e em Guimarães ninguem sabe como elle isto dos planetas que se lê nos lunarios perpetuos. Mas o que elle tem é ser muito tristonho. Tem dias que não dá palavra. Vem para ahi, senta-se a pintar as costodias e não levanta a cabeça. Pois, senhoras, se vossemecês querem que eu as acompanhe, estou ao seu dispôr; mas não tem onde errar, é o n.º 2, no baixo á porta da rua.

— Queres que vamos agora lá ou manda-se lá o caixeiro? — perguntou a sr.ª Feliciana á filha.

— Já que estamos na rua, se a mãe quer, vamos lá. Se elle me fizesse a imagem da minha Santa Thereza de Jesus...

— Só se elle não quizer, menina — affirmou o sachristão — Elle faz tudo quanto ha. Uma vez tirou-me o meu retrato com tinta de escrever; mas o maganão fez-me o nariz arrebitado, e assim mesmo o demo do mono parecia-se commigo, tirante o nariz. Peça-lhe a imagem da Santa que elle, se estiver de maré, faz-lh'a.

Aconchegando as honestas mantilhas dos rostos, a mãe e a filha encaminnaram-se á rua do Val de Donas. Thereza, ao aproximar-se da casa de Guilherme, sentiu-se muito alvoroçada e como que arrependida do intento. Ainda balbuciou a ideia de retroceder; porém, como visse a mãe disposta á condescencencia, não insistiu. Entrou na rua, e quando viu o n.º 2, disse com a voz tremula:

— E' aqui.

— Parece que estás atrigada! — observou a mãe.

— Atrigada, não, minha mãe... Isto acho que é cansaço.

Entrou a sr.ª Feliciana ao patim; e, com o desembaraço proprio da esposa de Joaquim Pereira, batendo á porta de um humilde official de ourives, deu tres palmadas na almofada da porta como se as désse em um portão de quinta.

— Quem é? — perguntou Guilherme.

— Gente de paz — respondeu Feliciana.

— Não o parece — murmurou elle. — Levante o trinco, e entre quem é.

Ella deu meia volta á argola, e entrou adiante da filha. O artista, n'este momento, estava em pé, defronte de um cavallete, com as costas voltadas para a porta. Quando ouviu dizer «com licença» voltou-se vagarosamente como se com repugnancia suspendesse o lavor do pincel. Ao mesmo tempo que elle via Thereza de Jesus, encarava Feliciana a pintura, e exclamava:

— Ai! o retrato da minha filha! O' Thereza, olha o teu retrato!

Thereza pozera os olhos na tela; e o pintor, com

a palêta no dedo pollegar, e os olhos embellezados no original, parecia estar-se mudamente enlevado ainda na imagem que tinha na alma. N'aquella surpreza havia as delicias de um sonho. A sr.ª Feliciana, unica pessoa do grupo que parecia bem acordada e com algum espirito, perguntou a Guilherme quatro cousas de pancada: 1.ª, como tirára o retrato de sua filha sem a ver? 2.ª quem lh'o encommendára? 3.ª se o fizera para o vender? 4.ª quanto queria por elle?

Guilherme Nogueira, como estas perguntas o avocassem á vida chata e real, recobrou animo; e, depondo a palêta, chegou duas cadeiras ás senhoras, e rogou que o desculpassem de as receber inesperadamente com a sua vestia de trabalho.

— Está muito bem — disse a sr.ª Feliciana — cada qual em sua casa está como póde ou como quer. Pois o retrato — proseguiu ella, deixando cahir a mantilha para a cintura — o retrato é a minha Thereza; falta-lhe só fallar; não é assim, menina?

— Sim... elle... — murmurou Thereza.

— Ainda não está concluido — disse Guilherme.

— Pois eu quero compral-o, custe o que custar — insistiu a mãe.

— Não lhe custará nada, minha senhora — tornou o artista — se me dá o prazer de lh'o offerecer.

— Nada, isso não quero: é o seu modo de vida.

— Não é o meu modo de vida: eu não sou pintor.

— Mas então para que pintou a minha filha?!

— Retratei-a... porque... os pintores costumam quando pintam as imagens dos altares repro-

duzir as feições mais bellas que viram e não esqueceram.

Elle balbuciava, e Thereza, abaixando os olhos, torcia a pontinha do lenço.

— Ah! então vossemecê sempre pinta santas?— acudiu com bastante logica a sr.ª Feliciana.

— Não, minha senhora, não as tenho pintado.

— Ah! não? é que a minha filha vinha encommendar-lhe uma Santa Thereza de Jesus.

— Estou ás suas ordens, minha senhora — disse elle a Thereza. — Não me será difficil copiar alguma imagem que a senhora me indique.

— Muito agradecida. Eu não queria dar incommodo ao sr. Guilherme.

— Com effeito! — repizava a mãe bracejando.— Fazer assim o retrato de minha filha, tal e qual! olhos, nariz, a cova na barba, os cabellos ruivos! Credo! Vossemecê acho que só viu a minha Thereza uma vez...

— Duas, minha senhora; uma na sacristia da Senhora da Oliveira, e outra no adro.

— Faz ámanhã oito dias — confirmou a menina.

— Bem diz o meu homem que vossemecê tem grande cabeça! — tornou a mãe. — Pois em fim, eu quero este retrato para o dependurar no meu quarto. O meu Joaquim, em o vendo, é capaz de lhe dar por elle uma moeda de oiro! isso é!

Thereza fez um gesto de insoffrido pejo. Guilherme comprehendeu-a; e, no intimo da alma, adorou-a e compadeceu-se d'ella.

— Já lhe disse, minha senhora — repetiu elle sorrindo benevolamente — que muito cedo terei o pra-

zer de lhe remetter o retrato de sua filha, visto que a senhora me faz o favor de o acceitar.

— Pois então ficamos tratados — concluiu a esposa do surrador; e continuou: — Ainda lhe não disse tudo a que vim. Trago aqui uma pouca de prata velha, a vêr se vossemecê me faz d'ella um par de castiçaes bonitos para o meu oratorio.

— Eu não trabalho n'esta especie; mas encarrego-me de os mandar fabricar, e espero que hão de ficar ao gosto da senhora.

— Eu não pesei a prata — observou ella magnanimamente.

— Nem seria preciso... Tenho confiança nos officiaes de meu pae, que é um ourives pobre, minha senhora; — bastará dizer-lhe que meu pae trabalha ha quarenta annos, e é um ourives pobre.

— Pobre é o demo, Deus me perdôe! — emendou ella — quem tem a graça de Deus não é pobre. Ninguem é pobre senão de juizo. Ai! que são horas, Thereza, vamos para casa, que teu pae assim que dá meio dia, quer vêr o jantar na mesa.

E, circumvagando a vista pelas paredes do quarto, exclamou:

— O que aqui vae de paineis! deixa-me vêr isto que é tão bonito!

Em quanto ella se abeirava dos quadros, e fazia as suas reflexões mais ou menos tolas, Thereza, que não a seguira, olhava a fito para Guilherme, que a contemplava com a penetrante fixidez não sei se da arte se do coração. O que sei é que elle, de repente, pegou do pincel, e retocou no retrato as sombras que orlavam as palpebras, alter-

nando olhares avarentos entre o original e a cópia. Thereza de Jesus, n'este lance, como não podesse voltar o rosto, coloriu-se de um vivissimo escarlate, como se os olhos do seu retratista lhe levassem á face o ardor dos primeiros beijos.

A mãe, voltando a cabeça para convidar a filha a ir vêr uma coisa, deu tento d'aquelle colloquio mudo, e achou a filha tão vermelha que, se o pintor não estivesse desviado e occupado no retoque da pintura, cuidaria que elle segredára á pequena alguma d'aquellas expressões inflammatorias que o seu Joaquim lhe dizia aos dezeseis annos.

O objecto que a sr.ª Feliciana queria mostrar á filha era, dizia ella:

—Um menino Jesus a trabalhar de carpinteiro com dois anjinhos aos pés, um a rir-se, e outro a chorar.

Guilherme Nogueira sorriu-se, mas não explicou o quadro. As esposas dos surradores de Guimarães, em 1822, eram todas, honra lhes seja, como a velha da *Funcção* de Nicolao Tolentino, a qual

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está São Sebastião,
De Venus á estatua nua
Faz mesura e oração.

O quadro era uma rara e preciosa gravura de Bartolozzi, cópia de um quadro de Correggio, com a legenda: *Cupid making his bow.* É o deus de Cythera fabricando o arco, e tem sobre o estrado de seus pés dois amorinhos alados, um que ri e afaga

o outro que chora. Soberba allegoria! Cupido prepara com um sorriso cynicamente divino o instrumento do riso e das lagrimas!

Observou Thereza á mãe que o menino Jesus não se pinta com azas.

— Então quem é elle? — perguntou a sr.ª Feliciana.

Thereza bem sabia quem elle era. A sua mestra ensinara-lhe a bordar Cupidos com a cara quadrada, com as pernas gordas, e azas de borboleta. A sua creada da cosinha tambem possuia dois lenços brancos com um Cupido a retroz preto no centro, e quatro fréchados corações nas pontas; e bem sabia a innocente menina que estas prendas allegoricas eram os penhores da ternura de um anspeçada. Sabia-o, e não respondeu; porém, como Feliciana quizesse por força morder n'aquelle pomo vedado das bellas-artes, e estivesse para chamar o ourives a decidir a contenda, a filha puchou-lhe pela côca da mantilha e disse-lhe baixinho:

— Não pergunte.

A mãe encarou-a com a sobrancelha franzida de suspeitas, e não disse mais nada a tal respeito.

— Vamos, que é tarde, vamos! — disse muito afreimada — Adeus, sr. Guilherme, adeusinho até á vista. Não se esqueça dos casticaes, nem do retrato.

Ora, ao despedirem-se, deu-se um caso de uma innocencia pastoril digna das donzellinhas de Gessner. Thereza de Jesus, deixando ir a mãe adiante, tirou uma florinha d'entre um ramilhete que estava em uma jarra do Japão sobre a mesa contigua á

porta; e, ao mesmo tempo, completou o extasis de Guilherme com um sorriso lindo e travêsso como o do Cupido de Correggio.

Um novellista, bem grávido de moralidades, não perderia este ensejo de dizer que n'aquella flôr ia occulta a vibora; e, se soubesse latim, exclamaria *latæt anguis*. Eu, por mim, sei de tanta cousa peor, que factos d'esta singeleza dão-me vontade de os escrever como scenas addicionaes ao ascetico livro das *Mulheres da Biblia*.

Este caso da flôr, n'aquelle tempo, e em Guimarães, seria considerado «um deboche» se se soubesse na Praça do Toural, onde o portuguez se falava como hoje se escreve no Chiado. A menina arguida de semelhante devassidão seria rapada e recolhida a um asylo de convertidas que n'aquelle tempo eram os mosteiros. Pois bem! A magnitude do crime dá-nos a medida d'aquelle amor! E eu, á luz de 1877, não conheço nada mais infantil, mais mavioso, mais fidalgo, e mais idilico. E' agradecer um retrato e uma paixão levando uma florinha em troca de um coração que deixa Lindo, lindo! Quem não tiver alma para comprehender isto, não leia novellas da natureza d'estas. Intenda-se com o meu illustrado amigo o sr. Ferreira Lapa, e peça-lhe que lhe preleccione ácerca dos melhores adubos, para que o seu engenho se não vá d'este mundo sem alguma cultura.

*

* *

Joaquim Pereira foi para a mesa, mas a comida

só lhe passava da garganta, empurrada pelo vinho, assim que a mulher lhe contou com enthusiasmo maternal que o ourives fizera o retrato de Thereza.

— Quem diabo lhe encommendou isso? — perguntava elle — Eu quero saber o que lhe importa a elle a minha filha! Se cá o vejo em casa com o retrato, dou-lhe com elle nas ventas. Não quero retratos; não dou um pataco por elle. Pedaço d'asno! O troca-tintas, pelos modos, não tem que fazer. Por isso o pae anda sempre com a sella na barriga! Não me tornas a pôr o pé na rua sem eu ir comtigo! — vociferou voltado contra a filha, limpando com a toalha o queixo inundado do vinho do pichel. — Se eu te não levasse á Senhora da Oliveira, já o pelintrão não te via...

— E que tem que visse? — interrompeu a Thereza com os olhos afogueados e um ar de sobranceriapetulante—Olhe lá que me não comesse algum bocado!

— Não me lavres fóra do rêgo, Thereza! — redarguiu o pae — Essa cabeça já não governa. Tu andas a chocar alguma asneira. Cuidado commigo!

— Ora vá, ora vá! — atalhou a esposa — Tambem tens um genio que é preciso paciencia de santas p'ra te aturar. Que mal te faz a tua filha? O homem lá disse que o costume dos pintores é fazerem isso.

— Isso quê? — ululou Joaquim?

— Elle como disse? — perguntou a senhora Feliciana á filha.

— Eu sei cá... — respondeu a menina com desabrimento.

— Que disse elle? — instou o pai — quero saber o que elle disse, se não vai aqui tudo com mil diabos! — e esbofeteava a meza, fazendo dançar os pratos e o pichel.

— Disse que os pintores, acho que foi isto, quando viam raparigas bonitas...

— O quê?! — cortou elle, esbogalhando os olhos — quando viam raparigas bonitas...

— Pintavam-nas para fazerem santas, — explicou a pobre sr.ª Feliciana, em quanto a filha enxugava os olhos alagados em lagrimas.

— Pois que vá pintar santas a casa do diabo esse tratante! — bradou o curtidor — A minha filha não quero que ella ande pintada em paineis! — e voltando-se para a esposa com um sorriso denegrido pelos dentes e pela raiva, rouquejou: — tu és uma besta! Não percebes nada! Ainda não adivinhaste que esse borra-botas te quer namorar a rapariga!

— Anjo bento! ó lingua damnada! cala-te, que estás a metter no inferno a tua alma! Olha o pobre do homem, que está sempre lá mettido com a sua vida; até por signal me disse o sacristão que elle não queria saber de mulheres...

— E p'ra que foste tu perguntar isso ao sacristão? que te importa a ti se...

— Foi a conversarmos a respeito d'elle não querer casar com a Emilia do Paschoal.

— Fias-te em boas! elle, que não tem onde caia morto, não quiz casar com uma rapariga que ha de ter os seus dez ou doze mil cruzados p'ra riba que não p'ra baixo! Sempre és muito tapada, Feliciana!

— E' o que me contou o sachristão... Sabes tu que mais, Joaquim? — retorquiu energicamente a offendida esposa — Trata das bombas, que é officio leve, e deixa-nos em paz e socego. Se a tua filha se metter no convento, depois queixa-te... Olha, eu aturar não te aturo. Pego em mim, e vou para onde ella fôr.

— Então achas direito — volveu elle mais applacado pela arrogancia da ameaça — achas direito que o ourives te namore a filha?

— E elle a dar-lhe e a burra a fugir! Já te disse que o ourives não te namora a filha, e ella importa-se tanto com elle como com o tenente da cinta fina que tu dizias que a namorava; e mais fizeste á conta d'isso um escarceu, em terminos de querer mandar bater no homem. Olha, trata lá dos cortumes, e não te mettas n'estas coisas. Eu cá estou. Não chores, Thereza. Come um bocadinho de marmelada, filha. Estás em jejum natural. Anda, come, menina.

— Não posso — soluçou ella, mais dolorida pelos afagos — O que eu quero é ir para o convento, quanto antes.

— Vês o que tu fazes? — dizia a mãe voltada para o marido.— Vês? ahi tens! Não tenho senão esta filha... e este maldito homem quer-me dar cabo d'ella! — E pegou de chorar com grande berreiro.

N'isto, ouviu-se um gemer soluçante a distancia. Era a cozinheira que tambem levantara um pranto cheio de notas consternadas, formando tudo uma desharmonia lugubre, que espavoriu Joaquim Pe-

reira. Devia de ser desabrida a sua dôr, como a colera dos blasphemos, quando se ergueu de salto, e desceu para o armazem, vociferando:

— Má raios os partam!

*

* *

A creada, que chorava, era da creação da menina, andava sensibilisada pelo amor do anspeçada, e tinha as condolencias proprias do coração adoentado pelos desfallecimentos da ternura. Muitas vezes, confidenciando os seus zêlos magoados á ama, lhe dizia que não amasse nunca, porque o amor se dava horas boas, dava outras levadinhas da breca. E então contava-lhe os mysterios da paixão, os infernos do ciume, e as ingratidões dos homens. Exemplificando estes casos funestos, dizia-lhe que apanhara com a bocca na botija o seu anspeçada, conversando na rua da Carrapatosa, com a criada grave das fidalgas do Cano. E colhia duas lagrimas no avental, ao qual se assoava juntamente.

Depois que o patrão desceu para o armazem praguejando, a Caetana entrou na casa de jantar para unir os seus prantos aos da familia. A menina contou-lhe o caso do retrato, a mãe ajudava a filha, e a moça sentada de cocoras entre as duas, ora abria a bocca e abanava a cabeça, ora se benzia e punha as mãos em attitudes afflictas.

— E o retrato, minha mãe? — perguntava Thereza — A gente não o pode ter, porque o pai é capaz de o rasgar.

— Pois é, é... — obtemperou a sr.ª Feliciana — Bem me custa, filha; mas não o quero cá. E' preciso mandar-lhe dizer que o não mande.

— Vou eu lá — disse Caetana.

— Pois quem hade lá ir senão tu? — disse a ama velha — A'manhã quando fôres ás compras, vai lá da minha parte, e dize-lhe que não mande o retrato da menina, porque houve bulha cá em casa á conta d'isso.

— Não digas assim — contrariou Thereza — O melhor será dizer-lhe que depois saberá a rasão... Parece mal fallar-lhe na bulha que cá houve. O Guilherme hade suppor que o pae é um bruto.

— Elle é seu pae — disse a Caetana — mas, ó menina, que o leve o manfarrico! elle disse coisas que parecia que estava tocado da pinga!

— Então que é isso? — acudiu a sr.ª Feliciana abespinhada — vossê falta ao respeito ao seu patrão? Eu não quero cá esses atrevimentos. Olha que te ponho na rua!

— A senhora queira perdoar! Eu disse isto porque tenho pena da menina e mais da senhora.

— Pois sim; mas não se diz que o seu amo está tocado da pinga, ouviu? Ora vai-me fazer chá da India que não me sinto boa. Vossês dão conta de mim! Veio agora tambem o cão-tinhoso do ourives dar-me que soffrer!... O diabo arma-as!

*

* *

Joaquim Pereira, voltando á noite, desforrou-se

na ceia, e recolheu-se ao thalamo com a esposa. Ahi, amarrando na cabeça um lenço de panninho de Alcobaça, cruzou as pernas como um abencerragem no flacido colchão, e tirou do peito á mistura com os arrotos do alho do bacalhau, as seguintes expressões:

— Mulher, é preciso casar esta rapariga com o tio Manuel do Porto.

— Tomára eu, homem. Isso era uma pechincha, se ella quizesse — dizia a sr.ª Feliciana espulgando uma meia.

— Sabes o que eu fiz esta tarde? Fui pedir ao confessor da pequena que a obrigasse a casar com o tio. E vae o tal fradinho da mão furada que me hade responder? Que não se mettia n'esses arranjos: que ninguem devia aconselhar uma menina nova a casar com um velho, porque era desgraça, e tal *et cætera*. Vês tu que joia é o frade? E tu a mandares-lhe jeropiga e pasteis todos os mezes! Se a rapariga lhe disser que quer casar com um menino bem maroto, isso então muda de figura... A religião foi-se, mulher! Já não ha temor de Deus. Não quero que a Thereza se confesse mais ao franciscano, ouviste?

— O fradinho bom é, homem! — contradisse a esposa insecticida. — A fallar pelo direito, a nossa filha que é uma lindeza, casada com teu irmão, não sei o que me parece! Ora faze de conta que ella pegava a doudejar com homens lá no Porto?

— O que? a doudejar? — acudiu Joaquim fazendo uma corveta na cama. — Doudejar com homens ella! Meu irmão arrebentava-a com dois pon-

tapés na barriga. Tu então estás a lêr! Não sabes que figados elle tem. Da primeira mulher deu elle cabo com uma tranca, por causa d'um caixeiro. Moeu-a, e ella.... esticou.

— Tu nunca me contaste isso! — disse a sr.ª Feliciana com pavor.

— Pois sabe-o agora.

— Olha se eu dava a minha filha a esse Herodes! Credo! que vá casar com o diabo que o leve, Deus me perdoe!

— Adeus, minha vida, que ellas armam-se! — retrucou o marido iracundo. — Se me vens ralar p'rá cama, vai-te deitar com a filha, e deixa-me.

E coçava as pernas com phrenezi, como se o sangue alvoroçado lhe fizesse brotoeja.

— Lá por isso não te afflijas que eu safo-me já — disse ella de repellão; e, levantando do sobrado a troixa do vestido e do saiote, sahiu com grande velocidade e um rijo bater de chinellas nos calcanhares.

Quando entrou ao quarto da filha, ainda lá estava Caetana.

— Não o posso aturar — disse a esposa expulsa, atirando a troixa para cima de uma arca.

— Venho dormir comtigo... Estiveste a escrever? — perguntou ella, vendo um tinteiro de chifre desenroscado sobre a meza com uma penna de pato ao lado.

— Foi a Caetana que me pediu se lhe escrevia uma carta á mãe para a vir buscar no natal.

Feliciana contou á filha o caso hediondo do assassinio da mulher do tio com a tranca por causa

do caixeiro. D'este modo fazia a Thereza a revelação de um adulterio, e fermentava-lhe no espirito virginal a comprehensão da culpa e do castigo. A imagem truculenta do tio Manuel do Porto appareceu-lhe em sonhos, e o meigo sorriso de Guilherme alvoreceu-lhe o despertar com as alegrias de uma revoada de andorinhas que chilreavam no beiral do telhado.

*

* *

Ao outro dia, quando o artista abria a porta da sua officina, já Caetana o esperava no pateo. Disse ella que era creada da sr.ª Therezinha de Jesus.

— Ah! vem buscar o retrato? — perguntou elle receioso de que lhe não dessem tempo a tirar cópia.

— Nada, não venho — e entregou-lhe uma carta. — E' a menina que manda isto.

O ourives rasgou o papel á volta do quadrado de obreia vermelha que media pollegada e meia, e leu isto que não vae textualmente orthographado.

«O meu retrato deixe-o lá ficar para se não es-
«quecer de mim. Desejo muito ter o seu para o ver
«a todas as horas, e morrer com elle ao pé do meu
«coração. Domingo espero vel-o á missa dos car-
«melitas. Eu vou para o altar de S. Francisco.
«D'esta que só por morte deixará de o amar. T.»

Não é o estylo das meninas que extasia as almas sinceras. Um coração em flôr compraz-se nos delictos grammaticaes da mulher adorada. Os homens que se encantam com rhetoricas, e preferem

uma engenhosa metaphora a uma ingenua tolice, são os que tem verdete no coração em resultado das oxydações, das ferrugens que lá se formaram pelas lagrimas das primeiras paixões. Guilherme recebia, pela primeira vez, um bilhete de amores, e deletreava aquelles caracteres com a reverenciosa adoração de Moysés quando lia as tabuas da lei. Queria responder logo; mas sentia-se obtuso; porque as surprezas das felicidades d'esta especie intupem. Caetana, encostada á ombreira da porta, meia dentro, meia fóra do gabinete, impunha-se o dever de estar só por metade na companhia de um rapaz: era um preito a si mesma e á fé jurada ao anspeçada. Guilherme mandou-a entrar e sentar-se. Ella respondeu que estava bem, e que não podia demorar-se porque tinha de levar o pão para o almoço dos amos.

— Se quer responder á carta, responda — disse ella — que eu vou ás compras e volto logo por aqui.

Foi; e, entretanto, Guilherme escreveu cousas que eu não vi nem já agora seria capaz de conjecturar. Devia de ser aquella carta a alvorada de uma aurora de junho: flores, aromas, gorgeios, murmurios, brizas. As brizas são posteriores, agora me lembro: começaram a bafejar os poetas portuguezes quando Garrett as trouxe de França em 1832. Antes d'isso eram termo de nautica. Os romanticos é que exploraram todos os elementos para serviço e culto das damas. Hoje, portanto, é talvez impossivel concertar com phrases de 1822 uma carta de amor como a poderia escrever o sentimental Guilherme á filha de Joaquim Pereira.

Como quer que fosse, estabeleceu-se a correspondencia de tres em tres dias; e, ao cabo de tres semanas, Thereza de Jesus escrevia-lhe muito afflicta contando-lhe que o pae teimava em a casar com o tio Manuel.

Guilherme confidenciára ao conego seu parente e amigo unico a historia do seu coração, desde que principiou a retratar de memoria a peregrina moça. O padre Norberto de Araujo assistira á miraculosa apparição de Thereza na tela, e dizia que o amor fazia cousas sublimes e cousas infames. Nas sublimes arrolava aquelle retrato, e nas infames mettia os casos erothicos dos seus collegas. Conhecia as cartas de Thereza, e confiava nos intuitos honestos de seu sobrinho. Não queria o ourives que se lhe fallasse na riqueza da noiva; porém, o beneficiado era de parecer que o dote lhe não prejudicava as outras qualidades excellentes. Tinha dito que, amadurecidos os fructos do amor, isto é, convencidos os namorados da solidez da sua mutua sympathia, iria elle mesmo pedil-a a Joaquim Pereira. A' vista da ultima carta de Thereza, o conego, apressurado pelo sobrinho, procurou o surrador na fabrica, chamou-o de parte ao escriptorio, e fez-lhe um preambulo comprido e fundo de mais para a capacidade do ouvinte. Afinal, ao entrar na materia, o surrador, que o percebeu, interrompeu-o com bruta colera:

— Ora, sr. conego, sabe que mais? bólas! Adeus, meu amigo, temos conversado. — E virava-lhe as costas.

— Que resposta é essa, sr. Joaquim?! — disse o

prebendado — Isso são maneiras? Vossemecê cuida que está tratando com algum lagalhé? Olhe que eu sou o conego Araujo. Commigo não se brinca.

— Nem commigo! — retrucou o surrador com um sobrecenho democratico precursor dos grandes ares que hoje em dia intumecem os curtidores de Guimarães — O que quer então v. s.ª? Vem cá com essa asneira, e queria que eu o tratasse com toda a politica, hein? Pois o senhor cuidava que eu estava aqui a trabalhar ha quarenta annos para ganhar dinheiro para o tal ourives? — E, mettendo as mãos nos sobacos, proseguiu alteando o peito e saçudindo a cabeça — Ouça lá o senhor! Um pae tem uma filha, que hade ter um bom dote para o marido que o pae lhe escolher; mas um banazola d'um official de ourives quer-lhe a filha e o dinheiro; e vae o pae pega na filha e no seu trabalho de quarenta annos, e dá-lhe tudo. «Pegue lá, su pedaço d'asno, ahi tem a minha filha e o meu dinheiro! Gaste-o á vontade!» Que me diz o senhor a isto? é direito?

A indignação suffocava-o, e abafal-o-hia, se não resfolegasse por phrases que não são justamente a eloquencia dos paes das comedias, mas que são a nua e estreme verdade do direito dos paes rusticos e dos paes instruidos.

O padre Norberto gaguejou expressões que o industrial não ouviu, porque, bufando e cossando a cabeça ás mãos ambas, andava e desandava com phrenetica inquietação na quadra do escriptorio.

De repente, parou, dardejou ao conego um olhar minacissimo, e exclamou:

— Se vejo rondar-me cá pela porta esse patife,

vou ali fóra com um estadulho e ponho-lhe as costellas n'um mólho.

— Vossê não é capaz de lhe bater, sôr Joaquim! — replicou o conego casquinando um froixo de riso zombeteiro — A cadeia não se fez para os cães.

— Não sou? Pois diga-lhe que venha cá! — bramiu o progenitor de Thereza — Sabe que mais? rua!

— Cá vou — concluiu o padre — Conversaremos.

O conego ia affrontado, enxugando as camarinhas do suor que lhe aljofravam a purpura das faces. Entrou no quarto de Guilherme offegando, e disse com espaçados intervallos de dyspnea:

— A bêsta fez lá o diabo. Não te dá a filha, e diz que te bate, se lá passares. Parecia um energumeno; não fazes ideia. Berrava como um boi, e fazia uns tregeitos horriveis. E' a mais baixa especie de canalha que eu tenho visto. Eu ia preparado para a resistencia: esperava questionar, e movel-o afinal: mas não me deu occasião a raciocinar. Destemperou logo de modo, que eu, se não tivesse esta corôa e estas vestes, respondia-lhe com dois bofetões quando elle me mandou pôr na rua.

— O que eu lhe fiz soffrer, meu tio! — disse Guilherme com affligido gesto — E que fará elle agora á filha!

— E' no que eu vinha scismando; mas chegaram as coisas a termos que não ha que esperar nada de panos quentes. Aqui agora é metter a cabeça e ir para diante, ou desistir do casamento. Queres casar ou desistes?

— Se meu tio tem de soffrer mais dissabores, desistirei, embora a paixão me mate.

— Os dissabores que eu havia de passar, passei-os. Fui muito offendido na minha pessoa e na minha dignidade. Eu ia pedir-lhe a filha para ti que és um rapaz honrado; e elle repelliu-me como se eu lhe fosse propor uma infamia. Se o selvagem me respondesse que não, em termos habeis, eu respeitaria o seu direito, e dir-te-hia que o respeitasses tambem; mas desde o momento em que elle nos insultou a ambos, jurei que havias de casar com Thereza, se ella sustentasse a palavra. Por tanto, é decidir.

— Meu tio já decidiu. Ainda que elle nada lhe dê, eu trabalharei em dobro para nos sustentarmos.

— Onde tu não chegares, chego eu; mas vossês têem de fugir, porque a rapariga é menor, e as leis são rigorosas com os raptores. Tu tens um parente em Zarza, na Hespanha; é meu irmão Pedro que lá casou e vive abastadamente. Vossês vão d'aqui recebidos; isso por força; a minha consciencia hade ficar socegada pelo que respeita á legitimidade da vossa união; escrupulos em materia de sacramento eu os abjuro. Confio em um vigario que os case clandestinamente. Depois, passam a raia e seguem para a Extremadura hespanhola. Tu lá com os meios que eu te der e com a habilidade que tens pódes abrir loja de ourives, e viver confortavelmente pelo teu officio, até que teu sogro se reconcilie. Ou isto ou nada.

— Pois seja assim! — disse Guilherme Nogueira sem aquella vehemencia dos corações allucinados.

Olhou em volta de si com um semblante mortificado. Parecia estar já sentindo saudades do seu

laboratorio, dos utensilios que o serviam nas suas serenas horas de trabalho. Olhou para os quadros, e deteve-se a contemplar o retrato de Thereza. Carecia de animar-se e convencer-se de que a formosa menina merecia que elle se privasse dos socegos desambiciosos do artista e se abalançasse ás perturbações e ao desterro. Não era escassez de amor aquelle antagonismo que lhe punha a alma em dolorosa perplexidade. Era o habito da solidão, era a phantasia, a formidavel, a peor rival das mais adoradas mulheres.

O conego parece que não tinha a experiencia pessoal d'aquellas lutas interiores. Estranhou-lhe a frieza, e perguntou-lhe se estava triste com a ideia de fugir.

— Triste... sim. Custa-me a deixar meu pae, que não tornarei a ver. Quasi que passei a minha vida n'este quarto... Tudo isto me faz... pena...

— Então, Guilherme, deixa-te estar — atalhou o conego — cuidei que amavas apaixonadamente Thereza, por isso me prestei a cuadjuvar-te. Faze de conta que nada feito. Se pódes ser feliz sem ella...

— Feliz!..., nem com ella nem sem ella, meu tio.

— Essa é boa! Vão lá intender este esquisito homem! Ainda esta manhã me fallavas em morrer por ella... Que contradicções, que incoherencias!

— Olhe, meu tio, eu não me desdigo... Posso morrer por ella... mas não desejo a vida que ella me póde dar sacrificando-lhe meu pae e a minha reportada pobreza n'esta officina.

— Bem — tornou o conego menos maravilhado do amor filial do moço que espantado da sua ver-

satilidade — Não fallemos mais n'isto. O casamento convinha-te, se a noiva viesse, a beneplacito do pae, da egreja para aqui, com o seu dote.

— Não me diga isso! — interrompeu Guilherme — Eu teria menos difficuldade em desamparar meu pae e desterrar-me, se ella fosse tão pobre como eu. Ninguem foge com as mulheres pobres... Toda a gente dirá que eu arrebatei uma rapariga como quem rouba uma esperançosa herança...

N'este momento batiam com precipitação á porta, e chamavam Guilherme. Era a creada de Thereza de Jesus. A esbaforida Caetana titubeou quando viu o conego.

— Póde fallar — disse Guilherme.

— A menina não pôde escrever-lhe, e manda-lhe dizer que o pai deu ordem para estar prompta depois d'amanhã que vai para o Porto. Acho que a vae metter n'um recolhimento ou vae casal-a com o monstro do velho. A sr.ª Feliciana está a chorar, e o patrão anda a barregar e a fazer espantos pela casa que é mesmo um horror da morte! A menina já disse que se mata, se o pai a levar. Ai! que inferno que lá vai em casa! Caramba!

Guilherme olhou para o padre. O conego encolheu os hombros, estendeu os beiços, abriu os olhos, e disse:

— Eu não digo nada... Lavo as mãos. — E fez o tregeito de Pilatos.

Guilherme, que não queria tratar o novo assumpto diante de Caetana, disse-lhe que viesse de tarde contar o que se houvesse passado, e então levaria uma carta á menina.

— Escreva-lhe ao menos duas palavrs para a socegar, sr. Guilherme... — pediu a criada.

O artista sentou-se á banca, pegou da penna e com a mão tremula e fria, escreveu:

Thereza: conta com o meu amor e com a minha vida. Se por minha causa fôres desgraçada, morrerei.

E mostrou o bilhete ao conego, que lhe observou:

— Vê lá o que fazes, Guilherme!... E se ella te entrar por aquella porta dentro?

— Isso quer ella! — affirmou Caetana — Já me disse que foge, passado amanhã, assim que fôr noite. O senhor conte com isso, senão ella é capaz de tomar rozalgar.

Guilherme apertou a fronte nas mãos, curvou a cabeça e murmurou:

— Que fatalidade! — Depois, levantou-se de golpe, e disse com resolução para a criada: — Entregue-lhe a carta, e venha dizer-me as tenções da sua ama, logo que poder.

A criada sofraldou a saia e desatou ás carreiras com grande alegria; mas, como encontrasse o anspeçada, poz a mão na cintura, assentou o pé de esconso mostrando a chinela amarella, poz-se a trincar a ponta do lenço azul, e abriu colloquio de amores e ciumes por causa da criada grave das fidalgas do Cano. E, querendo confundir o ingrato amante com um exemplo de amor de raiz, contou-lhe que a sua ama ia fugir para a companhia do ourives, e

que elle era tão amigo d'ella que até por signal, lhe escrevera a dizer-lhe que se pisgasse. E mostrou a carta fechada.

— Olha o milagre! — disse o anspeçada — Tomara eu que as môças que abezam chelpa quizessem fugir commigo! O ourives então apanhou a franga, eim? Que grande maroto! pechinchou, sim, senhor. O velho ha de dar urros quando souber que a pequena se pirou.

*

* *

Entretanto, dizia o conego a Guilherme:

— Se ella fugir, não póde entrar n'esta casa sem ser tua esposa. Todas as paixões de origem nobre se cohonestam por actos religiosos. Grite embora o mundo; mas purifique-se a paixão. Deus está na consciencia. Eu figuro n'esta scena; e portanto quero sahir d'ella segundo o meu caracter sacerdotal. Primeiro vou prevenir minha irmã de que Thereza de Jesus irá para sua casa. Depois, vou escrever ao vigario de Ronfe para que vos dê lá as bençãos. Quer-se-me cá metter na idéa que o Joaquim Pereira, em sabendo que vossês estão legitimamente casados, não te persegue judicialmente, e a final ficas em Guimarães, com a tua familia, e mais hoje, mais amanhã, fazes as pazes com o sogro, e estás ahi rico e feliz, trabalhas quando quizeres como divertimento, e alguma peça que queiras vender hão de pagar-t'a pelo que tu pedires. Ganha alento, rapaz! Parece que não tens o sangue dos vinte an-

nos! Olha como ella está olhando para nós tão meiga e apaixonada! — E apontava com a bengalla para o retrato.

*

* *

O conego sahiu, e Guilherme subiu ao quarto de seu pai que estava doente.

— Ha tanto tempo que me não vieste ver, Guilherme! — disse o velho — Esteve comtigo o conego?... Parece que choras? Que tens, filho?... Aquelle retrato... aquelle retrato!... Todos amam, toda a gente tem a sua epoca de loucura; mas... amor que faz tristeza... melhor fôra que o não encontrasses, meu filho... Ao principio vi-te mais alegre, passeavas, trabalhavas com satisfação... Depois, assim que começaste a escrever-lhe, cahiste n'um abatimento improprio dos teus annos; e, afinal, agouro-te grandes desgostos. O pai decerto não t'a dá, e eu tenho a certeza de que um meu filho é incapaz de casar com uma menina contra vontade de seu pai...

Guilherme, com as lagrimas no rosto, pegou da mão do velho, beijou-lh'a inclinando-se-lhe sobre o peito, e disse soluçando:

— Vou-lhe confessar tudo, meu pai...

Referiu todos os successos occorridos n'aquelle dia, desde a ida do conego a casa de Joaquim Pereira, até ao bilhete que elle enviara a Thereza de Jesus. O pai ouviu-o e murmurou com a voz serena mas com o coração traspassado:

— Não te amaldiçôo; para tua desgraça, será bastante o odio da mundo. Devias ter-me dito a mim o que disseste ao padre Norberto. Aconselhou-te mal, porque a sua mocidade foi má, e não pagou o o mal que fez. Devias consultar aquelles que cahiram nos barrancos dos caminhos infamados. Consultasses teu pai, que até aos vinte e cinco annos dissipou a saude e os bens; d'ahi em diante fez penitencia no trabalho e na pobreza; aos quarenta mereci que Deus me desse tua mãe; e quando ella me deixou comtigo nos braços, pedi-lhe que te deixasse a ti o seu bom coração. Não chores agora, que não remedeias nada. Pede a Deus coragem para quando te vires em grandes trabalhos.

Descançou um pouco, e proseguiu:

— Não te ficaria mal escrever a essa imprudente menina, a pedir-lhe que não fuja de sua casa. Se és capaz de o fazer, és homem de bem. Se ella por isso te aborrecer, acharás indemnisação na tua consciencia. Pódes fazer isto?

— Posso, meu pai — disse Guilherme affoitamente.

— Pois então, abençoado sejas! E, se para a esquecer, precisas distrahir-te, na gaveta pequena d'aquelle contador estão vinte moedas, vae até á côrte, tens lá muito que ver em artes, e volta quando te chegarem saudades do teu buril e do socego da tua vida passada.

Guilherme desceu ao seu quarto heroicamente. Ia cheio da coragem de Eneas; mas faltou-lhe Mentor que o atirasse de chofre ás vagas. Assim que abriu a porta, o retrato de Thereza poz-lhe uns

olhos tão supplicantes que elle sentiu-se vexado da sua pusillanime ingratidão. Sósinho, em frente d'ella, parecia-lhe amal-a em dobro; volvia áquelle amor sem esperança e por isso mais intenso, dos dias em que a retratara. Escrever-lhe a carta, como o pae lhe pedira, figurava-se-lhe agora uma vilania. O homem era desgraçado, porque era fraco. Nem tinha uma razão rigida nem sentimentos poderosos. As suas grandes faculdades eram abstracções e fantasias. Agora entre sacrificar o coração ao pai ou o amor filial a Thereza, nem tinha severas virtudes de filho nem fortes energias de amante. Marasmara-lhe a alma a sua propria actividade estranha ás correntes naturaes da vida exequivel. Havia de ser muito infeliz quando o pezo da realidade o não deixasse exceder o nivel dos contentamentos pautados pela razão.

*

* *

O anspeçada, conscio da missão de Caetana, posto que ella lhe recommendasse segredo, logo que se apartaram, foi ao Rocio do Mestre-Eschola, entrou na loja do barbeiro Anselmo, e contou que a filha do Joaquim dos Coiros fugira com o ourives magico da rua das Donas. (Chamavam dos *Coiros* a Joaquim Pereira em razão da sua industria). D'ali passou á rua d'Alcobaça e disse a um sapateiro que os vira fugir ás 4 horas da manhã, cada um em seu macho.

Duas horas depois, por toda a villa, e extramuros de Guimarães grassava a noticia de ter fugido a

Therezinha, a rica e linda herdeira da rua dos Fornos com o Guilherme Nogueira. Uns diziam que para Lisboa, outros para a Galliza; mas já havia quem os tivesse encontrado em S. Antonio das Taipas, caminho de Braga.

Joaquim Pereira tinha bastantes inimigos que o lastimassem, e a sr.ª Feliciana tambem tinha as suas relações. Tres senhoras da rua das Pretas, proprietarias ruraes e fabricantes de colchas, de alcunha as Palaias, assim que souberam o caso funesto, vestiram-se de sarja e foram vizitar a infeliz mãe. Da rua Sapateira tambem sahiu no mesmo proposito, com aspeito mortuario, o sr. Francisco Pote com sua mulher e filha. Dos grupos que se apinhavam nas praças do Toural e da Oliveira destacavam pessoas das relações de Joaquim Pereira a ir dar-lhe os pezames, e pelo caminho iam vociferando contra o corregedor e juiz de fóra que não mandavam quadrilheiros á cata do raptor. Esta gente escandalisada chegou quasi simultaneamente á porta do surrador, e entrava no pateo em silencio, dizendo entre si á surdina expressões condoídas pela sorte d'aquelles desgraçados paes.

Bateram á porta de mansinho. Uma das Palaias asseverava que ouvia gemer. A esposa de Pote parecia-lhe que ouvia cantar a môça.

Caetana abriu a porta. Viu aquelle povoleu no pateo, e foi dizer á ama que eram as Palaias e mais o poder do mundo. Feliciana assustou-se, e mandou entrar para o salão decorado com boa mobilia de jacarandá e rimas de coiros promptos para embarque.

Entraram as familias a passo surdo e funebre na sala. Joaquim não estava em casa. Appareceu Feliciana com assombrado rosto. As suas amigas da rua das Pretas acercaram-se d'ella com as caras pungidas, abraçaram-na uma por cada vez, em silencio, e depois disseram todas de pancada:

— Tenha paciencia, sr.ª Feliciana...

— Desgraçado de quem as tem! — disse o sr. Francisco Pote, pae de familia que era sôgro de um segundo sargento que lhe arrebatára uma filha — Desgraçado de quem nas tem, sr.ª Feliciana! — repetiu elle, amaciando o pêllo arripiado do chapeu alto com o cotovello.

— Quem diria! uma menina tão rezadeira! — accrescentou uma das Palaias — quem diria!...

— Quem diria o quê? — perguntou a dona da casa — Se eu os percebo, cêbo!

As tres irmãs olharam-se com reciproco espanto, e Francisco Pote olhou de esguêlha para a esposa que estava mais desviada, segredando á filha mais velha: — Olha que bons trastes de páo santo tem estes brutos debaixo dos coiros!

Feliciana, como ninguem respondesse á sua pergunta, voltou-se para todos a um tempo, e interrogou:

— Que diabo de historia é esta, Deus me perdôe? Tanta gente! Parece que morreu aqui alguem!

— A mim disseram-me... — tartamudou Francisco Pote.

— E a nós tambem... — ajuntaram as Palaias.

— Que lhe disseram? desembuchem! — atacou a mãe de Thereza.

— Que a sua filha tinha fugido — responderam duas vozes.

— Que a minha filha tinha fugido? Oh! que almas damnadas tem Guimarães! — E voltando-se para dentro, bradou: — O' Thereza! ó Thereza! vem cá dentro mostrar-te a esta gente!

— Melhor foi assim! quanto me alegro! dê cá um abraço, minha sr.ª Feliciana! — acudiu o Pote por entre um estridulo vozear de alegres exclamações.

Ao mesmo tempo, entrava Thereza com jovialissimo rosto, e subia as escadas Joaquim Pereira esbaforido.

Quando assomou á porta e viu tanta gente, o surrador bradou:

— Cá está a mesma pouca vergonha, não querem vêr vossês?! Venho a fugir da fabrica. São os meus inimigos que espalharam esta patifaria. Um magote de pessoas a dizer-me que a minha filha fugiu esta madrugada! Os meirinhos a perguntarem-me se eu quero que elles a vão prender a Braga! E a minha filha aqui! O' senhores! eu dou cinco moedas de ouro a quem me disser quem foi que espalhou esta pêta! Dou dez, dou dez moedas de ouro! quero levar á forca o ladrão ou a ladra que poz a bocca em minha filha!

E, voltando-se para Thereza proseguiu:

— Rapariga! não queiras estar n'esta terra de bregeiros! Depois de ámanhã vamos para o Porto, está decidido; mas ámanhã has de passar o dia no largo do Toural; quero que toda a gente te veja na janella de tua tia Rosa!

— Não se apoquente, meu pae! — atalhou Thereza. — Deixe-os fallar! Que me importa a mim o que diz a canalha?

— Nem todos são canalha, minha sr.ª Therezinha! — observou Francisco Pote, offendido pelo gesto de desdem com que ella relançou a vista ao grupo das visitas — Eu vim cá e mais a minha familia cumprir um dever de politica.

— Ora adeus! — contraveio o surrador — Não intendo essas politicas.

— Se vossemecê não intende — retrucou o Pote — isso é outro caso. Ninguem nasce ensinado. A politica manda isto; ora agora...

— Ora agora o quê? — replicou Joaquim Pereira — Olhe, sr. Francisco Pote, eu de politicas intendo que o melhor é cada qual metter-se com a sua vida. Vá com esta.

— Boa asneira fiz eu em cá vir, é o que se segue.

— Fez, e não vá sem resposta; — concluiu o surrador — Olhe se se lembra que eu, quando a sua filha fugiu com o segundo sargento, não fui a sua casa. Importa-me lá que as filhas dos outros fujam, nem que as leve o diabo?!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

XI

A VIUVA DO ENFORCADO

A VIUVA DO ENFORCADO

SEGUNDA PARTE

Depois que as visitas sahiram despedidas com a mais original ingratidão que tenho divulgado em lettra redonda, Joaquim Pereira dirigiu á filha palavras extraordinariamente meigas. A menina pintava-se-lhe uma creatura exemplar, logo que, podendo ter fugido como se espalhára, não fugiu; antes pelo contrario, se mostrava satisfeita com a ida para o Recolhimento portuense de Nossa Senhora, que depois se chamou de *S. Lazaro*, e n'aquelle tempo era um proscenio obscuro de farças e tragedias que eu bosquejei na «Filha» e «Neta do Arcediago» quando fazia a historia dos cabidos do meu paiz. Animou-se a fallar-lhe ainda no tio Manuel, sem attender aos cotovelões disfarçados que a esposa lhe atirava; e a menina com a mais capciosa indifferença não se denunciava alegre nem triste pela pertinacia do pae.

Assim que pôde esconder-se para escrever, The-

reza de Jesus deu trela ao coração, traçando com firme pulso o plano da fuga, a hora, a occasião, os pormenores, tão confiada na felicidade que dava ao amado como disposta a remover pela energia ou pela dissimulação todos os tropêços.

Formara-se de improviso aquella condição viril e temeraria. As suas crenças religiosas, feitas no confessionario, eram superficiaes, sem bazes solidas de raciocinio, tecidas das formidaveis bagatellas que um raio de luz intelligente, ou um sentimento forte da personalidade, desfazem sem deixar se quer como residuo as sanctissimas coisas que Jesus Christo ensinou para derimir as pessimas que os rabis ensinaram. A Thereza bastou-lhe o amor humano para que, de improviso, se lhe esfriasse o calor artificial em que a flor do divino amor se abrira não espontanea e bella, mas forçada e fenecida ao lume dos castigos materiaes. O seu confessor era bom, era mysticamente instruido como o maior numero dos melhores frades da ordem seraphica; mas não sabia recommendar de outra maneira o amor de Deus. Encarecêra-lhe a bemaventurança dos que renunciam aos bens do mundo e se absorvem na contemplação de delicias incorporeas. Influia em um organismo de dezoito annos idéas que as almas abraçam agradavelmente quando a materia cançada já não se revolta, se a immolam ao espirito. Aconteceu, porém, que os dezoito annos de Thereza de Jesus exuberavam sangue rico de globulos rubros, uma estructura nervosa bem tecida e vitalisada nas rijas fibras que herdára da mãe sanguinea e do pae possante — um cazal de minho-

tos duros, com o pulso de aço e estomago de diamante. Nos elementos da educação religiosa que lhe incutiram, a submissão aos paes era a minima parte do cathecismo; por que o principal dever que lhe insinuaram havia sido a submissão de Kempis, o exalçamento da alma ás aspirações do ceo. Ora, quando os primeiros estremecimentos de uma força involuntaria lhe impulsaram os olhos embellezados no rosto de Guilherme, as iriadas nuvens que lhe envolviam o sol mystico da vida eterna, rarefizeram-se; e ella, em vez de achar um Deus, encontrou um homem. E, como entre Deus e seus paes a mal explicada religião lhe não intermettêra deveres, Thereza, affeita a amar a Deus extreme de submissão aos paes, entendeu que não carecia do beneplacito d'elles para amar um homem. Isto não seria um raciocinio de primeira força; mas era muito peor, por que vinha a ser a primeira força d'um raciocinio — trocadilho que, por ser despresado, faz que muitos paes troquem os pés pelas mãos.

*

* *

A carta de Thereza de Jesus chegou no momento em que o ourives punha a sua ternura de filho em uma das conchas da balança, e na outra o seu amor de namorado; porém, na segunda concha, quando ambas se equilibravam ouro fio, cahiu um excedente de pezo: eram as lagrimas. Esta fragilidade, depois de haver promettido ao pae haver-se honradamente, atormentava-o; e, além d'isso, vexa-

va-o a vergonha da sua fraqueza feminil perante a mulher forte que varonilmente lhe dava exemplo das paixões dicisivas. Uns brios, que então movem a vaidade, são mais violentos que o amor. Todo homem tem parte dos cavalleiros das antigas novellas: se não expõe a vida no passo defezo em honra da sua senhora com a lança no riste, sacrifica-lhe o pundonor, o socego e a felicidade. Se ainda ha estimulo a heroismos perigosos, é a mulher. Estive quasi a escrever: é o dinheiro; mas eu, quando penso em assumptos amorosos, tiro vinte annos á minha vida como quem tira vinte bagos sorvados de um cacho de uvas; depois, transfiguro-me, refaço a sociedade como a deixei, e imagino que ella parou commigo.

No meu tempo, amava-se muito. E' por essa quadra de flores que a minha imaginação se esvoaça como a abelha á volta das corollas de um ramal de rozas. Sou do periodo dos aérios perfumes: este agora é o dos sons metalicos. As almas então eram leves, volateis, e vestiam-se com os raios prateados da lua; hoje, ouço dizer que os corações estão pesados e retrahidos dentro dos seus espinhos de ambição, cobertos de pomos do ouro como os ouriços-cacheiros no estrado das macieiras.

Minhas senhoras, vv. ex.as não imaginam como suas mães foram amadas! Nós eramos romanticos. Não tinhamos mais dinheiro que estes bancos rotos de hoje em dia; mas tinhamos papeis que valiam mais que os d'elles: eram sonetos. Estes sonetos é possivel que não fossem muito boas acções; mas não enganavam tantas familias como as bancarias.

Um rapaz com seis pintos, uma lyra de pinho de Flandres e alguns suspiros, fazia conquistas de lagrimas: e quando elle passava, involto no capote e no mysterio, alta noute, a olhar para os terceiros andares, fazia desmaios de amor. Sei de casos lacrimaveis, que hoje fazem sorrir a geração nova, que nasceu com a alma oxydada como um pataco de D. João VI.

Entre 1846 e 1856, o amor no Porto era um contagio sagrado. Foi uma década que fez época. Os matrimonios, contrahidos então, ainda hoje se distinguem na ternura com que a esposa obeza inclina a cabeça suavemente desfallecida na espadua derreada do esposo. Quando virdes, na tristeza dos cincoenta annos de um homem, algum relance de olhos em que lampeje reverberos a mocidade do coração, compadecei-vos d'elle. Esse homem é um bouquet murcho que, ha pouco mais de um quarto de seculo, vaporava fragrancias nos altares de varias pseudonymas. Eil-o ahi passa pelas veredas mais sombrias de uma sociedade que não conhece, nostalgico e tropego como o velho urso de Henri Heine. Costumes, cousas, pessoas, tudo lhe foi arrebatado pela corrente turva da vida moderna: é um inundado sem recursos, sem bazar, sem nada.

Não me podem esquecer os prantos que se distilavam por ingratidões, ciumes e bagatellas que levavam, ha trinta annos, um rapaz ao suicidio ou á embriaguez. Larra, Poe, Musset e Espronceda eram os phanaes satanicos dos nossos naufragios. A gente não os lia, porque não tinhamos vagar; mas, se eramos desditosos, parece que os bebiamos.

Faziamos holocausto das proprias entranhas ás prejuras. Dava-se uma tal abnegação do *eu*, que se escalavravam os figados com absintho, exhibiam-se as olheiras acobreadas, e tossia-se diante da mulher amada com a dyspnea dos derradeiros tuberculos. E ás vezes a tosse era simplesmente o pigarro dos máos charutos do governo — de vintem. Desgrenhavamos os caracoes das nossas madeixas, escantoavamos a fronte no barbeiro, e exhibiamos fraudulentamente as grandes testas de Byron e de Victor Hugo, que tambem só conheciamos pelas testas lythographadas. Sobre tudo, o que a gente fazia, quando andava infeliz no amor, era chorar reciprocamente no seio dos seus amigos. Eu não me envergonho de ter derramado grandes perolas de sentimento, e de ter embebido em meus labios outras não menores de uns sujeitos que hoje passam por mim com uma gordura tão vermelha que parece que o amor se lhes converteu lá dentro em paio do Alemtejo. Ainda assim, cabem aqui umas patheticas expressões de G. Sand no prefacio da Lelia: *Ne rougissons pas d'avoir pleuré avec ces grands hommes. La postérité, riche d'une foi nouvelle, les comptera parmi ses premiers martyrs.*

*

* *

Das cinzas quasi apagadas d'aquella sociedade é que eu tiro umas faúlas que escassamente me allumiam as cousas do amor. Por isso antepuz a todos os incentivos de heroicos infortunios a mulher,

e concebi o artista de Guimarães, apertado entre o estremecido seio do pae e o coração impetuoso de Thereza.

N'este conflicto, interveio o conego Norberto de Araujo, que ajudou o instincto do mal a refrear a rebellião dos bons propositos no animo de seu sobrinho. Insistiu na hypothese de que Joaquim Pereira perdoaria á filha logo que a sua paixão se honestasse pelo sacramento; e, por isso, d'ali a poucos mezes ou talvêz dias, Guilherme voltaria para Guimarães com sua esposa, rico e feliz.

Joaquim Pereira, no outro dia, acompanhou a filha ao Toural, a casa da tia Roza, e recommendou-lhe, pela primeira vez na sua vida, que se deixasse estar bastante tempo na janella para cegar os seus inimigos que espalharam o boato da fuga. A menina, quando o pae saiu, agachou-se em cima de um capacho, metteu a cabeça no regaço, e soluçou alguns minutos, até que a tia Roza lhe disse que ia mandar chamar seu cunhado Joaquim, se ella não explicava o motivo de tamanha choradeira. Thereza enxugou os olhos, lavou a cara esbrazeada, e foi para a janella.

Aquellas lagrimas eram as mais sentidas que póde chorar uma filha. Sahira de casa com tenção de lá não voltar. Abraçara-se na mãe com anciosa ternura, dizendo-lhe repetidos adeuses com offegantes suspiros. A mãe, cuidando que Thereza chorava por ter de ir para o Porto e talvez para os braços homicidas do tio Manuel, dizia-lhe meigamente:

— Não te atrigues, moça, que isso a respeito de casares com teu tio, ainda ha de ser o que disse-

rem dois doutores. Eu cá fico para marralhar com teu pae; e, se Deus quizer, não vaes para o Porto; mas hasde prometter-me de mandar o pintor á tabúa.

Thereza expedira um ai agudo — ais d'aquelle tempo que ainda a tradição conserva no theatro de Guimarães — beijou ambas as faces da mãe, e saiu depressa para não ser instada a mandar o pintor á tabúa. As lagrimas, como vimos, rebentaram outra vez quando viu desapparecer o pae, e uma voz interior lhe dizia — *para sempre*.

Depois, o ar fresco do Toural, o sol que tem bellezas desconhecidas a quem não ama, as fragrancias da frondejante Guimarães em junho que fazem lembrar as alcovas perfumadas das noivas, e coam doce letargia pelos nervos como as finas essencias das açucenas e das violetas, emfim, o amor, — não digamos mais nada — o amor melhorou consideravelmente o espirito da menina.

Ao cair da noite, Thereza saiu da janella e disse á tia Roza que ia ao quintal colher um ramo de flôres para as suas santas. A velha tia estava a concluir o seu rozario: acenou-lhe que fosse, e deixou cair pelo cordão encebado uma conta enorme de jacarandá puída e amarellada de simonte. A sobrinha enrolou a mantilha de sarja, que deixára em logar conveniente, e desceu ao quintal. Depois, espreitou pela fechadura da porta que dava para a rua dos Pastelleiros, e viu dois vultos parados na envazadura da porta de uma casa fronteira. Um vulto era de mais no programma que ella traçára. Quedou-se irresoluta se abriria a porta; mas, n'este

comenos, ouvira e conhecera o andar do pae subindo as escadas. O medo do pae, a confiança que pozera na pontualidade de Guilherme, e sobre tudo a perspectiva pavorosa do tio Manuel, apressaram-lhe a determinação de abrir a porta e esperar que os dois vultos se aproximassem e dessem a conhecer.

Guilherme e uma mulher de mantilha abeiraram-se de Thereza. Elle ia tremulo como donzella que se estreia em encontros nocturnos na escura rua dos Pastelleiros que, em 1822, era apenas allumiada por duas lamparinas que bruxuleavam piedosamente em dois nichos de alminhas santas: chamavam-lhes santas; mas, a cautella, os poucos transeuntes pediam por ellas ao Senhor, na hypothese de que estivessem ardendo. Santas ou condemnadas, não teriam aquellas almas senão motivos de admirarem a honestidade do artista quando viram Thereza caminhando ao lado da sr.ª D. Ignacia Norberta, irmã do conego — uma senhora com cincoenta primaveras tão sem macula como os lyrios brancos, e tão respeitada das más linguas que até as visinhas lhe chamavam tola pelo excesso da sua antipathia com pessoas do sexo opposto, e fedorenta pela rabugisse com que roía na reputação das senhoras amigas de amar sugeitos para fins honestos. Um pouco mais atraz, ia Guilherme com uns ares de vendido, e um semblante pasmado que eu me esquivo de adjectivar, porque, se ainda mal que pertenço a uma geração corrompida, conservo-me áquem da protervia de injuriar com chalaças a candida alma d'aquelle rapaz.

A sr.ª D. Ignacia morava na rua do Arrochela.

Havia espaço para os dois noivos exprimirem com phrases cortadas de suspiros a sua reciproca felicidade. Não trocaram duas palavras; pareciam dois casados ao cabo de seis mezes; tocavam-se pelos extremos, como diz o proverbio; mas não tocaram um no outro, como ordena a moral.

Quando chegaram a casa, encontraram um terceiro personagem no pateo: era o conego Norberto. A irmã entrou esbofada, e disse «que o suor lhe pingava pelas costas abaixo». Transpirava-lhe o corpo e a virtude; porque todo o seu afan era evitar, apertando o passo, que o mancebo não abusasse antecipando ao motrimonio algumas finezas que lhe pezassem a ella na consciencia.

— A Cascaes, uma vez e nunca mais... — disse ella ao irmão.— Metteu-me em boa, mano conego!

— Então que foi? Viu-as alguem? — perguntou o padre.

— Ninguem conhecido — disse o artista.

— Subam, que eu vou montar a cavallo immediatamente, e prevenir o abbade de Ronfe — tornou o conego.

— Subam! quem? — perguntou Norberta. — O Guilherme não sobe. Não póde subir emquanto não fôr legitimo esposo d'esta menina. Amigos, amigos, negocios á parte. Rabos de palha não os quero.

Estavam ás escuras no pateo como se a scena se passasse dentro d'um tonel. Thereza de Jesus adherente pelo hombro á espadua roliça de D. Ignacia, abria os olhos quanto podia afim de achar na treva o vulto de Guilherme, em quanto elle não estremava a sua escuridão interior da de fóra. Se via

alguma imagem, era a do pae a pezar-lhe na alma como um remorso. Aquelle esquisito soffria as tribulações do tardio arrependimento. A luz do amor era-lhe como a lampada do mineiro que se apagou no momento em que o veio de ouro lhe appareceu. Os homens assim são raros; e, quando os cenobios acolhiam os foragidos do mundo, os que lá iam eram d'aquella tempera. No seio da sociedade, além de desgraçados, fariam uma triste figura; ao passo que, no mosteiro, abstrahidos de si, na contemplação theologica das cousas immortaes, cumpriam um serio destino; e, quer morressem santos quer não, acabavam felizes.

Quanto a subir Guilherme Nogeira isso é que D. Ignacia não consentiu, apezar da replica do conego.

— Sabe o mano que mais? — alvitrou ella. — O Guilherme vae para Ronfe com vossemecê, e espera lá por Therezinha; em quanto o mano nos vem buscar, o noivo deve confessar-se. Assim que chegarmos, Therezinha confessa-se tambem, e está tudo terminado como deve ser e sem escrupulos de parte a parte. O que se poder fazer com toda a limpeza de consciencia, faça-se, não é assim, menina? — perguntou ella á filha de Joaquim Pereira.

Thereza respondeu com a afoiteza de voto deliberativo:

— O melhor é irmos todos já.

— Era isso mesmo o que estava determinado — interveio o conego; — mas esta senhora minha mana teve um ataque de escrupulos parvos á ultima hora. Decidam depressa, que a gente não ha de estar

aqui no pateo ás escuras com ar de tolos. O plano era irmos todos a pé; mas...

— Então vamos todos... — disse peremptoriamente Thereza de Jesus.

*

* *

Pela energia das decisões, Thereza justificava-se filha, por indole e por sangue, de Joaquim Pereira.

O surrador, assim que voltou do quintal convencido de que a filha fugira pela porta que estava aberta, expediu quatro berros que espavoriram a cunhada; e quando ella lhe dizia que estava responsando ao milagroso padre Santo Antonio a sobrinha, o cunhado respondeu-lhe que fosse para o diabo, e desceu as ingremes escadas ás escuras e sem escorregar, como se a furia lhe tivesse dado de noite a pupilla luminosa dos gatos. Enfiou direito a casa do meirinho geral, que o levou ao juiz de fóra. Accusou clamorosamente o raptor Guilherme Nogueira, e pediu justiça, com os braços estirados para o ceu e os dedos nodosos ennovelados em dois murros que pareciam os do Ajax sacrilego, ou, melhor comparados, os de Chryses, quando pedia a Apollo a sua filha Chryseida, roubada por Agmemnon.

O juiz de fora, se não podia dispôr da peste como o Apollo da Iliada, poz á disposição do surrador os quadrilheiros da comarca, e mandou prender o raptor e a raptada. O proprio Joaquim Pereira, des-

envolvendo uma actividade banhada de suor copioso, poz-se á frente dos aguasis, e ás dez da noite foi á rua do Val de Donas, e alternadamente com mãos e pés, estrondosos como catapultas, taes pancadas deu na porta do ourives que a visinhança acudiu ás janellas com candeias, cuidando que era fogo.

O pae de Guilherme, prostrado pela enfermidade, mandára abrir a porta por um aprendiz, e sentára-se no catre, arquejando em afflictivas conjecturas do facto que logo adivinhou.

Joaquim galgou, escada acima, chamando pela filha, e perguntando ao aprendiz onde ella estava.

O rapaz encarava aterrado o surrador, e perguntava:

— Ella, quem?!

— Onde está o ladrão? — exclamava Joaquim afuzilando sobre o aprendiz os olhos phosphorescentes.

— Que ladrão?! — tornava o rapaz, sentindo vontade de largar a candeia e desatar a fugir.

O pae de Guilherme, quando ouviu proferir a palavra *ladrão*, fez um esforço miraculoso como o dos entrevados que escutam o estallejar do travejamento incendiado, resvalou do leito, lançou mão do seu capote, e, cambaleando, assomou á saleta onde o surrador interrogava o rapaz.

— Quem é ladrão n'esta casa? — perguntou Luiz Nogueira com a voz tremente.

O meirinho geral, que conhecia o ourives honrado e pobre, respondeu:

— Sr. Luiz, isto não é com vossemecê — disse o

meirinho. — O caso é que procuramos a filha aqui do sr. Joaquim...

— E mais o ladrão! — accrescentou o surrador. — Heide pôl-o pela barra fóra!

— Ladrão, não, sr. Pereira! — accudiu o ourives, convulso, amparando-se no hombro do rapàz. — Meu filho não é ladrão!

— O patife rouba-me a filha e não é ladrão! — observou o surrador cruzando os braços, e lançando em redor os olhos espantados como quem consultava os circumstantes. — Que me dizem vossês a isto?

— Sr. Pereira — disse o chefe dos quadrilheiros — eu conheço as cousas, e faço justiça direita. Um homem póde furtar uma pequena, e mais não ser ladrão, nem má pessoa.

Aqui, Joaquim Pereira soltou uma interjeição que não se póde tirar do tinteiro, por ser portugueza de mais, e ter passado a obsoleta depois de haver sido o cognome illustre de uma familia heraldica. As boas palavras correm seus fados, como dos bons livros dizia Marcial.

O caso foi que o meirinho, avincando o sobr'olho, redarguiu:

— Falle bem que ninguem lhe falla mal, sôr Joaquim! Bem sei que é a paixão que o faz fallar; mas vossemecê não remedeia nada com isso. Vamos ao caso: sr. Luiz, seu filho e mais aqui a filha d'este homem estão cá em casa?

— Não, sr. — respondeu o ourives.

— Onde estão elles então? — perguntou o surrador.

— Não sei.

— Vossê mente! vossê sabe!

— Não minto, sr. Pereira; nem mesmo sei que meu filho lhe tirasse de casa a sua filha. A's oito horas da noite, esteve elle á beira do meu leito. Nada me disse, nem eu sou pae a quem elle contasse o mau proposito de fugir com uma mulher. Sei que elle tinha o rosto coberto de lagrimas; mas isso não me admirou, porque meu filho é desgraçado desde que lhe perturbaram o socego da sua vida honesta e occupada no trabalho de gravador. Nada mais lhe posso dizer. A casa ahi está franca; procurem; mas peço que me deixem deitar porque me não posso ter em pé.

— Sr. Joaquim Pereira — disse o meirinho sacudindo o surrador amigavelmente pelos hombros — sabe vossemecê que mais? Deixe-os casar e esta acabada a pendencia! Assim como assim, o peior da historia já não tem remedio... sim, o sr. bem me entende. Com a rapariga do Pote aconteceu o mesmo, olhe se se lembra. O sargento foi preso e mais ella; o pae queria que o rapaz fosse arcabusado — proseguiu o farçola do meirinho, a rir —; mas eu, quando os prendi, achei-os ambos debaixo da cama, em uma estalagem de Braga, e logo disse ao Pote: «Homem, vossê faça de conta que eu não encontrei a sua filha a rezar as contas com a tropa; e a maneira de tapar as boccas do mundo é deixal-a casar com o segundo sargento, se não ella ámanhã foge-lhe com um cabo de esquadra.»

— Vossê então não sabe com quem falla! — retorquiu Joaquim Pereira.— Se eu lhe botar as unhas,

elle hade ir para as pedras negras, e ella para o Recolhimento da Tamanca. Ora agora, se elles casarem, raios me partam se virem um pataco — vossê sabe o que é um pataco? — nem um! entende o sr.? Arre, ladrões! eu cá vou para o corregedor. Heide perseguil-o nas profundas do inferno!

E, como désse alguns passos para sair, o meirinho, temendo ser arguido de frouxo na diligencia, disse-lhe que estava ás suas ordens para dar busca onde elle mandasse.

— Vamos a casa do conego Araujo — bradou Joaquim Pereira. — E' lá que elles estão.

— Homem... — atalhou o meirinho — veja lá no que se mette. Isto de conegos... sempre são conegos. O sr. Joaquim espeta-se.

— Bolas, meu amigo! Esse tempo já lá vae! Nem que elle fosse o arcebispo me mettia medo! Agora reina a constituição do Porto. Todos somos uns, percebe o sr.? Se elle não abrir a porta, vou á fabrica buscar tres officiaes e metto-lh'a dentro a machado. Vem d'ahi ou não vem?

— A's suas ordens, sr. Joaquim; mas não faça asneiras; olhe que sem ser dia claro não se póde atacar a casa do cidadão. Isto aqui não é Fafe, onde a justiça diz: «nós e el-rei.» Cá o pobre Luiz Nogueira não se queixa; mas o conego Araujo é dos jacubinos, está bem com esta gente da constituição, e não é bom de assoar. Dê tempo ao tempo. Se vossemecê quer, vou eu lá como particular, e vejo o que elle me diz.

N'este momento, um sapateiro da visinhança, que se fornecia de cabedal na fabrica de Joaquim dos

Coiros, chamou-o de parte ao pateo para lhe dizer que encontrara na estrada do Porto quatro pessoas, duas mulheres e dois homens a pé, e que um d'elles era o conego Araujo, e o outro, que levava uma lanterna, era o Guilherme ourives.

O surrador communicou a denuncia ao meirinho, esperando que a quadrilha se abalasse immediatamente na piugada dos fugitivos; porém, o funccionario entrou a discorrer conjecturalmente a respeito da outra mulher do rancho, e lembrou a hypothese de ser ella a D. Ignacia, uma das senhoras mais serias da villa.

— Se o era,— accrescentou elle — a sua filha, sr. Joaquim, se fosse com a propria mãe, não ia mais bem acompanhada; póde vossemecê dormir descançado, que D. Ignacia é uma senhora muito direitinha; e tão pura tivesse eu a minha alma como está a sua Thereza.

— Mas vamos agarral-os! — atalhou o surrador, tirando pelo braço do meirinho.— Se formos já, ainda os pilhamos ahi á ponte da Lagoncinha. O sr. não se mexe?

— Eu não me mexo, porque nos vamos estafar sem proveito. Pois vossemecê não entendeu ainda que o conego e a irmã acompanharam os noivos para assistirem como padrinhos do casamento? não percebe que elles vão casar-se a uma d'essas egrejas que ahi estão perto da estrada, e que o juiz os manda embora logo que elles apresentem a certidão de casados?

— E onde elles foram casar sei eu... — interveio um dos aguasis. — O reitor de Ronfe é como

a unha e a carne com o conego Araujo, quando vem a Guimarães é seu hospede, e foi elle quem o collou na reitoria.

Joaquim Pereira, ouvido isto, desligou-se dos quadrilheiros, e foi revelar ao juiz de fóra o que ouvira. Este magistrado, além de ser recto, devia cincoenta moedas ao curtidor, e pensava em casar o enteado, aquelle tenente de milicias da cintura de vespa, com Thereza de Jesus. Mandou o juiz chamar o meirinho, e ordenou-lhe que immediatamente fosse a Ronfe, e avisasse o reitor que, se elle praticasse a irregularidade de casar uma filha menor contra a vontade de seus paes, elle mesmo juiz o perseguiria na Relação ecclesiastica de Braga até o fazer exautorar das ordens e condemnar a degredo.

Joaquim Pereira era de opinião que se enviassem os seus operarios com o meirinho para agarrarem o ourives; mas o juiz convenceu-o da volta da filha para a casa paterna, por conselho do mesmo reitor.

— Isso é o que eu quero — concordou o pae sem interpôr supposições desairosas ao descredito da filha. Tal qual como o pae de Chryseida: o que elle queria era a filha em casa, fosse como fosse. Muitos casos de Guimarães conservam ainda o sabor homerico como as ruas.

*

* *

Quando o meirinho bateu ao portão da reziden-

cia de Ronfe, Thereza de Jesus, deitada com D. Ignacia, que resonava os silvos estridentes de uma sã consciencia e de uma ceia indigesta, acordou a companheira de leito, e disse-lhe alvoroçada que ouvira bater rijamente ao portão, e que lá dentro andava gente a pé. A mana do conego sentou-se, cobriu as polposas espaduas com o saiote, e encanudou com a mão um tubo na orelha. Thereza vestiu-se rapidamente, e abriu a porta do quarto, para escutar no corredor.

— Que ouve? — perguntou D. Ignacia.

— Palavras que não entendo; mas quem falla não é pessoa minha conhecida. Vou escutar ao fundo do corredor.

— Não consinto, menina; venha para aqui — impugnou D. Ignacia, sacrificando a curiosidade ao zêlo preventivo de encontros nos corredores.

— Então que tem que eu vá? — recalcitrou a menina.— A senhora tem cousas!

— Já lhe disse; tenha paciencia; espere; o que fôr, soará.

Depois, cresceu o rumor dos passos por alguns minutos, fechou-se o portão com estrondo, e recahiu tudo em silencio.

— Não era nada,— conjecturou D. Ignacia — é que vieram chamar o reitor para assistir a algum enfermo em perigo. Deite-se, e vamos dormir, que eu estou a pingar com somno.

Na sala, depois que o meirinho saíra, juntaram-se os dois padres e Guilherme. O reitor repetiu o recado que o juiz de fóra lhe enviára, e perguntou ao conego o que queria que fizesse.

O conego reflectiu breves instantes, e respondeu:

— Celebras o matrimonio de meu sobrinho, tão clandestinamente que nem o livro dos casamentos o saiba. Aqui a questão é resalvar as nossas consciencias e incutir no espirito dos contrahentes a dignidade de esposos. Quando ámanhã a justiça os vier procurar, responderás que sahiram de noite, como dois amantes; não sabes para onde, nem queres saber se seria mais decoroso abençoar-lhes a sua paixão. Atiras com isso á consciencia do juiz de fóra. Quanto a ti, Guilherme, vae com tua mulher para Hespanha. Lá tens teu tio Pedro, e não tardará que voltes para Cuimarães.

Guilherme não contraveio nem applaudiu a deliberação do tio.

Passados momentos, disse:

— Vá pedir a meu pae que me perdôe, e ampare-o emquanto eu o não poder levar para mim.

— Vaes triste, Guilherme? — perguntou o conego, abraçando-o.

— Vou triste; mas cumpro um dever: porque depois de um passo mau o retrocesso leva a deshonras maiores. Conheço que esta situação é uma violencia na minha indole. Se eu podesse voltar ao que era ha tres mezes, teria dó de um homem na minha situação de hoje; mas, se recuasse agora, seria irremediavelmente desgraçado, porque me sentiria infame diante de mim mesmo.

— Hasde ser feliz... — asseverou o conego.

— E sel-o-ha ella? — perguntou Guilherme.

— Isto é um homem extraordinario! — explicou

o conego ao reitor espantado.—Não vás tu pensar que este rapaz não está apaixonado por Thereza. Sabes o que é? é o aleijão do talento, é a anomalia d'estes infelizes imaginarios que são uns mentecaptos sublimes no meio de nós que vemos o mundo como elle é. Este rapaz chorou na minha presença por amor d'essa formosa creatura que o adora...

—Bonita é ella a valer!—interrompeu o reitor.

—Chorou como tu nem eu sabiamos chorar quando pagavamos o tributo do coração que nos mandaram estrangular debaixo da batina. E depois, quando ella, a formosa e a rica herdeira se lhe deu com a alma doida de alegria, renunciando pae, mãe, esposos que se lhe offereciam fidalgos e ricos, este homem começa a sentir que a felicidade o abafa, e quasi que repelle com uma ingratidão original a mulher que o adora!

—Não me comprehendeu, meu tio—disse Guilherme.—E' que eu tinha um affecto immenso ao meu trabalho, á minha obscuridade... a uma cousa impalpavel...

—Percebeste-o, reitor?—perguntou o conego.

—Eu não; se o sr. tem affecto immenso ao trabalho, trabalhe, que ninguem lh'o impede. Se quer viver obscuro, metta-se em casa, e não ha melhor vida; ora agora, lá esse affecto a uma cousa impalpavel, isso, meu amigo, não entendo, palavra de honra.

—E' a poesia—explicou o conego.

—Ah! o sr. faz versos? não lhe sabia da prenda; mas eu conheci bons poetas que apalpavam tudo e todas, a torto e a direito. Olha o Bocage, ó

conego! e o João Evangelista, e o Mormo de Villa Real, e o Paulino Cabral! Para estes o que havia mais impalpavel contra sua vontade eram as peças de duas caras.

*

* *

Joaquim Pereira recolheu a casa depois da meia noite. A sr.ª Feliciana tinha accendido quatro velas de arratel a Santo Antonio, e passára todas as horas em oração alternada com objurgatorias á creada Caetana, a quem promettia tirar a pelle, se viesse a descobrir que ella fôra recoveira de recados da filha ao ourives. Caetana jurava pela salvação da sua alma que não levára recado nenhum, nem era mulher d'essa casta; mas tencionava fugir de madrugada, receiando que o surrador lhe fizesse á pelle ameaçada o que fazia á das vaccas.

Quando o amo entrou, Caetana foi escutar, e ouviu-o referir á mulher as cousas acontecidas, gabando-se da sua finura e do seu desembaraço. Disse-lhe que a filha estava em Ronfe com o ladrão do ourives, e mais o conego e a bebeda da mana Ignacia.

— Olha a desavergonhada! — exclamou Feliciana. — Como não serve para panella serve para têsto.

Accrescentou Joaquim Pereira que o meirinho trouxera de Ronfe uma carta ao juiz de fóra em que lhe dizia que não os casava; mas que não promettia podel-os separar.

A isto atalhou a sr.ª Feliciana afflicta:

— Então elles ahi vão na má vida por esse mundo fóra!

— Não tenhas medo — respondeu o marido — Já venho da fabrica; d'aqui a duas horas sae o meirinho com quatorze dos meus rapazes para Ronfe: e, quando romper a manhã, está a casa cercada, e o troca-tintas ha de entrar em Guimarães no meio das espingardas.

— E a minha filha tambem? — accudiu ella consternada.

— Essa já combinei com o juiz mettel-a em casa da tia Roza alguns dias, e depois veremos. O juiz fallou-me que tencionava pedir-m'a para o enteado... conhecel-o, aquelle estoira-vergas?

— O tenente?

— Isso. E' bem asno o juiz! Entre o ourives e o tenente que venha o diabo e escolha. O que eu quero é metter o Guilherme na cadeia; e não ha de ser elle só, se Deus quizer. A Caetana tambem lá vae malhar c'os ossos, porque o João do Richoso, que é um sapateiro visinho do Luiz Nogueira, vae, sendo preciso, jurar que ainda hontem de manhã a viu entrar para lá. A minha vontade era esganal-a já: mas o juiz aconselhou-me que o melhor era prendel-a, porque nos é precisa para o processo.

Caetana sentiu varias sensações, durante este dialogo. A mais notavel eram os rugidos intestinaes, acompanhados de spasmo nas goelas, quando se sentiu esganada por hypothese. Entretanto, como adquirira certa bravura no tracto com o exercito, e nomeadamente com o anspeçada, cobrou animo, e fez duas figas com os dois dedos pollegares, diri-

gindo-as aos patrões. Feito isto, foi ao seu quarto, enfardelou o mais precioso da sua caixa de pinho, desceu ao pateo, e, com a subtilesa usualmente empregada na abertura de um postigo confidente dos seus amores nocturnos, escoou-se por alli, e endireitou para Ronfe.

O reitor e os dois hospedes estavam ainda conversando, dispostos a não adormecerem, quando Caetana aldravou no portão.

— Nova embaixada! — disse o reitor. — Querem vossês ver que temos a justiça em pezo á porta, e que a mensagem do juiz foi uma perfidia para ter a certeza de apanhar os fugitivos?

E, dizendo, abriu uma janella, e perguntou quem era.

— Diga á sr.ª Therezinha que está aqui a Caetana — respondeu a creada.

Abriram-lhe a porta, e ouviram-lhe repetir o programma do curtidor. Chamaram D. Ignacia e Thereza, para as informarem das occorrencias que ellas ignoravam. Deram-se pressa em preparativos de sahida. O casarem-se foi acto mais facil que o arranjo de uma cavalgadura para um dos fugitivos, porque o reitor só tinha uma egua, e contava com a de um visinho, que succedeu estar desferrada. Esta circumstancia não é muito epica n'um conflicto de certa grandeza romantica; ainda assim, entendo que não devo omittil-a, porque por um triz que a falta de uma ferradura esteve a ser a salvação ou a catastrophe d'aquelles personagens. Afinal, o reitor achou um macho, mas não pôde amanhar uma jumenta para Caetana, que á fina força quiz seguir

sua ama, ou promettia afogar-se no rio Ave, se a não levassem.

O itinerario dos fugitivos foi assim traçado pelo conego: deu ao sobrinho uma carta para um seu amigo tambem conego e mestre-escola da collegiada de Guimarães, que residia no Porto, de appellido Guerra, sugeito desempoado de escrupulos e serviçal. Nós, os velhos, todos conhecemos aquelle mestre-escola, aqui ha vinte e cinco annos, com os braços e as pernas escalavradas por insultos apopleticos, mas com o espirito remoçado de sonetos erothicos de Bocage, que recitava com emphaze, e ás vezes com uma uncção digna dos psalmos penitenciaes, que elle não conhecia.

Chegados e hospedados em casa do mestre-escola de Guimarãos, esperariam alli o conego que iria provel-os de dinheiro, de passaportes obtidos no Porto, e de um guia fiel que os conduzisse á Extremadura hespanhola.

*

* *

Eram quatro horas da manhã, quando o meirinho com quatro ajudantes e os quatorze operarios de Joaquim Pereira chegaram a Ronfe, e cercaram a casa da residencia. O conego Norberto de Araujo dormia o primeiro somno; a mana Ignacia tomava uma tigella de leite de vacca com sopas e canella; o reitor resava matinas e laudes no seu quarto, com a serenidade dos martyres que liam as epistolas de S. Paulo quando os quadrilheiros de Diocleciano

infestavam os aditos das catacumbas. Acabada a reza, ergueu-se, abriu a janella, saudou a turba que esperava que o sol nascesse para invadir a casa, e perguntou o que queriam.

— Cumprir um mandado do sr. juiz de fóra da comarca.

O reitor mandou abrir as portas, e disse:

— Procurem; mas não acordem o meu hospede o sr. conego Norberbo, que está n'aquella alcova. Entrem lá devagarinho; apalpem-n'o, se quizerem, mas com suavidade, que não o despertem. Hão de encontrar no jardim a sr.ª D. Ignacia Norberta: não a confundam com a menina que fugiu. E' uma senhora que passeia os seus leites, e não tem nada por onde a justiça de Guimarães lhe pegue, que eu saiba. Feita a sua diligencia, sr. meirinho, queira asseverar ao sr. juiz de fóra que o reitor de Ronfe, assim que recebeu as suas ordens, poz no meio da rua Guilherme e Thereza, dizendo-lhes que não podia legitimar o seu amor em virtude da recommendação de sua senhoria; e, como não podia prender taes aves cada uma em sua gaiola, mandei-os que se pozessem lá fora, e que vivessem desaforadamente á sua vontade: o que elles fizeram com a mais exemplar obediencia, de braço dado, cantando o hymno de 1820, e dando vivas á liberdade. Diga-lhe isto.

O meirinho fez um simulacro de busca, não ousou apalpar o leito do conego, e foi-se embora á frente dos operarios de Joaquim Pereira, os quaes, durante o regresso, iam revelando o mallogrado proposito de anavalharem o ourives; mas reserva-

vam a realisação do intento para melhor opportunidade.

*

* *

No entanto, Guilherme e Thereza lá iam caminho do Porto por entre os milharaes de Requião, sob as copas de carvalheiras e parras que faziam da estrada um suavissimo e chilreado caramanchel. Era um arraiar de manhã de junho.

Caetana ia a pé, ao lado do creado do reitor, um mocetão de clavina de dois canos, de faixa escarlate, que dizia á cachopa umas graças alpestres que tinham a côr local, e pareciam tender a imitarem as brincadeiras amorosas de uns gaios que bicavam os seus carinhos nos galhos dos pinheiros. Elle, ás vezes, beliscava-lhe o braço, e ella dava-lhe um safanão, engolindo umas lagrimas que iam lá dentro a pouco e pouco apagando as cinzas do amor ao seu quasi extincto anspeçada.

As indoles mais excentricas amoldam-se á eterna lei do bello, dadas certas condições. Guilherme, ao lado de Thereza, sentiu o coração em toda a plenitude de um ideal que o enamorava quando, na soledade do seu quarto, copiava da alma as peregrinas feições d'aquella mulher. O ingrato sentimento que o levava para o passado com saudade da sua melancolia, cheia de phantasias agri-doces, desfez-se como o toucado de brumas que o sol d'aquelle dia esvaeceu nos visos do Monte-Cordova.

Se o scenario convidava o coração a desejos ardentes de amor vago, que faria a presença real da

esposa linda que até no descair das palpebras somnolentas parecia elanguescer-se em quebrantos de meiguice?

Parece, porém, que nem elle nem ella sabiam as phrases rudimentares, aquelles doces colloquios que tem o que quer que seja de um crestar raios de mel novo do colmeal, e com esse mel emmelam os noivos a lua que os ouve, e não os perceberia, se não fosse casta; e o leitor, se o não é, tambem me não percebe a mim.

Conversavam em cousas da vida commum, se fallavam; e se trocavam entre si ditos extraordinarios é quando iam silenciosos. O amor é isto. Os peridos redondos com adjectivos angulosos são cousas caldeadas na cabeça, é um pouco de phosphoro do cerebro que reluz na alma apagada como o atrito de um lume-prompto na parede de um quarto escuro.

— E's feliz, Thereza? — perguntava Guilherme.

— Muito — respondia ella acenando com a cabeça loura e apertando-lhe a mão quando a estrada, a espaços, permittia este desafogo. — E tu? — perperguntava ella.

— Muito feliz — respondia elle, curvando-se para lhe beijar a mão.

E o creado do reitor, que ia atraz e via isto, levava a parodia até ao abuso, querendo beijar o cachaço pennugento de Caetana.

E com estas e outras intermitencias de poesia e prosa, chegaram ao Porto. Guilherme, que alli passára alguns annos da mocidade estudando as artes, conhecia a residencia do amigo de seu tio. O mes-

tre-escola da collegiada de Guimarães, assim que viu os hospedes, escusou-se de ler a carta. O conego Araujo já o tinha precavido para a eventualidade da fuga. O prebendado ministrou-lhes uma ceia delicada e mandou-os deitar delicadamente.

No outro dia chegou o conego, apressurando a sahida dos esposos, porque da comarca de Guimarães no mesmo dia vinham deprecadas para o Porto. O padre Guerra já tinha agenciado passaporte.

A jornada para a Extremadura hespanhola, n'aquelle tempo, era um agradavel passeio de doze dias de liteira. Dois esposos, face a face, n'aquella redoiça pintalgada, se tivessem bom estomago que resistisse ao balanço e ao enjôo, iam felizes. A creada tambem ia alegre: porque o arrieiro, logo alli na altura de Grijó, fallou-lhe em casamento, e furtou laranjas de um pomar para refrigerio da moça que dizia estar em braza. Guilherme, como qualquer noivo d'estes nossos tempos de via ferrea, de vez em quando, abria um *Guia de Viajantes*, e dizia á esposa os nomes das povoações, e as leguas que os distanceavam do almejado repouso. Já então os portuguezes possuiam um *Guia de Viajantes* nas côrtes e nas cidades principaes da Europa. Não se persuadam que o auctor fosse algum litterato do café Nicola com subsidio, algum touriste fidalgo, algum diplomata, ou militar que visitasse a Europa triumphantemente com Napoleão. Não, senhores: o auctor era um frade agostinho descalço, e chamava-se frei Anastacio de Santa Clara. Os frades eram para tudo. Este andou bastante mundo, e experimentou, diz elle, um

sem numero de incommodidades *que atacam áquelles que destituidos de conductor emprendem similhantes viagens*. Hoje em dia, apesar dos numerosos *Guias*, não ha livrar-se a gente das incommodidades que nos *atacam* nas estalagens do Minho.

A ultima estalagem em que pernoitaram os nossos noivos foi em Zibreira, na raia de Hespanha. Ao outro dia, percorrida legua e meia, chegaram ao seu destino, a Zarza, ou Sarsa de Alcantara, como escreve frei Anastacio.

*

* *

Pedro de Araujo, irmão do conego, fugira de Guimarães em 1810 por causa de um homicidio, estabelecera-se em Zarza, e d'aqui negociava para Portugal em varios artigos. Estava rico, velho e solteiro. Recebeu os sobrinhos com alegre rosto, e agradeceu aos ceus aquella inopinada familia que lhe ia adoçar os azedumes da velhice veletudinaria.

Guilherme Nogueira, logo que pôde arranjar uma camara bem allumiada e em condições covidativas ao lavor do buril e do pincel, começou a retratar a esposa, e depois o tio. Em seguida, reatou as inspirações interrompidas da sua arte predilecta; gravava reminescencias da sua terra; era-lhe um delicioso suspirar saudades, esculpir as ruinas, dar relevo ás lendas da gothica Guimarães, e lampejar de escamas prateadas as superficies do Ave e do Vizella por entre alcantis de verdura, sobranceada de penhascaes. Thereza de Jesus cançava-se de o ver traba-

lhar, porque nem o entendia nem o admirava. Em geral, e por condescendencia, achava tudo *bonito;* mas pedia-lhe que fosse passeiar com ella, e não estivesse sempre a malucar n'aquellas cousas.

— A *malucar!* — murmurava o artista com secreta amargura; e, ás vezes, passava-lhe pelo espirito a desconfiança de que a esposa era uma organisação rude, com a formosura casual que não passa de um geito feliz da materia, alheia de todo ás qualidades do espirito. Isto dissaboreava-o, e abria-lhe no coração brécha por onde a saudade se ia em busca da sua isenção e pobreza independente de artista obscuro. Depois, uma caricia de Thereza, dáva-lhe ao coração alegres reacções, e, por um pouco, o sentimento real de renovados prazeres subjugava as destemperadas aspirações ao tal ideal ímpalpavel, que o reitor de Ronfe não percebia, nem eu.

Em cartas frequentes, relatava o conego Araujo o que ouvia contar de Joaquim Pereira. Dizia-se que o curtidor, perdida a esperança de capturar o raptor da filha, adoecera creando posthema no figado, de que esteve a passar-se; e que, por essa occasião, fizera testamento, declarando que devia a seu irmão Manuel quarenta mil cruzados, a fim de desherdar a filha. A sr.ª Feliciana, por sua parte, cedera com difficuldade a tão vingativo desamor, e tencionava, se o marido fallecesse, declarar que seu cunhado não era credor de um vintem. Felizmente, Joaquim Pereira restabeleceu-se; mas presistia no proposito de desherdar Thereza, acabando com o fabrico dos cortumes, e repartindo em vida os seus

haveres como bem lhe parecesse; porém, como a sr.ª Feliciana houvesse sido dotada com dez mil cruzados, e os quizesse resalvar para sua filha, os dois conjuges travaram-se tão rijamente em descomposturas, que chegaram a bater um no outro, pela quarta ou quinta vez. Por fim, a mãe de Thereza fugiu para a companhia de sua irmã Roza, e o marido foi para o Porto viver com o irmão Manuel. Primeiro choravam ambos abraçados; depois, Joaquim principiou a metter-se muito pelo mau vinho da Companhia, para se distrahir, e cessou de chorar, como cousa indigna de um homem. Dir-se-hia que elle achára á mão um exemplar dos *Dialogos*, de fr. Amador Arraiz, onde se lê isto: *As lagrimas hão de ser poucas em homens, ainda que haja causa de muito sentimento, pois com a continuação d'ellas nos vae faltando a vista e o juizo.* Quanto a juizo, o exsurrador não ganhou nada com a troca do liquido da garrafa pelo liquido das glandulas lacrimaes. Embriagava-se todas as noites, e pegou este feio vicio ao irmão, que não tinha motivo justificado para se emborrachar por concomitancia. Rompiam ambos então em diatribes contra o sexo feminino. Manuel exhibia a vigessima edição da perfidia da esposa; e, pintando ao vivo a scena, mostrava e floreava no ar a tranca com que a contundira. Algumas vezes, terminavam ambos por chorar; mas d'este lance, já o sentimentalismo sério não tinha a responsabilidadade. Eis a desgraçada vida d'aquelle pae que trabalhára vinte annos para deixar uma filha opulenta.

Feliciana conseguira segurar o seu dote em pro-

priedades urbanas, e passava a vida com resignada compostura, bebendo apenas o necessario para se conservar n'um *embonpoint*. Por linhas travessas, soube o paradeiro da filha, e escrevia-lhe com a bondade misericordiosa das mães; mas, ainda assim, não a incitava a vir para Guimarães, porque receiava que o marido matasse o genro.

Estes casos decorreram no lapso de um anno, ao fim do qual, Pedro de Araujo, quando a vida mais cara lhe era no seio da familia, expirou, legando avultada quantia a seu sobrinho Guilherme.

A opinião de Thereza, quando viu o cofre das onças herdadas, era que mudassem para a cidade de Alcantara, onde havia tertulias, theatros e sumptuosas festas de egreja. Queria divertir-se entre o sagrado e o profano. A villa de Zarza figurava-se-lhe mais semsabor que o proprio burgo de Muma Dona, e os habitos cazeiros do marido até lhe tolhiam o prazer de sahir ao campo, arejar ás brizas tepidas da tarde, a belleza que se esmaecia em reclusão contrafeita. Guilherme não condescendeu. Achava-se bem ali, justamente porque a terra avultava umas feições de Guimarães. A's cinco horas das tardes de inverno, baixava a morte sobre o povoado, e por acaso apparecia, de vez em quando, uma lanterna movel, como se um defunto se levantasse do seu jazigo a passeiar com uma lamparina na mão. Tal qual como no berço da monarchia, onde o progresso ainda agora, tambem está no berço de touquinha e cueiros, a sugar nos peitos seccos da Camara Municipal.

Não me atrevo a decidir que estes esposos se

amassem até ao delirio. Thereza aborrecia-se ao lado do marido, abria a bôcca, fazia uma cruz; mas não evitava com este symbolo christão, que o demonio do tédio lhe entrasse no espirito. Não conheciam ninguem com intimidade. Guilherme esquivava-se a visitas que o obrigassem a erguer mão das suas occupações. Esta soledade melhorou algum tanto com a ida de Luiz Nogueira para a companhia do filho. O velho entretinha a sua nora com a bisca de accuso, e ia passeiar com ella nos domingos. Como desejava trabalhar, pediu ao filho que o deixasse abrir uma ourivesaria. Guilherme deu-lhe abundantes recursos para um vasto estabelecimento, e occupou-se em modelar e lavrar baixella, com que muito prosperou a fama do ourives portuguez. No entanto, o scismador, o poeta, raro descia do olympo da arte a contemplar os primores naturaes da esposa. O ciume nunca lhe rossou com a sua aza negra os candidos voadouros do genio. Esvoaçava-se por muito alto; e, se pousava cá em baixo, no regaço de Thereza, a cabeça febril, era como o condor que se abate ao sopé dos Alpes, sómente quando uma necessidade organica o fórça a descer em cata da prêza.

*

* *

Por 1825, morreu Luiz Nogueira.

Guilherme estremecia seu pae. A morte fôra repentina, quando os dois se estavam recordando da

sua terra natal, com a nostalgia dos exilados. Tinha dito Luiz Nogueira:

— Deus me deixe lá ir morrer; mas só lá irei, se tu poderes ir commigo para me cerrar os olhos.

E, minutos depois, queixou-se de uma oppressão que o anciava: depois, disse que se sentia melhor, e assim expirou suavemente, ensinando ao filho que não custa a morrer.

Esta surpresa, sem precedente doença, que affizesse o filho á idéa de o perder, ulcerou na alma de Guilherme uma saudade insanavel. Nunca mais teve um sorriso que não fosse forçado e de comprazimento com o genio jovial de Thereza, cuja sensibilidade com o morto sôgro não era mais dolorosa que a sua saudade dos paes.

A loja de ourivesaria continuou aberta, porque Thereza assim o quiz para se entreter. Desde que ella appareceu no balcão, a freguezia cresceu. Vinham *hidalgos* de Alcantara comprar argentaria á portugueza loira. Guilherme, quando a esposa lh'o contava com um desdem jactancioso, respondia-lhe com um sorriso triste, e dizia-lhe:

— Melhor seria que não descesses á loja. A curiosidade d'essa gente não te faz mal, mas tambem te não honra.

Havia questões mansas a respeito d'isto. Ella dizia que a respeitavam até ao ponto de lhe não dirigirem a menor fineza; elle pedia-lhe que traspassasse a loja, por que eram bastantemente remediados; ella replicava que havia de voltar rica para Guimarães; elle pedia-lhe que não fosse ambiciosa como a gente ordinaria.

Algum tempo, o visionario teve a sua manifestação de marido vulgar: sentiu ciumes, e espreitou. Nada viu; mas uma gôta de peçonha, o ciume, cahiu-lhe na alma, e lavrou de modo que lhe envenenou o sangue. Tomou-se de uma tristeza silenciosa, como a dos anemicos no derradeiro estadio do abatimento, quando se concentram sombriamente, e parecem estar-se vendo morrer. A presença da mulher, toucada a primôr, com as madeixas entrançadas, alegre, formosa, rindo e imitando o salero, fallando as phrases guturaes das hespanholas, entristecia-o.

Uma vez disse-lhe ella que tinha adquirido uma amiga, e pediu-lhe para a receber em casa. Guilherme encolheu os hombros, e respondeu:

— Se é digna da tua amisade... Quem é? Eu não conheço ninguem...

— E' a filha de D. Rojo de Valderas, do alcaide.

— Ouvi fallar mal d'esse homem.

— São calumnias. A Ignez é um anjo, tu verás.

— Mas disseram-me que nenhuma senhora acompanha com a filha do alcaide — objectou Guilherme.

— Bem sei; não queres que eu tenha uma amiga que me entretenha; não queres que eu vá para o balcão, por que os cavalheiros me fazem a fineza de vir comprar á nossa casa. Ensina-me então a gravar e a pintar, por que preciso gastar o tempo.

— Tua mãe, Therezinha, não gravava, nem pintava, nem estava ao mostrador, e passava o tempo. Uma mulher de casa tem sempre que fazer.

Eis aqui outra manifestação muito humana do nosso artista arrobado em visualidades etherias.

Queria que sua mulher cuidasse do amanho do bragal, da dispensa, da economia da capoeira, etc. Não se parecia com o estovanado Leonardo da Vinci: mas, se cuidasse em ter gallinhas no chôco, poderia parecer-se com Shakespeare.

Thereza achava-o então inferior á sua poetica estatura; parecia-lhe trivial e maricas; porém, nunca venialmente sequer o comparou com outro homem.

O que se dizia do alcaide, auctorisava a repugnancia do ourives.

Rojo de Valderas, o pae de Ignez, fôra nomeado alcaide de Zarza, por Fernando VII, acclamado rei absoluto, em 1823, por numerosos caudilhos, que primeiramente salteadores de encruzilhada, fizeram depois a evolução politica sem offender a logica dos acontecimentos. Rojo de Valderas capitaneára desde 1820 até 1823 uma quadrilha de bandoleiros na Castella-Velha. Grangeára com audazes entreprezas, grosso cabedal. E, quando lhe cumpria garantir-se a segurança do adquirido encostando-se ao esteio da politica, acercou-se de Madrid, a tempo que Fernando VII ahi regressava tambem. Ainda assim, Valderas ia temeroso de que o repellissem; porém, quando viu á volta do rei caracteres da sua tempera, recobrou alentos e ergueu a sua voz patriota com a affoiteza dos grandes romanos invocados na hora do perigo. Os facinorosos que floreavam a espada em volta do throno, acolheram-no bizarramente, e deram-lhe a alcaidaria de Zarza, terra mui afastada do theatro das suas notorias proezas. (1)

---

(1) A lista d'estes chefes vem arrolada no periodico hespa-

Empregou o seu dinheiro em propriedades rusticas, para fazer de vez paragem e gosar-se socegadamente de uma velhice honrada. Queria ser tolerante para ganhar amigos que o protegessem se as instituições liberaes voltassem; humilhava-se a ponto de avisar secretamente os revolucionarios indigitados para a forca; aliviava quanto podia a oppressão dos encarcerados, e tudo isto fazia, tão ao invez da sua indole, para assegurar o futuro patrimonio de sua filha, que lhe era um castigo providencial. Aquelle sentidissimo amor de pae, custava-lhe muita baixeza, muitas amarguras, profundos sobresaltos e um continuo espedaçar-se a si mesmo nas febres mais rijas e doridas de sua pessima compleição.

Não obstante, a voz publica dizia baixinho quem tinha sido o seu alcaide. Em Badajoz havia homens que o tinham visto, cara a cara, á frente dos salteadores de Castella-Velha. As pessoas honestas esquivavam-se á sua intimidade, e nenhuma senhora trocava uma vista affectuosa com a filha do salteador.

Thereza de Jesus compadecera-se do isolamento de Ignez. Parecia-lhe injusto o desprezo votado á filha innocente dos delictos politicos do pae. Não

---

nhol, publicado em Londres em 1824, e intitulado *Ocios de Espanholes Emigrados*. A pag. 438, é assim compendiada a biographia de Rojo de Valderas: «*Capitan de una cuadrilla de vandoleros em Castella la Vieja, célebre por sus robos y muy temido por sus atrocidades de los passageros y de los pueblos.*» Não obstante este homem havia sido um distincto academico em Salamanca.

engraçava com elle; e uma vez disse ao marido:

— O alcaide faz-me horror; mas ainda assim não creio que elle tenha sido o malvado que dizem, porque tem á filha um amor immenso; e, se elle tivesse matado gente como dizem, é natural que alguem o matasse tambem.

— Nem todos os assassinos são castigados — observou Guilherme.— Alguns são nomeados alcaides pelo rei.

— A mim que se me dava d'isso, se elle matasse meu marido ou outra pessoa que eu amasse...

— Que fazias tu, Thereza?

— Matava-o — respondeu ella serenamente e quasi risonha.

— Eu não sabia que tinha casado com uma Judith! — murmurou Guilherme; ella, porém, que não conhecia o desastre de Holophernes, quiz saber a historia, e pediu encarecidamente ao esposo que lhe pintasse uma Judith. Fazia estranheza aquella mulher de cabeça ideal como um anjo de Murillo começando o seu curso de historia illustrada pelo estudo da heroina de Israel!

Desde 1826 até março de 1828, Ignez de Valderas frequentou a casa de Guilherme com assiduidade. O ourives não se arrependera de condescender. Procedia honestamente a filha do alcaide; e, nas suas intimidades com Thereza, deplorava que a paixão politica, e principalmente o amor ao throno e ao altar, arrastassem seu pobre pae a excessos que lhe ensanguentavam a reputação.

*
* *

O leitor está cançado de ler em livros nacionaes e estrangeiros aquelle funesto caso dos estudantes de Coimbra que, em 18 de março de 1828, no sitio do Cartaxinho, mataram dois lentes e feriram outros personagens do cabido que iam a Lisboa felicitar D. Miguel. Sabe que um dos tres ou quatro estudantes que poderam evadir-se á forca, se chamava Antonio Maria das Neves Carneiro, alumno do 2.º anno de mathematica. Se leu os *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, por Joaquim Martins de Carvalho, pôde ir no encalço do fugitivo até ao Paul, e seguil-o até ao Fundão, onde o medico Antonio das Neves, pae do homicida, exercia a sua profissão. Não sympathisa decerto com os vinte e cinco annos d'aquelle conjurado da sociedade dos «divodignos», porque lhe vê um punhal despontado nos ossos de dois velhos, e uma quantia grande de dinheiro que se presume roubada dos bahus dos lentes.

Este mancebo era um estudante dos melhormente conceituados por intelligencia e dos mais avançados do partido liberal. Em 1824, á volta dos vinte e um annos, é da roda de Manuel, e José da Silva Passos, de José Maria Grande, e dos mais notaveis propulsores da revolução. Já então foi riscado da Universidade, e readmittido pela amnistia de 5 de junho do mesmo anno. A sociedade dos «divodignos» era numerosa, e presidida por Francisco Ce-

sario Rodrigues Moacho, fallecido na Belgica em 1866, com o stygma que lhe fechou a porta da patria, e lhe denegriu a do tumulo, ao cabo de trinta e oito annos de voluntario desterro. Os treze estudantes ajuramentados na morte dos lentes eram os sorteadas. Um dos mais velhos era Antonio Maria das Neves; o mais novo era o filho do capitão-mór de Cintra, e contava dezoito annos.

Como quer que fosse, quando nove dos treze academicos eram enforcados, ás 4 horas da tarde, no Caes do Tojo, em 20 de junho, Antonio Maria das Neves Carneiro digeria socegadamente o seu jantar em Zarza, na sala do alcaide D. Rojo de Valderas, em companhia de seu pae, que o acompanhara para a Extremadura hespanhola.

Era Antonio Maria um esbelto homem, alto, de compleição delicada, algum tanto louro, rosto alvo, comprido e proeminente, olhos negros, serenos e brandos. Tinha o gesto soberano e a linguagem concisa e rapida do homem que se crê ou finge crer o heroe d'uma façanha que a tyrannia frustrou; mas que ahi fica cimentada ao meio da sociedade como o alicerce do edificio do futuro.

Como foi que este apostolo da liberdade de 93 achou um talher á meza do alcaide de Fernando VII? Seria a sympathia do sangue? Os dois lobos cervaes lambiam se mutuamente as manchas do sangue espadanado no dorso? Não. Quando os dois Neves Carneiros pae e filho, entraram em Zarza, o alcaide jazia enfermo e desesperava da cura. O medico apresentou-se como tal á filha de D. Rojo, foi recebido com jubilosas lagrimas, viu o doente, e...

salvou-o. Desde esse dia, o estudante homicida não escondeu o seu crime; coloriu-o, porém com os matizes da côr rubra do sangue que a historia faz gotejar na balança que peza a favor dos destinos da humanidade. D. Rojo deplorava-o, abraçando-o.

A cura do alcaide creou a reputação do medico. A clinica sobejava-lhe á decencia da vida. O filho pensava em recomeçar a sua carreira na Universidade de Salamanca. Entretanto, as esperanças no movimento militar de 16 de maio de 1828, retiveram-no ali, a legua e meia da raia, para, no caso de triumpho, se apresentar entre os adais da regeneração de Portugal.

Interromperam-se então as miudas visitas de Ignez a Thereza de Jesus. Não sobejava o tempo á hespanhola. Antonio Maria era como da familia. O alcaide não comia sem o seu medico salvador ao lado; e a filha correspondia ao fastio do pae, se o filho do medico não estava á meza.

Um dia, Ignez não concorreu ao jantar. O pae correu sobresaltado á alcova da filha e levou comsigo o medico. Acharam-na com os olhos spasmodicos, rangendo os dentes e recurvando os dedos: era um ataque hysterico. Uma hora antes, Antonio Maria tinha-lhe dito que a mulher mais formosa de Zarza era a portugueza casada com o ourives, e accrescentou:

— Em Portugal não ha tres mulheres tão lindas como ella.

Recobrou-se do ataque a ciosa menina, odiando Thereza de Jesus. Tinha vergonha d'este despeito infame; porém, vendo-se no espelho, achava-se me-

nos formosa que a portugueza; e então o odio reaccendia-se atiçado pelo amor.

A mulher de Guilherme espantava-se da ausencia de Ignez: não sabia que o filho do medico lhe roubára o coração da amiga; todavia, amarguras de outra especie a distrahiam d'esta supportavel falta.

*

* *

O artista, desde que o pae fallecera e simultaneamente as inquietações do ciume o preoccuparam, entrou de adoecer de febre lenta. Desde creança revelára symptomas de vida curta: os paes tiravam esse horoscopo da melancolia desnatural do menino; os medicos persagiaram-lhe a brevidade da vida pela configuração do tronco e pobreza de sangue. O lavor assiduo do buril e da pallêta contribuiram a deteriorar-lhe os orgãos da respiração e a deprimir-lhe os pulmões pela curvatura sobre os instrumentos da gravura.

Em 1828, quando o medico Antonio Maria das Neves adquiriu renome, Guilherme Nogueira foi obrigado pela esposa a consultal-o.

— Se tenho de morrer, disse elle, da molestia que matou minha mãe, escusado é illudir-me com as illusões da medicina e as drogas da pharmacia; porém, se tu te queres illudir, minha amiga, consulte-se o doutor milagroso.

O medico examinou o enfermo, e aconselhou-lhe o clima da Madeira. Guilherme sorriu-se, e disse á esposa:

— A unica madeira aproveitavel nos enfermos da minha especie são as quatro tabuas com que se faz o caixão.

Thereza lançou-se a chorar nos braços d'elle, porque tinha lido nos olhos do medico a sentença de morte. Foi a primeira vez que o marido lhe viu lagrimas.

— Ainda bem—disse elle, sorrindo—que é esta a primeira vez que te vejo chorar! Tres vezes senti lagrimas no meu rosto: as de minha mãe, quando se despediu de mim; as de meu pae, quando ha seis annos adivinhou que eu me despedia d'elle; e agora as tuas que... Mas não chores, Thereza! Olha que a vida não vale a pena... Eu, se te visse morrer adiante de mim, sahia do mundo mais contente com a certeza do teu destino... Que fazes, se eu morrer?

— Por Christo! — exclamou ella — não me digas que morres... Se me tu faltas, suicido-me!

— Não te suicidarás, não, Thereza. Irás para tua mãe; teu pae, que é um desgraçado que se atolou em vicios, ha de regenerar-se quando tu pozeres as tuas mãos puras sobre as suas cans deshonradas. Agruparás em redor de ti a tua antiga familia, e eu serei no meio de vós uma saudade para ti, e um delinquente perdoavel para teus paes. Se fizeres isto depois da minha morte, agouro-te dias serenos: mas, se uma visão infernal que ás vezes me fulgura na escuridão das minhas noites, não é um delirio de febre, ai! minha querida Thereza, tu não terás seio tamanho como o calix de amargura que te está esperando...

— Que imaginação a tua, meu Deus! — clamou ella pondo as mãos.— Como te veio isso ao espirito, Guilherme?

— Poderei eu dizer-t'o? A febre, a febre que devora o corpo, e deixa a alma livremente avisinhar-se do mundo dos espiritos. Não faças caso das visões do teu pobre Guilherme. Sê virtuosa; não precisas d'outro escudo contra o calix amargo das minhas chimeras.

*

* *

A consumpção era lenta, e, a intervallos, victoriosamente combatida pelo medico, que se interessava pelo amoravel artista e pelas supplicantes lagrimas de Thereza. Passava o doutor longas horas no *atelier* de Guilherme, conversando de cousas de Portugal. Apresentou-lhe o filho academico, como um dos treze martyres devotados á redempção de Portugal. O artista encarou o aspeito sadio do estudante, e não se convenceu do martyrio d'aquelle sugeito; e, como tivesse diante de si a sentença proferida pela Relação de Lisboa contra os nove moços enforcados, disse a Antonio Maria das Neves:

— Estes seus amigos suppliciados não morreram como martyres, porque todos se desculpam com a influencia de V. S.ª Parece que nenhum d'elles quiz morrer com a gloria pessoal da façanha. Não eram assim os Scevolas e os Catões dos antigos tempos. Eu já não verei a arvore da liberdade cobrir piedosa os ossos de taes martyres em Portugal; mas, se

ella um dia alli medrar, V. S.as verão que os liberaes hão de repellir de si os que sobreviveram á desgraça da tentativa dos seus companheiros.

E, como o academico franzisse a testa á affoiteza do artista, Cuilherme proseguiu:

— V. S.a acha duro e indelicado talvez que um pobre ourives se intrometta com geitos de propheta em uma questão que tão de perto lhe toca: mas eu, querendo recompensar em V. S.a a caridade com que seu pae me tem tratado, vou dar-lhe um conselho. Afaste-se de tão perto das fronteiras de Portugal; não se fie na protecção do alcaide de Zarza: porque no dia em que D. Miguel exija de Fernando VII a entrega de um estudante condemnado á morte como os seus sete companheiros, o alcaide de Fernando VII trocará o filho de seu medico pela sua alcaidaria.

— E' injusto, sr. Guilherme — atalhou o medico.

— Injustissimo — accrescentou o estudante.

— Devo dizer-lhe tudo — proseguiu o doutor — para lhe desvanecer o preconceito em que está acerca de D. Rojo de Valderas. Meu filho vae ser brevemente esposo de D. Ignez. Foi o proprio alcaide que me fez a proposta. Já vê que ninguem quereria para genro um mancebo exposto a ser entregue ao carrasco por seu proprio sogro. Meu filho tenciona casar, passados alguns mezes, e não o faz já, porque se suspeitam movimentos graves em Portugal, e a sua presença ha de ser alli precisa. Logo, porém, que case, irão os noivos para Salamanca, onde meu filho vae formar-se em medicina: é esta a condição que lhe põe o sogro, por querer

por força ter um medico permanente ao seu lado. Mudou de opinião?

— Se v. s.ª quer, mudarei de opinião; mas nem assim considero seu filho salvo em Hespanha. Melhor seria casarem-se já, e passarem-se para a França ou para a Belgica. Quando o alcaide fosse um honrado sogro, não teria tanto valor em Castella, como tinha em Portugal o pae do enforcado, Domingos Joaquim dos Reis, que era afilhado da infanta D. Isabel Maria. Parece-me que vv. s.as se comprazem em ouvir referver a lava da cratera que tem debaixo dos pés!

*

* *

— Este homem é um visionario! — disse o doutor ao filho. — Estas doenças tem d'aquellas crises; e muitos dos antigos prophetas, supponho eu, que eram uns enfermos em que o fluido nervoso preponderava sobre os outros fluidos.

— O que elle me parece é tôlo, e pretencioso — modificou Antonio Maria das Neves com o tom desdenhoso de academico, conversando no *O* da Ponte de Coimbra.

No inverno de 1829, Guilherme Nogueira peorou, e sentiu ardentes desejos de ir morrer a Guimarães. Dizia-lhe o tio conego que fosse, porque Joaquim Pereira havia fallecido no Porto, de uma congestão cerebral, em resultado da embriaguez de genebra. A viuva escreveu tambem a Thereza, rogando-lhe que fossem para a sua companhia, que ella os rece-

beria como filhos, e que não se importassem com riquezas, porque ella tinha que farte para os tres, apesar das extravagancias do marido, Deus lhe perdôe — accrescentou ella, não sabemos se *pró fórma*, se por caridade christã.

Preparava alegremente a bagagem Thereza de Jesus, quando o medico lhe disse que o marido não chegaria vivo a Guimarães.

— A senhora — accrescentou elle — vae ver-se em grandes angustias com a agonia de seu esposo, em uma pessima estalagem, se, peor ainda, não tiver de receber um cadaver nos braços, no descampado de uma estrada. Illuda seu marido por mais alguns dias, que eu apenas lhe vaticino tres de vida.

Guilherme não desistia de partir, e ella sentia-se sem forças para o contrariar.

O carinho com que elle encaixotava os seus desenhos, os seus modêlos e as suas gravuras! Quando impapellava, extenuado e tremulo, a gravura de Bartolozzi — *Cupid making his bow* — disse elle a Thereza, mostrando-lh'a:

— Lembras-te, filha, quando a tua pobre mãe teimava que este cupido era um menino Jesus, trabalhando de carpinteiro, com dois anjos aos pés?

Thereza chorava.

— Choras? e eu cuidei que te faria sorrir com esta recordação! Que dia aquelle! que dia, e que momento quando tu colheste a florinha da minha jarra! Se bem reparo em ti, és linda como então. Nem nos meus olhos, nem na minha alma, perdeste a menor das tuas bellezas, depois de sete annos! Que singularidade! Parece-me que te adoro hoje

mais do que nunca! E' o coração que te foge, e por isso te ama com mais soffreguidão... será?

— Tu não has de morrer, Guilherme, pois não? — exclamava ella, pondo as mãos.

— Outra singularidade! — disse elle — Parece que hoje me amas mais do que nunca!

— Oh! filho!...

— Isso é natural, Thereza! Assim como eu me sinto a amar-te mais, é bem de crêr que tu, quando me vês, e pensas que d'aqui a pouco nem uma sombra, sequer...

Guilherme sentou-se, tomou o rosto entre as mãos e soluçou largo espaço, arquejando e tossindo violentamente. Ella ajoelhou-se, aconchegada dos joelhos d'elle, cingiu-o pelo peito, e exclamou traspassada de angustia:

— Não chores assim, Guilherme!

Elle fitou-a com a vista desvairada. Pegou-lhe da cabeça entre as mãos, baixou a sua para lhe beijar os labios; ainda lh'os rossou na fronte, e murmurou:

— Estou mal... Vê se me encostas... Chama o medico...

Era o terceiro dia prognosticado pelo doutor Antonio Maria.

Ella transportou-o para um canapé. Veiu o medico, e deu-lhe uma poção reanimadora. Defronte d'este canapé estava o primeiro retrato que elle fizera de Thereza. Fitava-o com a fixidez de olhar que sente nevoar-se-lhe a luz, e murmurava com vozes entrecortadas:

— Olha, Thereza, nasceu-me o coração quando

fazia aquelle retrato, e sempre pensei que havia de morrer a vêl-o...

D'este momento em diante o seu estado era quasi suave. A respiração era alta, mas sem agonias.

.....

Morreu no dia predicto, e á hora vaticinada pelo doutor do Fundão.

Era um grande medico aquelle! Estava tão relacionado com a morte, que sabia, de antemão e pontualmente, quando ella chegava!

FIM DA SEGUNDA PARTE

XII

A VIUVA DO ENFORCADO

A VIUVA DO ENFORCADO

TERCEIRA PARTE

O desamparo de Thereza seria mais afflictivo, se o medico não providenciasse com zêlo paternal na situação da viuva em terra estrangeira. Ignez visitou-a, quando o cadaver de Guilherme estava sobre terra; e sentiu desopprimir-se-lhe a alma logo que Thereza lhe disse que tencionava ir para a companhia de sua mãe. A filha do alcaide presentia que a presença d'aquella mulher fascinadora seria sempre uma ameaça á sua felicidade: pois que Antonio Maria das Neves, a proposito da doença do ourives, tinha sempre uma allusão que fazer á gentileza da sua patricia. Desde que a viuva, com um enfastiado tregeito, lhe deu a certeza de se retirar para Portugal, Ignez arrependeu-se de a ter tratado tão desamoravelmente; e, querendo explicar com futeis pretextos a longa separação e quebra apparente

da antiga amisade, a portugueza interrompeu-a com uma sobranceria ainda mais offensiva que estas palavras:

— A senhora quiz justificar as damas de Zarza que a não querem conhecer.

N'esta impetuosa rudeza havia idéas do defunto Joaquim Pereira retemperadas com melhor linguagem, por que o idioma Castelhano, em que Thereza fulminou a apaixonada do academico, é muito sonoro e adequado á ironia e ao sarcasmo.

A hespanholha não replicou á affronta desfechada na presença do medico. Não lhe faltaria eloquencia; mas temia que o pae do promettido esposo, averiguando a causa do menos preço havido com Ignez, remontasse as suas pesquizas até ás encruzilhadas em que Rojo de Valderas, á frente dos seus *vandoleros*, comprimentava de trabuco e *navaja* os viandantes.

O primeiro impedimento á sahida de Thereza de Jesus foi a enfermidade. O doutor achou-a febril, e prohibiu-lhe sahir do leito. Ella mostrou-se alegre, porque desejava morrer: dizia-o estendendo os braços com arrebatamento para o retrato de Guilherme. Depois, a febre remittiu; ficou pallida, fraca, e sentava-se a chorar, a cada instante, porque via o esposo em tudo que lhe suggeria uma recordação. Passada esta crise, outro motivo lhe estorvou a sahida: era a ourivezaria, cujo valor merecia attenção. Concorreram a propor-lhe a compra alguns ourives de Alcantara; mas a transacção era morosa. Quiz a viuva delegar poderes no doutor que tão paternalmente lhe zelava a saude e os in-

teresses; mas Antnoio das Neves desculpou-se com a sua ignorancia de taes negocios.

N'este intervallo, o apalavrado esposo de Ignez acompanhou uma vez o pae para o ajudar ao arrolamento dos artigos vendaveis. Thereza vira este homem um dia, e dissera ao marido: «E' penna se o prendem! Que rapaz tão bem feito!» Franca e sincera! Ora, como Guilherme não era zambro nem corcunda, a franqueza da esposa não lhe motivára ciumes. O que faz arder o peito de um marido que tem as plantas alcantiladas de joanetes é gabar-lhe a mulher os pés pequenos de outro sujeito.

A visita inesperada do estudante perturbou-a. Parecia-lhe que o fital-o com a simples attenção da civilidade seria manchar o seu lucto cerrado. Estava inquieta: accusava-se de ingratidão ao esposo, por que a presença d'aquelle rapaz lhe não era repugnante; pelo contrario, como a sua tristeza era tamanha, a intervenção de uma pessoa agradavel n'aquella soledade, até certo ponto, ser-lhe-hia salutar como distracção.

Caetana, a estupida Caetana, era a sua companhia unica. Tinha engordado muito a creada, e perdera o sestro de amar a força armada. Embirrava com gallegos, dizia ella, desdenhando dos hespanhoes de Zarza, e manteve-se sempre honesta e patriota. Pensava ainda no ultimo anspeçada e calculava encontral-o já furriel, quando voltasse para Guimarães, e amal-o outra vez.

Por isso, Caetana apressava-se a enfardelar as coisas para a viagem, e mostrava n'estes arranjos umas alegrias brutaes que irritavam a ama, principal-

mente se a palerma lhe dizia que a senhora ainda tornava a casar, porque estava cada vez mais fera. Esta especie de fereza no Minho é synonimo de formosura. A viuva exasperava-se; alcunhava-a de epithetos benemeritos da sua bestialidade e mandava-a para a cosinha. Portanto, algumas pessoas que a distrahissem não seriam de mais na sua solitaria viuvez.

Era justo. A maioria das viuvas tem as suas parentas e amigas a rodearem-as nas horas lugubres em que sôa o dobre por um marido mais ou menos amado; essas mesmas, posto que tenham um regaço de amiga onde chorem e os braços d'outra onde desmaiem, dizem-se *inconsolaveis*, e os jornaes repetem isto ultrajando um adjectivo, triste como a morte, que só devia escrever-se nas lapides sepulcraes, quando as mulheres se suicidam como a viuva do illustre professor Rego, ou morrem ao cabo da agonia de vinte dias como a viuva do grande poeta Guilherme Braga?

Ora, cumpre saber que Thereza de Jesus achou-se sósinha com Caetana, que gritou até adormecer com a cabeça entre os joelhos. Depois, veio o medico, movido pela compaixão do abandono em que ficára a sua patricia, sobejando-lhe aliás bens de fortuna para attrahir a si o concurso das pessoas que sabem os tres logares-communs da situação. Depois, veio tambem o estudante, com o seu semblante condolente, e umas palavras bem penteadas, como diz o padre Manuel Bernardes, cheias de resignação com a fatalidade da morte, e de censuras á cruel providencia que arrancava um esposo ama-

do, na flor dos annos, aos braços de um anjo que elle decerto adorava. Estas e outras phrases procedentes de Coimbra, onde Antonio Maria das Neves Carneiro conhecêra os grandes lapidarios da palavra, Castilho e Garrett, soavam docemente e docemente lhe tiravam do coração umas lagrimas com que ella se sentia melhorar como os pletoricos com a sangria. Chorar é sempre bom n'estes casos; e quando as lagrimas são provocadas por uns threnos sentimentaes que affagam e acariciam a dôr da viuva, é contar que a referida viuva agradece a justiça que lhe fazem, e acha-se bem na presença da pessoa que lhe sabe vibrar as finas cordas do sentimento.

E Antonio das Neves sabia, sorque, além de intelligente, estava apaixonado.

Aquillo é que era uma organisação excepcional d'homem! Os seus amigos, companheiros das lides escolares, socios das alegres cavalgatas, cumplices na hedionda carnificina do Cartaxinho, passavam das masmorras da Universidade para as enxovias do Limoeiro e d'ahi para o patibulo. E elle, no entanto, namorava publicamente a filha do alcaide, amava secretamente a esposa do ourives; talvez tivesse coração, vagar e pachorra para se andar de amores com uma terceira creatura, e ainda lhe sobrava tempo e espirito para pensar nas liberdades patrias, e no galardão que lhe cabia, se Portugal se emancipasse.

E' natural que sua mãe lhe fizesse saber que a tropa e os esbirros assaltaram a casa no Fundão: é de suppôr que elle visse a sentença dos seus cum-

plices que o responsabilisavam como um dos tres mais carniceiros esfaqueadores dos lentes; devia de julgar-se enforcado apenas o agarrassem; devia temer que o governo hespanhol absolutista o internasse e o pozesse nas mãos da justiça; devia, sobretudo, temer a Providencia. Pois nada! Namorava, tocava flauta, e esmerava-se no alinho dos seus cabellos loiros e na elegancia dos seus colletes amarellos e fardêtas á caçador, trajo seu predilecto, de que usava no dia da execranda embuscada. E tinha vinte e quatro annos, era um talento, no dizer dos seus contemporaneos, um rapaz de uma gravidade exemplar em Coimbra, — me dizia, ha cinco annos, um dos seus companheiros de casa!

*

* *

Os concorrentes á compra da ourivesaria, sabendo que a viuva não tinha protectores entendidos no negocio, e desejava retirar-se depressa, mancommonaram-se para lh'a comprarem ao desbarato. O medico, examinando a escripturação de Luiz Nogueira e do filho, conheceu a velhacaria dos ourives hespanhoes, e aconselhou a viuva a não sacrificar alguns mil cruzados sem absoluta necessidade.

— Se vae para Portugal — ajuntou elle — por que sua mãe a chama, diga a sr.ª D. Thereza a sua mãe que venha para Zarza, e continue a sustentar o negocio, até poder liquidal-o com vantagem. Em quanto eu estiver exilado, conte a senhora com a

minha assistencia, e considere-me seu pae, assim como eu a tenho tratado como filha; e, se eu algum dia voltar á patria com o meu infeliz Antonio, então lhe pedirei que vá comnosco, e adopte como suas irmãs as minhas filhas.

Estas palavras do velho impressionaram Thereza tão agradavelmente que a moveram a não vender o estabelecimento. O academico achava-se presente a esta subita deliberação, que elle agradeceu com um sorriso e quebranto de olhos mais expressivos que a melhor carta do *Secretario dos amantes*. Ella percebeu a methaphysica d'aquelles tregeitos, e córou.

Depois, estando deitada, a scismar no mysterio do sorriso e do olhar amoroso, deu de rosto com os olhos do retrato do defuncto cravados n'ella, e escondeu a face no lençol. Teve medo, pejo e remorso.

No dia seguinte, mudou de quarto, de mobilia, e de coisas que podessem assustal-a.

Escreveu á mãe, pedindo-lhe que fosse para a sua companhia. A sr.ª Feliciana respondeu que estava muito pesada, que tinha abafações e que lhe inchavam os tornozelos nas luas novas; e por isso não podia fazer viagem lá para cascos de rolhas, *no fim* do mundo. Dizia-lhe que se fosse ella para Guimarães, que lhe não faltava que comer e de beber; emfim acabava por accusal-a de filha ingrata, que não tinha amor á mãe nem á sua terra.

Caetana, quando soube que a ama positivamente ficava com os gallegos, pediu que lhe fizesse contas. Thereza entregou-lhe as suas soldadas e fez-

lhe presente de uns brincos ou cabaças de filagrana de ouro como lembrança dos serviços que lhe devia. A' vista das cabaças, Caetana sensibilisou-se, e chorou tão compungida como se lhe batessem; por fim, abraçou-se na ama, soluçando que nunca a deixaria em quanto o mundo fosse mundo. N'aquelle tempo ainda havia creadas dignas.

Continuou, pois, Thereza de Jesus a negociar, passados alguns dias appareceu no balcão; os freguezes voltaram em barda, e os mais gafados de domjuanismo diziam-lhe amabilidades. Uma vez, Antonio Maria, o academico, estava na loja, e ouvira uma d'essas finezas derretida por um fidalgote da terra. Fitou-o com os olhos fulgurantes de coriscos, e empallideceu silencioso. O cavalheiro sahiu, e o academico, com proposito máo ou casualmente, ia sahir tambem, quando Thereza lhe perguntou se estava incommodado.

Elle parou, contemplou-a, os coriscos dos olhos apagaram-se nas lagrimas, demudou-se-lhe todo o semblante na maviosa ternura da supplica.

— Não responde, sr. Antonio Maria? — tornou ella.

— Respondi — disse elle — Não vê que eu choro?

Ella abaixou os olhos. Estavam feitas as reciprocas declarações com uma pureza rara de gestos e palavras. A lingua portugueza é a melhor das 3064 linguas e dos dialectos conhecidos, — se Frederico Adelung contou bem — para exprimir honestamente coisas que nem sempre occultam a pureza das 11:000 virgens. N'este sentido, o nosso idioma pode comparar-se ao hebraico que se chamava

sancto, porque era limpo de palavras frescas e exprimia sanctamente as frescuras de Salomão e Izechiel.

*

* *

O caso é que Thereza de Jesus nunca mais desceu á loja; e caso ainda mais assombroso é que o estudante escassas vezes ia a casa do alcaide, e, n'essas raras visitas, revelava o sacrificio que fazia ao pai, cuja dependencia de D. Rojo de Valderas o trazia desassocegado de receios.

Thereza amava-o ardentemente. Aquelle rapaz era, com effeito, o que devêra ter sido o artista de Guimarães para que as duas almas se identificassem. Antonio Maria era arrojado nas aspirações e invejava a morte d'uns heroes revolucionarios, cuja historia contava á viuva enthusiasta. Dramatisava coisas insignificantes com attitudes tragicas. Declamava com o timbre metalico de pulmões que se ensaiavam para o fôlego comprido das pugnas parlamentares. Sabia o gesto e a palavra atroadora de Demouslin e Mirabeau. Era um homem antipoda do defuncto Guilherme. Não tinha scismas, arrôbos, nem enlevos pelo azul dos ceus além. O seu amor manifestava-se em convulsões assustadoras, e ás vezes ajoelhava-se aos pés de Thereza com a humildade de uma criança, e não ousava beijar-lhe a barra do vestido. Se lhe apertava, porém, a mão, os seus dedos fincavam-se como garra do açôr, e o sangue latejava-lhe nas phalanges. Dizia que tinha vontade de afogal-a nas suas lagrimas, e morrer.

Chamava-lhe a sua redemptora, por que já não pensava em estrangular os tyrannos da patria, desde que todo o seu futuro estava no amor ou no desprezo da unica dominadora do seu orgulho. Se Thereza um dia lhe desse o seu destino, queria ir com ella para a America ingleza, para o coração do mundo onde pulsa a liberdade humana. Se lá a não encontrassem, iriam procural-a no deserto; á sombra de uma palmeira fariam uma cabana, e no seio de um areal cavariam a sepultura de ambos. Este homem tinha lido as melhores asneiras de 1829; a *Adrianna de Brianville*, e *Amelia ou os effeitos da sensibilidade;* e conhecia *Atalá*, traduzido em 1820, e as *Aventuras do ultimo abencerragem*, em 1828. Possuia litteratura bastante para levar a peçonha dos romances ao serralho de Mahmoud II.

*

* *

Entretanto, o alcaide assistia, com o coração atravessado de receios, ao definhamento de Ignez. Ella não lhe confessava a ingratidão do academico, porque sabia que o infeliz seria castigado severamente. Conhecia a indole do pai: tinha-lhe ouvido dizer: «Antonio Maria, se aqui estivesse outro alcaide, já o carrasco o tinha cavalleado». D. Rojo de Valderas estava, não obstante, sobejamente informado. Sabia que o academico visitava todos os dias a viuva; e lá jantava algumas vezes com o medico; uma creada sua sabia, por lh'o dizer Caetana, que Thereza andava alegre, e aliviara um

pouco o lucto ao fim de dois mezes, desafogando o vestido, e cobrindo ou descobrindo os hombros com escumilhas pretas. Accrescentava Caetana:

— A minha ama está alli está casada com o homem. Já não falla no outro defuncto que Deus tem. A cada canto havia um painel com a cara d'elle, Deus lhe falle n'alma; e ella metteu-os todos n'um gavetão. Anda toda arrebitada, não faz idéa! O espelho não ganha pó. Ai! — suspirava e dizia apontando para o ceo — se o defuncto visse o que por cá vai!... Pobre de quem morre!

O alcaide sabia isto, e recommendava á creada que o não contasse á menina; Ignez escusava que lh'o dissessem: o seu amor, acendrado no fogo da paixão e do ciume, adivinhava tudo.

Por fim, disse ao pai que a levasse algum tempo para Madrid, porque precisava de se distrahair. O alcaide abraçou alegremente o desejo: elle queria tiral-a de Zarza sem lhe declarar o motivo: mas, n'um impeto de rancor, reparando no abatimento de Ignez, exclamou:

— Serás vingada!

— Peço-lhe que não me vingue pediu ella — Se o pae quer que eu viva, não me faça ter pena de ninguem. Eu antes quero sentir odio que compaixão.

Elle rugiu um rugido interior como um urso amordaçado, e não respondeu.

O medico achou um dia fechada a porta da casa do alcaide, disseram-lhe que D. Rojo de Valderas fôra acompanhar a menina a Madrid. O velho estremeceu e disss ao filho:

— Estamos perdidos, Antonio! O alcaide desem-

baraçou-se da filha que lhe atava as mãos, porque te amava. Fujamos de Hespanha se queres viver.

— Eu não fujo! — disse Antonio Maria — Se para viver é preciso deixar Thereza, antes quero a morte.

O pobre pae arrepelou-se, bramiu e amaldiçoou a hora do seu nascimento.

Algumas pessoas da sua amisade aconselharam-no que se mudasse para outra provincia, ou passasse á França, porque o Valderas, para vingar a filha, que o regenerara, tornar-se-hia feroz como tinha sido. Toda a gente limpa de Zarza sabia que o estudante era um dos assassinos dos lentes. Os liberaes comprehendiam o crime na indulgente área dos delictos politicos, e os absolutistas, por amor do medico, pae extremoso d'aquelle infeliz, se o não acolhiam, tambem não o delatavam. Em Hespanha as mãos tingidas de sangue de homem ou de touro nunca horrorisaram ninguem. Ali o sangue humano e o chocolate são dois artigos nacionaes. O matar é um idiotismo na moral hespanhola, assim como na grammatica de cada lingua ha umas aberrações que se chamam tambem idiotismos. Por tanto, Antonio Maria, com o patrocinio do alcaide, poderia talvez, excluido Deus da comedia humana, viver socegadamente em Hespanha, se a consciencia o não inquietava.

Thereza de Jesus recebera uma carta anonyma em hespanhol ao outro dia da retirada de Ignez. Uma pessoa que mal a conhecia — dizia a carta — lhe vaticinava a morte do marido ás mãos do verdugo, se ella casasse com elle. E accrescentava: «Se vossa mercê o ama, como elle era amado por

outra, faça em beneficio d'elle o que a outra fez; fuja de Zarza para Portugal; não o sacrifique ao seu amor, porque esse desgraçado, se tiver um inimigo poderoso em Hespanha, passará dos seus braços para os do corrasco.»

Denunciara-se o coração de Ignez, se a não denunciasse a lettra mal disfarçada.

Thereza tragou um grande calix, teve previsões horrendas, experimentou a dôr que atormenta sem desafogo. Fugiria talvez, se o amor lhe não figurasse diante a artificiosa Ignez, armando-lhe uma insidia encapotada em generosidade; mas quer fosse traição, que fosse uma renuncia nobre a favor da vida ameaçada do homem que ambas amavam, não se lhe despintava do espirito a prizão e o supplicio de Antonio Maria.

Ao mesmo tempo, quando ella se atirava sobre a cama, em anciado pranto, entrava o medico, pallido, alvoroçado, dizendo que considerava seu filho pereido, se não fugisse immediatamente para França. Contou as suas apprehensões, viu a carta anonyma que as confirmava, e implorou a Thereza que affastasse de si o desditoso moço que estava sentenciado á forca.

— Pois, sim — disse ella, enxugando as lagrimas — iremos todos para França.

— Sim! — exclamou o velho — Vae comnosco, D. Therez?!

— Estou viuva ha tres mezes; esperava que passasse um anno para casar com seu filho; essim lh'o prometti; casarei já, e iremos

*

* *

Ignez vivera muito na intimidade da mulher do ourives; sabia as miudezas da sua historia amorosa; conhecia de longe a viuva do surrador e o conego Araujo. Antes de se affastar de Antonio Maria e de avisar Thereza, escrevera em pseudonimo ao conego relatando-lhe que a viuva de seu sobrinho, apenas o marido expirara, sem dignidade nem pudor, provocara o galanteio de um portuguez residente em Zarza; depois esclarecia-o a respeito da qualidade do expatriado, fallava-lhe na forca, na infamia da amante ou da viuva d'um enforcado, e concluia pedindo ao tio de Guilherme Nogueira que affastasse a viuva de seu sobrinho de Zarza, porque era ella a responsavel do supplicio do homem que fascinara com a sua deshonrada belleza. A pobre sr.ª Feliciana tambem recebeu carta menos floreada e sentimental, mas bastante cruel para lhe aggravar a gota e tolher-lhe de todo as articulações dos joelhos. Mandou chamar o conego, e mostrou-lhe a carta, pedindo-lhe a gritos que mandasse os beleguins á custa d'ella prender a filha. Esta boa matrona tinha confiança na justiça de Guimarães até além das fronteiras.

O conego Norberto de Araujo em 1829 estava realista esturrado. Convertera-se ás côrtes de Lamego, por que os constitucionaes lhe não deram uma conezia de Braga; e estava agora esperando que o conde de Basto lh'a desse, em galardão de

elle ter assignado em Guimarães o auto da acclamação de D. Miguel, rei absoluto. Se o desastre da matança dos membros da deputação se desse em 1822, o conego Araujo talvez dissesse que a arvore da liberdade medrava com o sangue; mas, o crime dos estudantes em 1828 classificou-o acima de todas as barbaridades, e achou que a pena da forca não correspondia ao delicto, por que as leis antigas tinham o esquartejar a repellões de cavallos e o estirpar o coração pelas costas. Tudo isto por causa d'uma murça, d'uns 3:000 cruzados, e d'umas meias escarlates na sé bracharense.

Horrorisou-o, pois, a prespectiva da viuva de seu sobrinho casada com um dos faccinorosos que ajudara a fazer vinte e duas feridas, como reza a sentença, na nádega esquerda do seu amigo o deão de Coimbra, Antonio de Brito; e deplorava que os doze mil cruzados de seu irmão Pedro, cujo herdeiro fôra Guilherme, passassem ás mãos d'um assassino, d'um sanguinario foragido da forca.

Na febre da sua indignação, metteu-se em uma liteira do Gaitas, e foi para a Extremadura hespanhola, disposto a trazer a viuva, e a fazer agarrar, se podesse, o criminoso.

Quando Thereza ouviu parar a tropeada de uma cavalgadura á porta, e viu o conego a desapertar os colchetes de um capote de seis cabeções para se descavalgar do macho, recuou aterrada, e disse a Antonio Maria, que estava na sala:

— Esconde-te n'aquella alcova, que ahi está o tio conego!

Este lance occorreu no dia immediato áquelle

em que Thereza resolvêra casar para seguir o marido a França.

Caetana descera ao pateo quando o arrieiro aldrabou na porta. O conego perguntou-lhe pela ama. Ora, a creada, que não tinha sido advertida por falta de tempo, respondeu:

— A sr.ª D. Therezinha está na sala com o sr. estudante portuguez.

O padre esbugalhou os olhos como se quizesse inundar Caetana de fluido magnetico. Metteu-lhe medo; porque ao mesmo tempo assoprou dois bafos de estalo que pareciam o estoirar de duas castanhas no borralho.

— Hui! — murmurou ella, fazendo pé atraz — V. S.ª a modo que não vem bom! Sume-te!

O conego voltou-se para o arrieiro de Idanha a Nova, e perguntou-lhe se havia estalagem em Zarza.

N'este momento, Thereza assomou no patamal da escada, e disse:

— O meu tio conego pergunta por estalagem estando em sua casa?

— Pergunto — respondeu elle, acenando tres vezes a cabeça armada do chapéo triangular — Pergunto onde poderei repousar decentemente uma noute; e a sr. Thereza de Jesus Pereira, quando achar que a sua casa não cheira a sangue de salteadores, terá o cuidado de me mandar chamar, que eu preciso ouvil-a.

— Que quer isso dizer? — acudiu ella, descendo ao pateo—sangue de salteadores! Explique-se, senhor conego.

— E' verdade, explique-se — repetiu a voz de

Antonio Maria, o dramatico, que vinha descendo placidamente as escadas.

O padre tinha cincoenta e oito annos; andava bem alimentado; as suas mãos eram grandes, escarlates, e sobre o dorso de cada dedo tinha um espinhaço de cabellos rijos como as cerdas de um javalí. Tinha sido um prodigo de pancadaria, quando se ordenava. Batera-se com os francezes em Carvalho d'Este, e disse missa por alma de alguns que matara, quando duvidou da legitimidade da sua missão de sacerdote do mansissimo Jesus, e de ajudante de ordens do bispo do Porto, que mandava matar os parlamentarios de Soult e os jacobinos portuguezes. Depois, ao declinar da vida, uma vez por outra, sahia do seu serio, e esbofeteava os seus collegas da collegiada, umas vezes por causa de contas, outras por politica; batia alternadamente, em 1820 nos realistas, em 1829 nos liberaes. Como quer que fosse, viu o estudante a descer as escadas com uns ares tragicos, e não lhe ganhou sombra de mêdo.

— Que é o que querem que eu lhes explique? — perguntou o conego — Ao senhor — ajunctou elle dirigindo-se a Antonio Maria — tenho a dizer-lhe que esta mulher foi casada com meu sobrinho, um moço honrado que por amor d'ella se expatriou, que morreu ha menos de quatro mezes, e não póde ainda estar desfeito debaixo da pedra. Vim aqui chamado pela noticia da deshonra d'esta viuva, que chegou até Guimarães, e foi assentar-se ao pé do leito de uma velha enferma, que é mãe d'esta mulher. As explicações que tenho a dar ao senhor es-

tudante estão dadas. Ora agora, á sr.ª Thereza, viuva de Guilherme Nogueira, venho dizer-lhe da parte de sua mãe, que aquelle senhor, que me interrogou ha pouco tão altivamente como as pessoas honestas interrogam os calumniadores, é um dos tão ferozes quanto covardes assassinos e salteadores que maneataram dois lentes, dois padres, e duas creanças para matarem uns e annavalharem os outros. [1]

Antonio Maria das Neves não se arremeçou contra o conego, como o leitor fantasista esperava, suppondo essa arremettida o mais dramatico desfecho. Seria tambem o mais inverosimil, se eu subscrevesse a isso por amor da arte. E' de saber que os infames tem os seus momentos de convicção, de consciencia, e de queda sob o pezo esmagador de si proprios. Ainda mesmo os scelerados, que deram prova de valentia, e se avançaram contra um grupo de homens, estacam frios de terror, se as sombras da noite lhes avultam um fantasma. O fantasma do homicida do Cartaxinho, aqui, era o conego. Não direi que o socio dos «divodignos» temesse materialmente o velho; mas tambem não affirmo que não; o certo é que Antonio Maria quedou-se estupefacto e maneatado a encarar aquelle

---

[1] Uma das creanças de então ainda hoje vive e reside em Lisboa: é o sr. Manuel Falcão Cotta e Menezes, um dos sobrinhos que acompanharam seu tio o conego Pedro Falcão, que sobreviveu a dois ferimentos no peito, a dezesete buracos de chumbo na cara, e algumas punhaladas na espadua direita.

homem como um réo confesso fita o juiz que lhe lavrou a sentença de morte.

Quem não succumbiu foi a filha de Joaquim Pereira. A mulher, quando ama, tem heroismos e abnegações de que o homem — o ser mais egoista do reino animal — é incapaz. Acabava o conego de expectorar a objurgatoria, quando Thereza de Jesus, com um sorriso iriçado de crispações colericas, cruzou os braços com um geito herdado da mãe, e disse:

— Faltou-lhe accrescentar, sr. conego, que este senhor, além de tudo isso que o senhor disse, é... ou vae ser, meu marido.

— Sim?! — accudiu o padre — Que novidade me dá!... Quem devia de ser mulher d'elle senão a sr.ª Thereza?! Cá vou dar essa boa nova a sua mãe. Seu pae teve a felicidade de morrer embriagado, antes d'este caso. Salvou-se a tempo. — E voltando-se para o arrieiro: — Conduza-me a estalagem: preciso comer; que isto não vae a matar.

O arrieiro levou o macho á redea; o conego ia limpando as camarinhas de suor, e olhando de esconso sobre o hombro direito. Parece que não tinha a maior confiança na lealdade cavalheiresca do sujeito que ajudara a fazer os 22 buracos na nadega esquerda do seu amigo deão da Sé de Coimbra.

*

* *

Por aquelles dias, chegou D. Rojo de Valderas a Zarza, de volta de Madrid.

O medico procurou-o e foi recebido com o agrado habitual. Ainda assim, não pôde nem quiz dissimular a sua afflicção. Foi direito ao assumpto, e começou pela eloquente sinceridade das lagrimas. Depois, perguntou ao alcaide se elle e seu infeliz filho podiam contar com a sua protecção em Hespanha.

O alcaide sacudiu as mãos como quem quer esquivar-se á pratica de umas coisas despresiveis, e disse:

— Ora adeus, dom Antonio Maria! não fallemos d'isso. O melhor é não fallarmos em seu filho, em quanto a saudade de minha filha me estiver roendo as entranhas. — E mudou de cara, fez-se roxo, esfregou as mãos que davam o sonido do atrito de dois guantes; e accrescentou: — Doutor, eu cá não sei nem posso chorar. A minha desgraça é não poder chorar. Nunca chorei. Acho que todas as minhas lagrimas estão empoçadas á espera que a minha Ignez feche os olhos...

— Sua filha não tem doença que nos assuste, D. Rojo! — atalhou o doutor — Amargamente sinto que o senhor me retirasse a confiança que eu lhe mereci como medico. Se me tivessem dito que D. Ignez ia procurar saude a Madrid...

— Não foi procurar a saude — interrompeu o alcaide. — Minha filha foi-se divertir... Falle-me d'outras coisas agradaveis... Então seu filho casa ou já casou?

A transição subita e serena d'esta pergunta penetrou dolorosamente no peito do velho. Antes elle quizera que o alcaide lhe injuriasse o filho, rebaixando-o á ignominia por toda a escaleira do insulto,

desde a imputação de salteador até assassino. — Casou já? — insistiu o *Vandolero de Castilla-la-Vieja*.

— Não, senhor, meu filho não casou — gaguejou o medico desanimado e desarmado pelo ar sarcastico do alcaide.

— A viuva do ourives é rica, hein? — tornou D Rojo.

— Não é rica, senhor... é a fatalidade... tem os filtros infernaes que enlouqueceram meu filho...

— Caramba! — exclamou o castelhano a rir — Cuidava eu que isso de filtros eram bruxarias em que um doutor medico não podia crer! Com que então, ainda se crê em magia lá por Portugal!? Escapou a tal Thereza á santa Inquisição por não vir com os seus feitiços aqui ha dez annos! Tenho pena do seu pobre e innocente filho, doutor! Pois pensava eu que elle se apaixonara pelo espolio da viuva e pelo palmo da cara que os cavalheiros por ahi dizem que é appetitosa!...

— Sr. D. Rojo! — exclamou o medico com vehemente angustia — as suas ironias matam-me! Por Deus lhe peço que accuse meu filho, que razão lhe sobra para o fazer; eu não o defenderei; mas de mãos postas lhe peço que lhe perdôe; pela vida de sua filha lh'o rogo!

Antonio das Neves ia ajoelhar-se, quando o alcaide, n'um impeto de furia, passou para o interior da casa. Momentos depois, um aguazil da alcaidaria entrava na sala e intimava ao medico que o sr. D. Rojo de Valderas o despedia de sua casa.

O attribulado velho soccorreu-se de alguns ca-

valheiros mais distinctos da terra como intercessores. Ninguem se quiz baixar a pedir-lhe. Todos aconselhavam ao portuguez a fuga. No entanto, um fidalgo, irmão do arcediago de Xerez de los Caballeros, residente em Badajoz, offereceu-lhe o patrocinio d'aquelle potentado ecclesiastico, na certeza de que as justiças d'aquella cidade não prenderiam o expatriado, em respeito a seu irmão. Ainda assim, este protector qualificava de temivel o alcaide, e opinava que o estudante andaria melhor avisado se fosse a Madrid pedir perdão a Ignez e casar com ella. Tambem o medico abundava n'este parecer; mas o filho argumentava d'este feitio:

— Ponha-me o pae, á direita, a tal Ignez com um bom dote e a liberdade; e, á esquerda, Thereza, pobre, e ao lado d'ella o patibulo, que eu vou para a esquerda. Nãs se atterre com tão pouco — acorçoava o estudante cheio de sinceras esperanças — Nós vamos para França, e de França voltaremos brevemente com D. Pedro. São favas contadas. Que me importa a mim o alcaide, o salteador, o bandoleiro! O pae queria ser o avô dos netos d'um capitão de ladrões? Pergunte aos mancebos de Zarza se algum quereria ser marido da rica herdeira de Rojo de Valderas! Ninguem! O homem aproveitava no expatriado, no liberal perseguido, um marido para a filha, á falta d'homens! Quem! eu? Chamam-me outros destinos. Ou hei de ser um dos primeiros homens no Portugal livre, ou desterrar-me-hei voluntariamente e para sempre d'essa cafraria. Caso com Thereza porque preciso d'um coração de mulher que suavise as asperezas da minha alma de

spartano. S o amor me não roubar a mim mesmo, serei capaz de ir a Portugal cravar o ferro no peito do tyranno e pegar o fogo ao alcouce do Ramalhão, e pôr luminarias á liberdade incendiando os mosteiros e vestindo os frades de alcatrão, como Nero fez n'um dia de justiça. Preciso do amor d'esta mulher como os sublimes doidos que tem no cerebro a salvação d'um povo carecem de capacetes de neve para lhe esfriarem a ebulição generosa do sangue. A morte deixou de ser affrontosa desde que Danton e Rabespierre atiraram com as cabeças ao prato da balança em que se pesava o futuro dos povos. Chamem-lhe forca ou guilhotina, que me faz a mim o nome? Eu hei de ter o meu dia de martyrio ou de gloria. Hei de fazer desenterrar os ossos dos meus companheiros, e fazel-os adorar nas aras da patria; hei de repartil-os como reliquias dos santos da segunda redempção da humanidade, e perguntarei ao sbonzos se os eremitas da Thebaida fizeram tanto como elles e como Marat e como Saint-Just pela restauração da alma humana! Que me importa a mim o abjecto alcaide d'este abjecto burgo de Zarza? Se elle se atravessar no meu caminho, metto-lhe o meu punhal na garganta e poupo a historia hespanhola á infamia de numerar este Cartouche no numero dos seus alcaides. Nada de sustos. Iremos para Badajoz emquanto Thereza não traspassa este embaraçoso negocio; depois, lá se marcará o nosso itenerario, se o pae quizer seguir-nos; e, se tem saudades da familia, vá para Portugal, que ninguem o perseguirá, e deixe-me a só com o meu destino. Eu preciso da lucta para ser grande como os

anachoretas precisam das tentações para serem santos! A minha vida é uma molecula de um novo cahos em que vae entrar a humanidade, para depois se reconstituir. Os homens da geração presente não são de si mesmos, são da geração vindoura. Os que hoje morrerem resurgirão na vida nova das sociedades. A forca de 1828 e 29 é a apotheose de 1838 e 39. Dentro de 10 annos, Antonio Maria das Neves Carneiro será ministro ou terá o seu nome inscripto entre os dos martyres do Caes do Tojo e da Praça Nova.

E assim por diante, com grandes gestos, e não menor assombro do pobre velho que, atravez da lente do amor paternal, media o filho pela estatura de Catão.

*

* *

Thereza de Jesus Pereira e Antonio Maria das Neves Carneiro casaram, em Badajoz, em dezembro de 1829. O arcediago de Xerez dos Caballeros, bom catholico e entranhado partidario de Fernando VII, escrupulisava em proteger um escapadiço da forca; todavia, condoera-se do pae e accedera aos rogos do irmão.

Os noivos alteraram o plano da sahida immediata para França, primeiro por que se interpozeram delongas na venda da ourivesaria depreciada pelas solicitações da vendedora, depois pela difficuldade em obter passaporte para França com as legalidades miudamente exigidas. O governo hespanhol espionava os que se moviam na direcção de foco

revolucionario. Estava em ebulição o movimento de julho de 1830.

Entretanto, Ignez de Valderas voltava de Madrid aconselhada a procurar saude nos ares de Zarza, e em janeiro de 1830 expirava nos braços do pae, no momento em que se esforçava por destruir um pequeno maço de cartas que lhe cahiram das mãos moribundas.

A vingança do alcaide principiou quando elle se ergueu de resar a ultima prece sobre a campa da filha. Ignez não acabara tão sancta e resignadamente quanto se faria mister para que esta pagina parecesse um pedaço de folha arrancada ao *Flos-sanctorum* do padre Ribadenera. Ella amaldiçoara Antonio Maria quando soube que Thereza lhe chamava esposo e galeava as suas tranças louras soltas sobre a espadua do marido na *Plaza de San Juan*. Disse que, se fosse homem, iria apunhalal-os ambos. O pae ouviu-a, e murmurou:

— Deixa esse cuidado ao verdugo, quanto a elle; quanto a ella ha de viver para o vêr na forca.

Ignez teve então um frouxo de riso feroz. Nunca se parecera com o pae se não quando se riu assim.

O alcaide conhecia o pulso do braço poderoso que defendia o filho do medico. A bandeira protectora de Antonio Maria era a sciencia do facultativo. O arcediago salvara-se do terceiro insulto apopletico pelos desvelos do medico portuguez. Redobrou, pois, de zelo pela segurança dos emigrados.

D. Rojo, conversando com o irmão do arcediago em Zarza, não denunciava intento malevolo; pelo contrario inculcava piamente que a sua Ignez era a

sancta do céo que mais patrocinava o seu ingrato matador.

O fidalgo, escrevendo ao irmão, referia-lhe o que passava com o alcaide — a quem chamava parvo — e era de opinião que o homem alquebrado pela perda da filha e pelos achaques da velhice, não premeditava vingar-se, e até pensava em vender os bens e retirar-se a um mosteiro, como quem já nada tem que ver com o mundo, e tinha muitos peccados que estrangular nos rins com o cilicio.

O arcediago e o medico desconfiavam das conjecturas do logrado apreciador do alcaide; mas Antonio Maria, insandecido d'aquella demencia que accommette os destinados por Deus á perdição, consoante dizem os Livros Santos, era um leviano que se pavoneava soltamente com a esposa, e parecia fazer gala do patrocinio e da impunidade. Como lhe fosse necessario receber dinheiro em Alcantara, foi com a esposa, uma gentil amazona, cujos cabellos soltos impregnavam as brizas do seu perfume.

O arcediago, quando o medico lhe disse que o filho e a nora iam caminho de Alcantara, affligiu-se e exclamou:

— Eu hoje soube que entre o governo portuguez e o nosso ha intelligencias a respeito de seu filho. Vá depressa, siga-os, e faça-os sahir de Alcantara antes que o alcaide de Zarza saiba que elles estão lá. Seu filho não tem juizo, e sua nora entendeu que uma mulher bonita é um arnez que defende o marido. São ambos doidos. Vá chamal-os, e que se escondam até nova ordem na minha quinta, e não me appareçam em Badajoz.

*

* *

O medico entrou de noute em Alcantara, e soube que o filho e a nora tinham ido para os arrabaldes assistir a uma festa do primeiro de maio, convidados por um joalheiro, principal comprador da ourivesaria. De madrugada, quando ia a sahir da estalagem, foi prezo por dois aguasis que o levaram á presença do alcaide. Apoz uma breve interrogação, conduziram-o á cadeia para ulteriores averiguações. Um dos esbirros, que o conhecera em Zarza, no transito para o carcere, disse-lhe que o alcaide D. Rojo de Valderas estava em Alcantara havia quatro dias, e offereceu-se para lhe levar algum recado, se o preso precisava da protecção d'elle.

O medico perguntou lhe se elle teria duvida em receber duas onças pelo favor de procurar seu filho, na aldeia que nomeou, e dizer-lhe que seu pae estava preso.

— E' inutil — disse o quadrilheiro — por que seu filho deve já vir no caminho do carcere.

— Perdidos! — exclamou o velho, amparando-se no hombro do esbirro.

— Pelo que vejo — disse o outro — o seu crime é cousa de maior! Em Hespanha não é costume prenderem-se os emigrados politicos de Portugal...

O doutor Antonio Maria recobrou alento e caminhou para illudir a curiosidade dos transeuntes. O povo farejara espectaculo nas lagrimas d'aquelle velho, e queria saber a historia. O carcereiro deu-lhe um quarto espaçoso, expoz-lhe os costumes da

casa, indicou-lhe a melhor estalagem para se fornecer de viveres, e retirou-se por que o chamavam para receber um preso: era Antonio Maria das Neves.

Como não havia recommendação especial, o carcereiro alojou-o no quarto do pae. Thereza de Jesus acompanhava o marido; mas ia livre. O velho abraçou-se no filho, em clamorosos gritos. O estudante abraçava o pae; mas não desfitava os olhos da mulher. Ella encostara o rosto a um travessão de ferro da grade e soluçava.

— Thereza! Thereza! — exclamou Antonio Maria — eu começo desde já a pedir-te perdão, por que te desgracei!

Ella correu para elle, beijou-o, lavou-lhe o rosto de lagrimas, e murmurou:

— Não percas a esperança... Eu vou já para Badajoz... O arcediago hade valer-nos... Eu hei-de salvar-te, Antonio!...

— Melhor fôra que na tua volta me encontrasses morto... Seu eu me suicidar, Thereza, não consintas que me chamem covarde... Mato-me para que sobre ti não caia a infamia da morte que me vão dar...

— Pelas cinco chagas de Christo! — acudiu ella — Não te mates, que eu tenho esperanças de te arrancar d'aqui!

E abraçava-o com phrenetica paixão.

— Tu tens aqui um punhal... — disse ella, sentindo a rijeza do punho de bronze contra o seio — Dás-me este punhal, Antonio? Receio que te mates... Dá-m'o!...

— Leva-o — disse elle com indifferença — Será tudo quanto te fique de mim... esse punhal...

Thereza olhou para o ferro, e disse com serena magestade:

— Se m'o deixares... olha que fica nas mãos de um homem.

— O alcaide, a final, venceu — disse o estudante. — O infame espiava-me os passos... Leva-me ao patibulo...

Thereza foi rapidamente á porta do quarto como receiosa de que a ouvissem; voltou para entre o marido e o sogro, ia exprimir uma idéa que lhe rutilava nos olhos brilhantissimos, e susteve-se, murmurando:

— E' cêdo...

— E' cedo o que? — perguntou Antonio Maria.

— Nada... Não me perguntes nada... Deixa-me por emquanto conservar uma pouca de serenidade, senão a esperança foge-me, e eu, que sou necessaria á tua vida, posso morrer primeiro.

Eis aqui o diamante bruto de Guimarães lapidado por Antonio Maria. O primeiro marido allumiára-lhe o espirito com a suave luz das estrellas; o segundo enchera-lh'o dos clarões intensos do relampago. Ella ahi está olhando para o punhal das tres esquinas, com os mesmos olhos com que nove annos antes olhára para a flôr colhida na jarra de Guilherme Nogueira. Então, os seus olhos tinham a meiguice de uma pastora da Arcadia de Poussin; agora chammejavam como os da Carlota Corday.

*

* *

Foi a Badajoz e pediu ao arcediago que lhe salvasse o marido e o sogro. Lançou-se-lhe aos pés, abraçou-lhe os joelhos, beijou-lhe as mãos. O ancião foi a Madrid. Conseguiu reter a ordem que mandava conduzir á fronteira os prezos, até vêr se revogava a deliberação do governo. Sahiram grandes protectores contra as instancias do alcaide de Zarza. O mais que o arcediago, ainda assim, obteve foi uma detenção que poderia dar azo a uma esperança — á mudança dynastica em Portugal ou Hespanha. Esperava-se a revolução de França. Mas D. Rojo de Valderas estava em Madrid, aguilhoando o representante de Portugal.

— Não posso vencer a influencia de um antigo caudilho de salteadores! — disse o arcediago a Thereza de Jesus. — O alcaide de Zarza é implacavel. Trabalha como se D. Miguel delegasse n'elle os direitos que a lei lhe dá á cabeça de seu marido.

Thereza não consultou o marido. Foi a Madrid. Informou-se da residencia do alcaide. Entrou-lhe imprevista no seu quarto, onde o rodeavam os antigos cabecilhas da acclamação de Fernando VII absoluto. Pediu com altivez que perdoasse a seu esposo uma culpa que era só d'ella.

— Fui eu que o roubei ao amor de sua filha! — exclamava a louca no delirio de um máu romance — fui eu que o fascinei com um poder sobrenatural! árranquei-o aos braços de sua filha como quem atira um cego a um abysmo. Não tenha compaixão

de mim, senhor; mas tenha misericordia com elle que ainda não fez vinte e cinco annos, e vae morrer n'uma forca!

— A sr.ª — disse socegadamente o alcaide — está muito illudida a meu respeito! Seu marido foi preso pelo alcaide de Alcantara, se bem me recordo; e eu sou, como sabe, alcaide de Zarza. Seu marido é um criminoso cuja extradicção é pedida pelo legitimo monarcha de Portugal, ou pelo seu representante em Hespanha. Eu sou tão estranho a esses convenios entre os dois paizes, como estes meus amigos que não conhecem seu marido nem sabem talvez do que se trata.

— Sr. D. Rojo! — voltou Thereza de Jesus — pela alma de sua querida filha lhe supplico que não se opponha a que os amigos de meu infeliz marido o protejam em Madrid. Ajoelho-me diante do seu coração de pae e dos seus cabellos brancos! Deixe-me crer que ha Deus pela misericordia dos seus olhos! Veja que estes seus amigos me encaram com piedade: seja piedoso tambem commigo! Lembre-se que meu marido é enforcado logo que entre em Portugal!

— O' senhora! replicou o alcaide — parece que me não percebeu! Rogo-lhe que me não importune! Deixe-me, que eu nada lhe posso fazer.

Thereza de Jesus ergueu-se inteiriça e hirta como uma estatua de bronze. Fixou-o como dois dardos que se apontam á cara de um homem e disse:

— Quer que o deixe?... deixarei... E até á vista.

E sahiu.

Dizia Pajillas a Missas:

— Que mulher! eu dava o marido ao diabo e ficava-me com ella!

Jaime Alonso, o *barbudo* de alcunha, limpava as lagrimas ao canhão da farda de tenente coronel. O francez Jorge Bessieres disse que a ia seguir, e seria capaz de arrombar a cadeia de Alcantara para lhe dar o marido em troca de um beijo. Pantisco pedia em termos honestos ao seu amigo que, se podia, salvasse o tal emigrado da forca, e dizia ao ouvido do francez: «Recorda te que já estiveste para ser enforcado.» [1]

O alcaide de Zarza relanceou os olhos, que espumavam sangue, aos circumstantes, e disse cavernosamente:

— Vossês não sabem talvez que eu sentei á minha mesa o homem d'esta mulher; abri-lhe a minha bolsa, e franqueei-lhe de dia e de noite as por-

---

[1] *Jorge Bessieres* desertára de um regimento francez em 1810, depois de haver matado na Catalunha o capitão. Apresentou-se ao exercito hespanhol, justificando ser official, com os papeis do capitão assassinado, e fez guerra aos francezes. Quando ia desertar, foi agarrado e exonerado da farda. Em 1820 conspirou contra os liberaes, e foi condemnado á forca. Salvaram-no os constitucionaes que elle perseguia em 1830. *Pajillas* havia sido ladrão celebre em Castilla, e esteve condemnado á morte por assalto ás malas de um correio. *Missas* enfestou as estradas de Catalunha. *Jaime Alonso* foi chefe de ladrões quinze annos em Valencia e Murcia. *Pantisco* capitaneou uma malta em Andaluzia. Chamavam-se estes homens em Hespanha os *defensores da fé.—Ocios de Espanoles emigrados, periodico mensal*, Londres, 1824.

tas da minha casa; deixei-o galantear minha filha, a filha unica, o meu unico amor, a minha pobre Ignez. Pediu-m'a para esposa, e eu dei-lh'a; e vae elle depois, quando a minha Ignez não via outra cousa no mundo, parecia até amar-me menos por causa d'elle, o infame abandonou-a, casou com essa que ahi viram, e a minha filha morreu-me nos braços. Sabem agora quem é o homem que está preso?

Todos os *defensores da fé* disseram, á uma, que lhe teriam arrancado um olho pelo buraco do outro, e desejaram-lhe outros supplicios assim imaginosos no calão dos salteadores.

D. Rojo redarguiu:

— Estou velho e cançado. O carrasco que faça a sua obrigação.

*

* *

No dia 5 de junho de 1830, depois de mez e meio de prisão em Alcantara, os dois portuguezes receberam ordem de estarem promptos para marcharem ao seu destino. Com este aviso, Antonio Maria perdeu o animo. Não vislumbrava a minima feição d'aquelle homem que discorrera tão pomposamente ácerca dos heroes e dos martyres. Não lhe occorria nada de André Chenier nem de Saint-Just. Cahiu a chorar nos braços da mulher, em quanto o medico, por uma especie de egoismo, que está no instincto da vida, se agachara a um canto perguntando a si mesmo se seria tambem enforcado pelo simples facto de ser pae do réu. Thereza era

admiravel de coragem. Apanhava a fronte do marido entre as mãos, e dizia-lhe:

— Então?... queres tu? suicidemo-nos!

E mostrava-lhe o punhal, como a Arria, que dizia a Poetus, seu marido, condemnado por Claudio: «Isto não doe!» e apontava a ponta do aço ao coração. — Queres que eu me mate primeiro?

— Quem sabe? — dizia elle. — Quem sabe se rebentará á revolução!... Esperemos...

Nem a valentia do suicidio, nem a vergonha diante d'aquella mulher esplendida, sinistra, formosa, com todas as seducções da morte!

E o velho tiritava a um canto e olhava como um idiota para uma fisga que separava duas tabuas.

Ella encarava ora um, ora outro, e parecia ganhar nojo á vida.

Ao escurecer, o carcereiro mandou-a sahir: e, fóra do quarto, disse-lhe:

— Elles são ámanhã ao meio dia entregues á tropa portugueza que os espera em Segura, na fronteira. Previna-se a senhora.

Deteve-se ella dois segundos a meditar, e respondeu:

— Diga ámanhã a meu marido que eu fui adiante.

EM PARENTHESIS

Posto que a arte me ponha preceito de exterminar todo o elemento comico d'estas paginas funebres, a natureza das cousas obriga-me a fazer menção de Caetana, que não podia deixar de receber uma tintura melancolica em contacto com tantos

nfortunios. Estava magra; era uma desgraça que ella expunha á ama todos os dias — o estar magra como uma cadella. A's vezes davam-lhe guinas de fugir para Margaride, sua patria, e quem as armou que as desarmasse. Depois a fidelidade de criada antiga reagia, e um lenço ou um saiote da ama ajudavam a victoria dos bons instinctos. A sahida de Baeajoz para Alcantara boliu-lhe com o coração. Tinha alli atado as duas fibras mais sensiveis do seu peito, nove annos cortadas pelo golpe da saudade. A Hespanha conseguira conquistal-a-a afinal, na pessoa do dispenseiro do arcediago; era o primeiro paizano e primeiro estrangeiro que amava; e n'estes amores de especie nova e pachorrenta a sua nutrição dava-lhe côr local. Tudo concorreu, porém, a adelgaçal-a. Vendo a sua ama chorar dia e noite, dizia que se sentia arrebentar por dentro, e eu não duvido da sinceridade d'este incommodo. O que sei, e colho dos apontamentos d'esta mal contada historia, é que Caetana no dia 6 de julho de 1830 entrou em Portugal com Thereza de Jesus, e assim que pizou em Zibreira terra da patria, se a não beijou como os sublimes repatriados, voltou-se para os lados de Hespanha, e bradou: «Que leve o diabo os gallegos, sr.ª D. Thereza! Se me vejo em Guimarães, torno a encher!»

*

* *

Thereza de Jesus Pereira era um pouco parenta do conde de Basto, José Antonio de Oliveira Leite

de Barros. Contára-lhe sua mãe que uma sua prima, a Joaquina Russa, déra em droga, estando a servir na Brea, em casa de André de Oliveira, pae do desembargador. D'este dar em droga nascera o bastardo que, em 1830, era ministro do reino. Por conseguinte, á esposa phantasiosa de Antonio Maria das Neves, figurou-se-lhe que, apresentando-se ao primo conde, salvaria o marido. Afim de arranjar carta de apresentação, foi a Guimarães, fiada tambem no patrocinio dos parentes da sr.ª condessa de Basto, D. Catharina Leite, filha do primeiro visconde de Azenha.

Feliciana quando ouviu a voz de Thereza, perguntando por ella, saltou do leito e fez do seu rheumatismo umas azas de amor maternal. A filha espantou-se do envelhecer da sua pobre mãe no breve decurso de oito annos. Parecia-lhe ouvir ainda o pae. Os sitios, visitados depois de muitos annos de ausencia, revivem recordações, figuras, existencias e vozes que ahi vimos e ouvimos quando os deixamos. Thereza ouvia o vozear estrondoso de Joaquim Pereira, sentia no olfato o odor nauzeabundo dos cortumes, no ladrilho das janellas estavam ainda os seus quatro vasos de craveiros, apalpava para assim dizer o cadaver galvanisado da sua infancia e mocidade. Não seria saudade o sentimento que a fez debulhar-se em lagrimas abraçada na mãe: saudade ou remorso, a sua dôr era uma contricção da alma que a fazia debater-se em ancias desesperadas.

Explicou á mãe a sua situação. A sr.ª Feliciana escutava com a bocca mais aberta que o entendi-

mento, benzia-se de vez em quando, olhava para o crucifixo do seu oratorio, mettia a cabeça nas mãos, e n'estes afflictos tregeitos ouviu a pungente historia do segundo marido de sua filha. Quando Thereza lhe disse que queria fallar ao conde de Basto, e apresentar-se como segunda prima de sua mãe, Feliciana não deu importancia nenhuma a tal recurso.

— Valha-te Deus! — disse ella — a Joaquina Russa, mãe d'esse bregeiro, fizeram tanto casa d'ella que se não fossem as esmolas dos parentes, morria a pedir por portas. Deixa-me ir fallar com o sr. Bernardo Correia que é cunhado do conde, a ver se elle te dá uma carta para a irmã... Olha, filha, se isto fosse cousa que se remediasse com dinheiro, eu tenho ahi algum: mais de 6:000 cruzados; e, se não chegar, vendem-se as casas ainda que eu fique a pedir pelas portas.

Feliciana encontrou Bernarno Correia, o coronel dos voluntarios realistas de Guimarães, insensivel ás suas supplicas. Segundo elle, o estudante devia morrer enforcado como os outros, e a mulher devia ser açoitada por casar com tamanho assassino e ladrão. Disse mais que o conego Araujo lhe contara o que passara em Hespanha com a tal joia da Therezinha do Joaquim dos Couros. Este fidalgo era um homem de bom fundo; mas á superficie tinha-lhe rebentado um pouco da lepra do cunhado conde de Basto. Deus lhes perdôe a todos, e lhes desconte nos seus peccados a epocha em que floreceram e o muito que cavaram no seu proprio abysmo.

Voltou a velha com a resposta do fidalgo. Thereza abafava na estreiteza da casa; não respirava; queria

sahir n'aquella mesma noite ao encontro do marido; queria matar-se depois de lhe beber as lagrimas no derradeiro beijo. Declamava isto em altos gritos, em quanto a mãe, ajoelhada diante do seu livido Jesus Crucificado e da Virgem das Dôres, lhes implorava que déssem allivio á desesperação de sua filha.

No dia seguinte, Thereza de Jesus voltou pelo caminho de Hespanha, a longas caminhadas, com um arrieiro, sem receio, sentindo alternativamente o desejo da morte como esquecimento; mas, se um leve desfallecer da cabeça, aturdida pelas insomnias, a ameaçava de morte, então pedia a Deus a vida para se vingar, como se Deus fosse o Jehovah das sanguinarias vinganças de Israel.

Quando chegou ás Cernadas, soube que os dois presos estavam na cadeia de Castello Branco, havia cinco dias. Antonio Maria, quando entrou em Idanha, recebeu do carcereiro um bilhete em que a esposa lhe contava os seus planos de salvação; e, quando a viu aproximar-se da cadeia, tão cedo, perdeu a absurda esperança que tem ar de zombaria quando affaga certa especie de perdidos.

Thereza de Jesus não conseguiu entrar no carcere. Havia prohibição de communicarem os presos com quem quer que fosse.

No dia 14 de Julho seguiram jornada apressada para a capital, e no dia 20 entraram no Limoeiro.

Pelo mesmo tempo, Feliciana, aconselhada pelo conego, foi para Lisboa com Caetana. O tio de Guilherme Nogueira condoêra-se de Thereza e dissera á mãe que a fosse amparar na immensa des-

ventura de uma viuvez tão affrontosa. Recommendou-a na capital de modo que mãe e filha foram acolhidas com decencia e veladas pela compaixão de um commerciante natural de Guimarães.

Instaurou-se processo ao medico, pae do estudante. Quanto ao filho, esse estava processado; restava, apenas, accrescentar á sentença o depoimento de algumas testemunhas que ficara secreto nos autos. O doutor Antonio das Neves Carneiro foi condemnado a degredo para as provincias do sul do reino. O seu crime era ter acompanhado o filho para Hespanha. Houve com elle a misericordia de o retirarem do Limoeiro antes que o filho sahisse com a alva dos padecentes.

A energia de Thereza quebrantou-lh'a a enfermidade, desde que em Castello-Branco lhe estorvaram aproximar-se das grades. Seguiu os presos atravez de trinta e quatro leguas, podendo apenas comprar a condescendencia de um soldado que uma vez conseguiu entregar uma carta a Antonio Maria, cujas algemas lh'a não deixavam lêr. Quando chegou a Lisboa, e encontrou os braços da mãe, pediu a Deus que a deixasse então morrer; mas, a espaços, sacudia o fantasma da morte com as tranças soltas da cabeça vertiginosa, empunhava o ferro dos tres gumes, e dizia umas palavras soltas que arrancavam clamorosos brados á mãe.

Entretanto, Antonio Maria das Neves Carneiro era interrogado. Cumpria-lhe ser então homem e affrontar a morte com a dignidade dos seus modelos republicanos; nós, porém, a fallar verdade, não tivemos no prefacio sanguinolento da nossa liber-

dade uma só d'essas illustres victimas que soubesse morrer, confessando o delicto de nos querer resgatar da tyrannia. Todos trahiram os seus intuitos generosos, renegando-os. Nem Gomes Freire, o primeiro martyr involuntario, dera o exemplo da grandeza do sacrificio pelo despreso da morte. Antonio Maria, em frente do irremediavel patibulo, nem ahi teve brios de acceitar o quinhão que lhe cabia na façanha. Um dos seus companheiros, Manuel Innocencio de Araujo Mancilha, quando já não tinha onde firmar a ancora da esperança, declarava que não era christão, e queria morrer catholico: christão era elle como dizem que são os baptisados; mas esperava prolongar a vida com a ceremonia de um novo baptismo. [1] E todos assim, sobre criminosos, deploraveis nas suas duas covardias — a do assalto e a da morte!

Quanto ao marido de Thereza de Jesus esse [2] «interrogado nos autos de perguntas constantes do «appenso ultimo respondeu que não tinha concor-«rido para o referido delicto, que não acompanhara «os co-reos que o perpetraram, nem com elles fôra «pelo caminho de Condeixa, por quanto se havia

---

[1] Veja *Memoria do que aconteceu na cadeia do Limoeiro com os nove réos estudantes de Coimbra que no dia 20 de junho de 1828 padeceram o supplicio em que um d'elles, Manuel Innocencio d'Araujo Mansilha foi baptisado.* Por Fr. Claudio da Canceição. Lisboa, 1828.

[2] Palavras textuaes da sentença que corre impressa e vem trasladada nos *Apontamentos para a historia contemporanea*, por Joaquim Martins de Carvalho — Coimbra, 1868.

«antecipado com uma licença de oito dias do vice-«reitor da universidade para ir passar as ferias da «Paschoa em Goes, para onde partira das 9 para «as 10 horas da noite do dia antecedente, proximo «ao em que se commetteu o dito delicto, indo a pé «como costumava fazer muitas vezes; e que no «mesmo dia em que houve aquelle delicto em Con-«deixa, viera um seu amigo de Coimbra, e lhe con-«tara aquelle acontecimento, dizendo-lhe que em «Coimbra se fallava no seu nome como involvido «n'elle, e que por isso se retirou para o Paul, e de «lá para Hespanha.»

Eis aqui o tiritar do heroe diante do aspeito carrancudo dos Ornellas, dos Macieis Monteiro, dos Casaes Ribeiro e dos Martens Ferrão que envergavam as becas desembargatorias, e, ouvida ou lida a deploravel defesa, assignavam a sentença que rubricariam, se elle então vaticinasse a alguns d'aquelles juizes que ia alegremente morrer no altar da liberdade onde mais tarde os filhos d'elles desembargadores implacaveis iriam buscar as suas cartas de conselho e as suas coroas de conde. E, se elle dissesse isto, pouco mais ou menos, o nobre conde de Casal Ribeiro e o sr. Martens Ferrão, preceptor do principe, que Deus guarde, haviam de cuidar hoje que a sua posição fôra prophetisada ha 36 annos.

Não, senhores. Antonio Maria das Neves não prophetisou nada, não proferiu uma phrase sequer imitada das muitas que immortalisaram os girondinos, e de tantas que uma valente mulher, a esposa de Roland, dizia aos seus companheiros da carro-

ça no caminho da guilhotina. Ouviu ler serenamente a sentença até ao terceiro periodo. Depois, saltaram-lhe as lagrimas em torrentes. Ouvira proferir o nome de sua mulher, porque a sentença principia assim:

Accordão em Relação, etc. Que vistos estes autos que com o parecer do seu Ghanceller que serve de rsgedor, se fizeram summarios pelo accordão fi. 119 v. ao reu Antonio Maria das Neves Carneiro, estudante do segundo anno de mathematica na universidade de Coimbra, casado com Thereza de Jesus Pereira... etc.

Depois, recobrára os sentidos, emergindo d'aquella doce anniquilação de instantes, e desde que ouviu lêr o final da sentença, ganhou alentos dignos de melhor causa. O final da sentença rezava assim:

Por tanto e o mais dos autos; considerando que o reu Antonio Maria das Neves Carneiro se acha incurso na disposição da Ordenação etc., o condemnam a que com baraço e pregão seja levado pelas ruas publicas d'esta cidade ao logar da forca que se acha levantada no caes do Tojo, e ahi morra morte natural para sempre, e depois lhe sejam decepadas cabeça e mãos, que ficarão expostas nos angulos da mesma forca até que o tempo as consuma: outro sim o condemnam na indemnisação dos effeitos roubados, 200$000 réis para cada uma das viuvas dos fallecidos Matheus de Sousa Coutinho e Jeronymo Joaquim de Figueiredo e em 100$000 réis para despezas da relação, e nas custas dos autos que lhe forem relativas.

*

* *

A sentença foi lida no dia 6 de julho, e no dia 9, ao meio dia, o justiçado passava caminho ds forca, pela rua das Pedras Negras, onde morava o negocionte que hospedára Thereza de Jesus.[1]

---

[1] O meu amigo Augusto Soares Barbosa de Pinho Leal, testemunha ocular do supplicio de Antonio Maria das Neves, referiu-me, em uma carta mais historica do que sentimental, o transito doloroso do marido de Thereza de Jesus.

Eis a carta:

. . . . . .

«Vou narrar-lhe tudo o que d'esse facto me lembro; e, apesar de eu ter então apenas 13 annos e quasi 8 mezes, não me sahem da ideia algumas particularidades do que presenciei n'esse dia. Póde afoitamente fiar-se na minha palavra.

«Eu estava no *Caes do Tojo* com meu pae (que era então quartel-mestre de caçadores n.º 4 — batalhão que estava en tão aquartellado no mosteiro da Boa-Hora, de Belem).

«Neves Carneiro, pareceu-me um homem já dos seus trinta annos (parece que ainda o estou vendo!) Hia muito pallido (pudéra!...) e tinha cara de poucos amigos. Nariz grande (judeu no caso) e dois chamados *de bico de papagaio*, e estatura regular. Pareceu-me *largo dos encontros*. — Hia muito descarado, a *gingar*, e olhando para as janellas onde estavam senhoras. Mesmo com as mãos amarradas uma á outra, fazia a diligencia de pentear o cabello com os dedos! — Não levava o crucifixo entre as mãos, porque—segundo me disseram—tantas vezes os frades lh'o punham, como elle o atirava ao chão; mas isso não vi, porque, já disse que estava no Caes do Tojo. Andava com o maior desembaraço.

«Não sei quem lhe tinha promettido, que havia de haver

Ella já alli não estava, desde o dia em que a sentença foi lavrada.

---

uma revolta, e que muitos liberaes viriam em barcos, e, saltando inopinadamente no Caes do Tojo, o salvariam.

«O diabo do homem, subiu com todo o desembaraço as escadas da forca (era de madeira e pintada de roxo-rei.)—Sentou-se no ultimo degrau, e d'alli fez um *speech*, que meu pae escreveu na sua carteira (pouco mais ou menos—por que não era tachigrapho, nem então ainda cá os havia). Não sei que caminho dei ao tal *speech*, do que agora tenho bastante pena, porque lhe mandava a copia. Estou perfeitamente lembrado que — em summa—disse que o que praticou foi um acto de *justo desforço (!)* e que, o que então era reputado crime, seria julgado um acto de patriotismo, pela posteridade. Que não era aos homens que tinha de dar conta dos seus actos, mas ao *Ente Supremo.* (Os *pedreiros* não dizem Deus, nem Omnipotente — dizem *Ente Supremo*, ou *Supremo Architecto.)* etc.

«A escada da forca era do lado do norte, e, portanto, ficava elle — emquanto esteve sentado—com as costas para o Tejo; mas, no meio do seu discurso, virava-se frequentemente para o rio. Já sabemos porque.

«O carrasco, quando viu que elle papagueava de mais, e querendo acabar com aquillo, deitou-lhe o capuz pela cabeça, mas elle tornou a tiral-o, e continuou a prelenga. Segunda vez, o carrasco lhe deitou o capuz, com o mesmo resultado; mas á terceira, o carrasco, já farto de o aturar, segurou o capuz com ambas as mãos, escarrapachou-se-lhe nos hombros, impurrou-o, com os pés, para fóra da escada, e *zás.*

. . . . . .

«Parece que sempre se desconfiou de alguma tentativa de roubo do tal heroe, porque o Caes do Tojo e todas as suas immediações, principalmente do lado do rio, estavam cobertas de tropas, e não se deixava aproximar do largo senão militares.»

Na manhã do dia 6 levantara-se ao romper da aurora com um semblante livido, inerte, estupidamente sereno. Vestira-se de preto, de rigoroso lucto, e pediu á mãe que não chorasse, e lhe desse animo, porque havia sete noites que não dormia, e sentia-se morrer. Disse ao dono da casa que seu marido, segundo lhe affirmara o procurador, era sentenciado n'aquelle dia, e enforcado tres dias depois, como succedera aos outros estudantes; que ella não queria alli estar, porque sabia que aquella rua era caminho para o Caes do Tojo; que ia passar alguns dias fóra de Lisboa, e voltaria depois a buscar sua mãe para se recolherem a Guimarães. O hospedeiro compadecido quiz embargar-lhe a resolução, não quanto á sahida, mas quanto ao incerto destino que ella levava. Offereceu-lhe uma sua quinta em Sacavem. Thereza deteve-se um momento indecisa, e acceitou: porém, como a mãe quizesse acompanhal.a, a filha impugnou que ella fosse, dizendo que precisava estar sósinha, e apenas levaria Caetana.

Pouco depois, entrava n'uma sege com a creada e com o negociante. Durante o caminho, ia como entorpecida, reclinada sobre o hombro da creada. A's vezes, tremiam-lhe as palpebras, e as lagrimas apontavam por entre as pestanas como pequenas perolas. Não respondia, e parecia ouvir com repugnancia as perguntas.

Em Sacavem, ao recolher-se a um quarto, beijou a mão ao seu velho patricio, e despediu-se:

— Se eu morrer, disse ella, peça a minha mãe que me perdôe... Tencionava pedir-lhe perdão an-

tes de sair; mas... não a quiz fazer chorar... nem eu podia chorar tambem.

O negociante realmente comprehendeu que Thereza de Jesus devia esperar de Deus a misericordia da morte.

Assim que se viu livre da oppressora companhia d'aquelle homem, indagou do abegão se havia em Sacavem cavallos de alquilaria. Mandou alugar dois para uma longa jornada, e saiu com a creada, na noite d'aquelle dia. Tinha dormido tres horas, e acordára com tremuras de frio. Batiam-lhe os dentes, quando o ardor das faces seccava logo as lagrimas. O dia fôra ardentissimo: mas, á noite, a brisa do mar arrugava levemente a superficie do Tejo prateado pela lua. Aquella mulher passava com a sua desesperação pelas formosuras d'essa noite de julho como os anjos reprobos de Milton despenhados do ceu por entre as rutilantes constellações do espaço.

*

* *

Contára-se que o alcaide de Zarza, perdida a filha, ia vender os seus grandes casaes, e acolher-se ao sagrado claustro. Citavam-se exemplos de alentados malfeitores convertidos, e até ladrões biblicos, Dimas, por exemplo: — chamavam-lhe já um dos bons ladrões de Hespanha. Estava-se a ver qual era o convento que apanhava a pechincha da doação.

D. Rojo volveu de Madrid a exercer as suas funcções executivas com a costumada rectidão. Parece

que não pensava em claustros nem em converter os seus haveres em titulos pagaveis na eternidade. Vivia triste, preoccupado e talvez farto de viver; todavia, faltava-lhe a crença religiosa que busca no frade o balsamo cicatrisante dos golpes que nos fazem os nossos irmãos em Christo.

Disseram-lhe os seus aguasis que Thereza, a viuva do enforcado, havia entrado em Zarza na madrugada do dia 14 de julho, ao mesmo tempo que o correio lhe levava a noticia do supplicio do estudante; accrescentaram que ella e uma creada se encerraram na casa da sua antiga residencia; e perguntaram-lhe se deviam prendel-a ou vigial-a.

— Não a prendam nem a vigiem — respondeu o alcaide.

A' meia noite d'esse mesmo dia, quando D. Rojo de Valderas regressava de um largo passeio para se refrigerar da calma da tarde, entreviu rente da sua casa um vulto, esbatido na sombra do alpendre que encimava o portal. Não se deteve em conjecturas nem em precauções. Proseguiu o seu caminho com o descuido de quem não divisava cousa suspeita; e, ao avisinhar-se tres passos do portão, viu resaltar o vulto da sombra, e correr contra elle com o braço erguido. O aço de um punhal lampejou no ar, e quedou-se tremulo um instante em quanto o aggressor proferia estas palavras:

— E' a viuva da tua victima que te mata, infame!

O braço desceu, e encontrou entre o ferro e o peito uma garra que lhe empolgava o pulso. A heroica viuva tinha diante de si o mais valente caudilho das hordas da Castella Velha. Não pensou de

antemão que Holophernes dormia e Marat estava no banho, quando foram assassinados.

N'este conflicto, a ronda, que vigiava de motu-proprio as avenidas da casa do seu alcaide, viu aquelle vulto de mulher a debater-se na presa inflexivel de outro vulto. Correu para o grupo.

— Conduzam esta mulher á minha presença — disse o alcaide — e tragam esse punhal que está no chão.

Os aguasis pegaram d'ella pelos braços com arremeço.

— A modo! — obstou D. Rojo. — Conduzam-na sem violencia.

O alcaide abriu a porta, e entrou no pateo alumiado por um lampeão pendente. No patamar assomou um creado com um candieiro, e foi adiante do amo.

— Para a casa da audiencia — disse D. Rojo.

Pouco depois entrou Thereza de Jesus com os dois esbirros. Um d'elles trazia o punhal.

— Ponham o punhal sobre aquella mesa, e esperem do pateo — disse elle, e foi fechar a porta da sala.

Depois, aproximou uma cadeira da mesa que occupava o topo da sala, e disse a Thereza:

— Queira sentar-se.

Ella movia-se como um automato: era perfeitamente a mulher, como a natureza a fez, anniquilada, abatida, sem reacção.

O alcaide abriu uma gaveta, tirou um massete de cartas, desdeu o laço da fita preta que as cingia, tirou duas ou tres que abriu e disse:

— A sr.ª D. Thereza de Jesus recebeu cartas de minha filha Ignez; deve recordar-se da letra d'ella. Veja. Estas cartas foram escriptas a seu marido, quando elle abandonou minha filha; depois, estas cartas voltaram á mão de minha filha, quando, segundo o costume, se trocaram de parte a parte as correspondencias, como desenlace final de relações. Queira ler, sr.ª D. Thereza, o que a sua antiga amiga e minha pobre filha escrevia ao cavalheiro que a sr.ª amava.

Thereza leu mentalmente a primeira carta, que o alcaide lhe offereceu. Parecia commovida e espantada.

— Agora esta — disse o alcaide, offerecendo-lhe segunda.

— Já comprehendi tudo — respondeu ella, recusando ler a segunda.

— Não comprehendeu tudo; leia — instou elle.

Thereza leu até ao meio, e depoz a carta sobre a mesa murmurando entre soluços:

— Que desgraça, meu Deus!

— Acaba de ver a sr.ª D. Thereza — disse pausadamente, com pungentissima serenidade o pae de Ignez — que eu não vinguei minha filha offendida sómente no seu coração; vinguei minha filha trahida, deshonrada, e abandonada como qualquer d'essas infimas mulheres que se acham na miseria e se mudam da miseria para o alcouce. E não só trahida, e deshonrada, senhora! Ahi ha alguma cousa mais atroz n'essa segunda carta que viu. Ignez, a perdida, para matar um filho que havia de apregoar a sua deshonra, matou-se a si propria. Imagine, se

póde, as torturas da minha desgraçada filha, e recorde-se das alegrias com que seu marido festejava em Badajoz as suas nupcias quando minha filha agonisava alli n'aquelle quarto. Meditou, sr.ª D. Thereza?

O alcaide levantou-se, pegou do punhal, aproximou-se de Thereza, e offereceu-lh'o, dizendo:

— Agora, aqui tem o seu punhal, e aqui tem o peito que não pôde ferir ha pouco. Vingue-se! Aperfeiçoe a obra de seu marido. Mate o pae da mulher que elle deshonrou e matou!

Thereza, com o rosto entre as mãos, arquejava afogada em lagrimas, e dizia soluçando:

— Como eu me perdi, meu Deus! como eu me perdi!

— Olhe, senhora — volveu D. Rojo de Valderas. — E' espantoso que seu marido não visse a forca levantar-se diante dos pés a cada passo que dava! Pois aquelle homem, cheio de crimes, esperaria ser feliz? Eu nunca o fui, porque delinqui na minha mocidade. Expiei, estou expiando n'esta durissima penitencia de pae que não tinha mais nada n'este mundo senão ella. Nós, os criminosos, somos mastins damnados que nos atassalhamos uns aos outros. Elle desfez-m'a debaixo dos pés do seu desprezo, enterrou-m'a na lama da deshonra; e eu matal-o-hia, se o verdugo m'o não disputasse. Se este seu punhal, sr.ª D. Thereza, me tivesse entrado no coração, eu morreria negando a justiça de Deus. Não é crivel que a Providencia consentisse a grande iniquidade de eu ser assassinado pela viuva de um homem que me tirou dos braços uma filha unica e

m'a atirou á sepultura! E, pois que Deus não quiz que eu fosse morto ás suas mãos, vá a sr.ª com Deus, que eu de mim lhe perdôo a tentativa, e não sei mesmo se lhe perdoaria a morte, porque as dores da minha vida são mais intensas que a instantanea agonia de uma punhalada. Vá em paz, vá para a companhia de sua mãe, restabeleça a sua alma enferma com a consolação das lagrimas, e da oração, se crê n'outra vida; e, quando pedir a Deus que chame a si as almas que padecem, lembre-se tambem de mim, e d'aquella pobre menina a quem a senhora alguns annos chamou a sua querida Ignez.

D. Rojo abriu a porta, passou ao topo da escada, chamou os aguasis, e disse-lhes:

— Vão acompanhar esta senhora a sua casa, e recebam as suas ordens. Teem de acompanhal-a até á fronteira, e d'ahi seguirão até onde a sr.ª D. Thereza quizer ser acompanhada.

Depois, conduziu-a até ao pateo, e disse-lhe commovido:

— Adeus! N'este mesmo sitio a vi eu muitas vezes abraçada com minha filha... Adeus!

*

* *

Logo que entrou em Portugal, Thereza de Jesus escreveu ao commerciante do Porto, dizendo-lhe que esperava sua mãe na Golegã para d'alli seguirem para Guimarães.

A viuva de Antonio Maria das Neves, seductor de Ignez de Valderas, ia compenetrada da certeza

de morrer. Traçára o plano da sua agonia, encerrando-se no quarto onde nascera, esquivar-se aos olhares affrontosos de toda a gente, e assim acabar.

Não succedeu assim. E' verdade que se encerrou; mas não morreu. Na solidão, muitas vezes, é que as almas doentes convalecem e se fortificam. Saudades do segundo marido não podiam ser mais pungentes do que costumam ser as saudades dos maridos honrados. O tempo entrou a ministrar-lhe os seus antidotos, e o coração portanto a sentir-se, de mez para mez, mais desobstruido, o appetite a apparecer, e as primaveras dos annos subsequentes a abrirem-lhe na alma umas novas auroras e renovadas florecencias.

Por morte de Feliciana, que ainda durou doze annos, Thereza de Jesus herdou o necessario e o superfluo a uma abastada mediania. Na volta dos quarenta annos, afervorou-se na religião de Jesus Christo, comprehendendo-o pela divindade dos preceitos da esmola. Era muito caritativa; não rezava muito; mas indagava as miserias envergonhadas; e acontecia sair de casa para ir á egreja e esquecer-se da egreja, se acertava de encontrar uma casinha de pobres onde houvesse fome de pão e de palavras confortadoras.

*

* *

Em 1873, vindo eu de Santo Antonio das Taipas a Guimarães, por uma manhã de junho, entrei no cemiterio com um meu amigo.

Estava o coveiro a aplanar com a enxada um vallo de sepultura.

— Quem se enterrou ahi? — perguntou o meu amigo.

— Foi a D. Thereza da rua dos Fornos.

— Ah! já sei... — disse o meu companheiro. — Era a viuva do enforcado.

— A viuva do enforcado! — perguntei eu. — Que é isso?

— Eu lhe conto.

E referiu-me a historia.

Perguntei-lhe, afinal, por Caetana, porque eu — que excentricidade! — achei aquella Caetana uma peça verdadeiramente nacional, portugueza de todos os quilates.

— Caetana — explicou o meu amigo — voltando para Guimarães, já não encontrou o anspeçada: e, passados dois annos, soube que elle capitulára em Evora Monte, e se recolhera a Cabeceiras de Basto com as divisas de segundo sargento e sem o braço esquerdo. Pediu licença á ama para o ir ver e consolar na sua decadencia e valer-lhe na pobreza. Foi, com effeito, e encontrou-o deitado na eira de um lavrador, a fumar cachimbo, de barriga ao ar. Reconheceram se e exclamaram mutuas expansões e protestos de nunca mais se apartarem. Casaram; e, como Caetana amealhára, nas aguas turvas dos infortunios da ama, algumas duzias de moedas, abriram uma estalagem em Cavez. Viviam felizes, quando appareeeu em Portugal o Macdonell por 1846. O sargento apresentou-se ao caudilho escocez, e foi logo feito tenente quartel-mestre. Na refrega de

Braga, morreu o marido de Caetana batendo-se valentemente nas trincheiras da Cruz da Pedra. A viuva, quando teve a funesta noticia, parece que esteve a morrer; mas resistiu, porque estava muito nutrida. Fechou a estalagem, e começou a emprestar dinheiro a juro de 10 por cento ao mez, e a rezar muito por alma do marido.

E assim a rezar, a emprestar dinheiro, e a engordar, ainda vive n'este anno de 1877, em Margaride, sua terra natal.

FIM

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 3.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 3.ª ed. (1895), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL, (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES, *(ed. do Ateneo de Madrid*, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200 rs.

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br. 500 rs.
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Livraria de Antonio Maria Pereira

CASA EDITORA

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

Obras de José Quintino Travassos Lopes

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 28.ª edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.ª edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.ª edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.ª edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart, 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.ª parte, 9.ª edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 300 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.—2.ª parte, 6.ª edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anecdotas, fabulas, etc. — noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Noções elementares de geometria intuitiva, contendo 97 gravuras, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Grammatica elementar da lingua portugueza, 22.ª edição, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

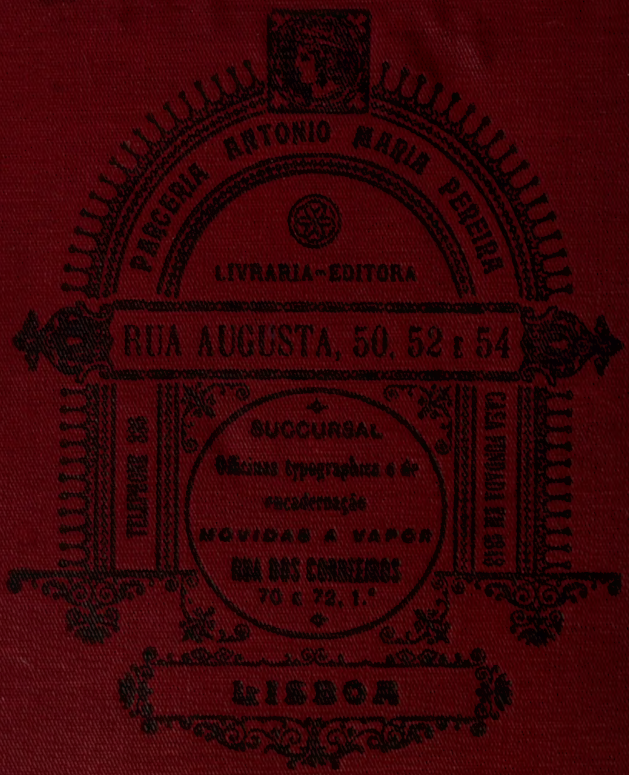
Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão —Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as coustruir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos : — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.


PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
RUA AUGUSTA, 50. 52 E 54
TELEPHONE 395
CAIXA TELEGRAPHICA 313
SUCCURSAL
Oficinas typographica e de encadernação
MOVIDAS A VAPOR
RUA DOS CONDEIROS
70 E 72, 1.º
LISBOA